



**ARIANY ANDRIOLO PEDROSO**

**DA EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO À INSCRIÇÃO NO  
SIMBÓLICO: O CONCEITO DE DESEJO ENTRE SIGMUND  
FREUD E JACQUES LACAN**

**LAVRAS - MG**

**2025**

**ARIANY ANDRIOLO PEDROSO**

**DA EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO À INSCRIÇÃO NO SIMBÓLICO: O  
CONCEITO DE DESEJO ENTRE SIGMUND FREUD E JACQUES LACAN**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, área de concentração em Temas de Filosofia Contemporânea, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Léa Carneiro Silveira  
Orientadora

**LAVRAS – MG  
2025**

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo(a) autor(a) através do Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA.**

Andriolo Pedroso, Ariany.

Da experiência de satisfação à inscrição no simbólico : o conceito de desejo entre Sigmund Freud e Jacques Lacan / Ariany Andriolo Pedroso. 2025.

121 p. : il.

Orientadora: Léa Carneiro Silveira

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Filosofia (Licenciatura) - Universidade Federal de Lavras, 2025.  
Bibliografia.

1. desejo. 2. falta. 3. inconsciente. 4. linguagem. I. Carneiro Silveira, Léa , orient. II. Universidade Federal de Lavras. III. Título.

**ARIANY ANDRIOLO PEDROSO**

**DA EXPERIÊNCIA DE SATISFAÇÃO À INSCRIÇÃO NO SIMBÓLICO: O  
CONCEITO DE DESEJO ENTRE SIGMUND FREUD E JACQUES LACAN**

**FROM THE EXPERIENCE OF SATISFACTION TO THE INSCRIPTION IN THE  
SYMBOLIC: THE CONCEPT OF DESIRE BETWEEN SIGMUND FREUD AND  
JACQUES LACAN**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, área de concentração em Temas de Filosofia Contemporânea, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 27 de março de 2025  
PROFA. DRA. Ariana Lucero UFES  
PROF. DR. Malcom Guimarães Rodrigues UEFS/UFBA

Profa. Dra. Léa Carneiro Silveira  
Orientadora

**LAVRAS-MG  
2025**

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Federal de Lavras (UFLA) e ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

À professora Dra. Léa Silveira, pela orientação, dedicação, paciência e generosidade durante todo o mestrado.

À coordenação e aos professores.

Aos meus pais, Elaine e Carlos, e à minha irmã, Inara, pelo apoio e amor.

Aos meus avós Argemira e João (em memória), ao meu tio Eduardo, pelo amor e suporte durante toda a minha vida e, principalmente, durante a pós-graduação.

Ao companheiro, João Pedro, pelo amor, suporte e incentivo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

Muito obrigada!

## RESUMO

A pesquisa tem como objetivo compreender por que a noção de desejo em Lacan exige uma nova conceituação e identificar os fundamentos que sustentam a necessidade dessa reformulação. Partindo da centralidade da linguagem, o estudo concentra-se no desenvolvimento que Lacan aporta ao conceito de inconsciente, abordando os três registros da experiência propostos pelo psicanalista – Imaginário, Simbólico e Real – e a distinção entre necessidade, demanda e desejo, sendo este último estruturado como um efeito da falta simbólica. Ao enfatizar a impossibilidade de realização do desejo, a pesquisa busca evidenciar como Lacan avança em sua abordagem do conceito de desejo a partir da ideia de hiato estrutural na linguagem. No primeiro capítulo, analisa-se a definição freudiana de desejo, destacando sua relação com a experiência de satisfação e a dinâmica do inconsciente na primeira teoria do aparelho psíquico. O segundo capítulo apresenta a construção do conceito de desejo em Lacan, enfatizando a importância da linguagem e a diferenciação entre necessidade, demanda e desejo. Já o terceiro capítulo aprofunda a distinção entre o inconsciente freudiano e o lacaniano, abordando a castração simbólica, a função paterna e os conceitos de *das Ding* e objeto *a*, fundamentais para compreender o movimento contínuo do desejo na relação com a fantasia.

**Palavras-chave:** desejo; falta; inconsciente; linguagem.

## ABSTRACT

This research aims to understand why the notion of desire in Lacan requires a new conceptualization and to identify the foundations that justify this reformulation. Centered on the primacy of language, the study focuses on the development that Lacan brings to the concept of unconscious, addressing the three registers of experience proposed by the psychoanalyst—Imaginary, Symbolic, and Real—as well as the distinction between need, demand, and desire, the latter being structured as an effect of symbolic lack. By emphasizing the impossibility of fulfilling desire, the research seeks to demonstrate how Lacan advances his approach to the concept of desire through the idea of a structural gap in language. The first chapter examines Freud's definition of desire, highlighting its connection to the experience of satisfaction and the dynamics of the unconscious in his first theory of the psychic apparatus. The second chapter explores Lacan's construction of the concept of desire, emphasizing the role of language and the differentiation between need, demand, and desire. The third chapter further distinguishes between the Freudian and Lacanian conceptions of unconscious, addressing symbolic castration, the paternal function, and the concepts of *das Ding* and *object a*, which are fundamental to understanding the continuous movement of desire in relation to fantasy.

**Keywords:** desire; lack; unconscious; language.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>Freud e o desejo: sob a luz da interpretação dos sonhos.....</b>	<b>19</b>
2.1	A experiência de satisfação.....	23
2.2	Desejo e sonho.....	28
2.3	A busca comum pelo desejo em Freud e Lacan.....	35
<b>3</b>	<b>Lacan e o desejo: Uma exposição de conceitos fundamentais.....</b>	<b>40</b>
3.1	A centralidade da linguagem na configuração da psicanálise.....	41
3.1.1	A linguagem na formação do sujeito.....	43
3.1.2	A linguagem como chave para o inconsciente.....	45
3.2	A dinâmica de significante e significado no psiquismo.....	47
3.3	Metáfora e metonímia associadas à condensação e ao deslocamento.....	50
3.4	Os três registros de Lacan: Simbólico, Imaginário e Real.....	53
3.4.1	O Imaginário.....	53
3.4.2	Nome-do-Pai ou metáfora paterna.....	57
3.4.3	Considerações sobre a fala vazia e fala plena.....	62
3.4.4	O Real.....	63
3.5	O Real e o sonho.....	69
3.6	Necessidade/ demanda/desejo.....	71
3.7	Grafo do desejo.....	76
<b>4</b>	<b>Desejo, falta e linguagem: o salto teórico de Lacan.....</b>	<b>85</b>
4.1	Pensando o inconsciente a partir da linguagem.....	86
4.2	Necessidade, demanda e desejo: Da perspectiva freudiana ao avanço lacaniano.....	93
4.3	O papel da fantasia no desejo segundo Lacan.....	100
4.4	Relações entre das Ding e desejo em Lacan.....	104
4.5	Além de Freud, o desejo com Lacan.....	108
<b>5</b>	<b>Considerações finais.....</b>	<b>110</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>116</b>

## 1 Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as divergências entre de Freud e de Lacan no que diz respeito ao conceito de desejo. Ao longo dos capítulos desta dissertação, vamos explorar como esses dois pioneiros da psicanálise abordam o desejo de maneira significativamente diferente, concentrando-nos na primeira teoria do aparelho psíquico de Freud<sup>1</sup>, destacando a noção de desejo que se estabelece na obra *A interpretação dos sonhos* (1900/2019), e no período da obra de Lacan que vai do fim dos anos 40 ao fim dos anos 60, tomando em consideração, especialmente, os primeiros 6 seminários e o início do sétimo.

O desejo é uma peça fundamental no estudo da psicanálise, pois ele é a força que impulsiona nossas ações e pensamentos, influenciando-os mesmo que, e sobretudo quando, não estejamos conscientes dele, “pois nada além de um desejo pode impelir nosso aparelho psíquico a trabalhar” (Freud, 1900/2019, p. 619). No entanto, as abordagens de Freud e Lacan sobre conceitos de desejo e de inconsciente diferem consideravelmente. Ainda que Lacan denomine seu projeto como um “Retorno a Freud”, a partir da elaboração de seus próprios conceitos, principalmente tendo em vista seu foco em centralizar a linguagem no campo psicanalítico e diferenciar necessidade, demanda e desejo, sustentam-se as diferenças entre os dois autores. Com isso, se faz necessário analisar o conceito de desejo em ambos os psicanalistas a fim de discutir a questão diretriz da pesquisa que proponho: por que a formulação do conceito de desejo em Lacan precisa distanciar-se do conceito de desejo estabelecido por Freud?

Antes de avançarmos na discussão sobre a formulação lacaniana do desejo, é importante destacar em que medida Freud e Lacan partem de uma mesma questão: a tentativa de compreender a dinâmica do desejo, ainda que, embora ambos investiguem esse movimento, suas concepções se diferenciem na forma como o estruturam e explicam .

O desejo, tanto para Freud quanto para Lacan, corresponde a uma busca por preencher algo que nunca poderá ser preenchido, ou seja, haverá sempre a procura de uma completude, mas que é impossível de ser alcançada. Tal pensamento é comum aos dois autores. Podemos apontar essa ideia em Freud a partir da conceituação da experiência de satisfação, a qual o

---

<sup>1</sup> A primeira teoria do aparelho psíquico é abordada nesta dissertação por ser a base a partir da qual Freud desenvolve sua teoria sobre os sonhos, permitindo compreender sua concepção de desejo.

indivíduo sempre busca reviver, ainda que isso seja impossível. Esse movimento de investimento para a busca de vivenciar novamente tal experiência é o desejo.

O desejo em Lacan pode também ser observado a partir da perspectiva de algo impossível de ser alcançado, ainda que haja essa busca. No pensamento lacaniano, o conceito de desejo se apresenta a partir da relação entre necessidade e demanda. É importante destacar que o conceito de demanda não está presente no corpo conceitual freudiano, sendo uma elaboração introduzida por Lacan para aprofundar a articulação entre linguagem e desejo. A necessidade traz a condição biológica do ser humano, apresentando uma urgência que precisa ser atendida por um outro, como é o caso da fome. Tendo em vista o campo Simbólico, essa necessidade é traduzida em forma de demanda, a partir da linguagem. Dado que a linguagem nunca poderá abarcar completamente essa necessidade, visto que é impossível traduzi-la a partir de símbolos, se forma o hiato, a falta que não se preenche, a qual Lacan denomina desejo. É, portanto, a partir do campo Simbólico, no uso da linguagem, que se “situa o desejo do homem bem no seu lugar, ou seja, no seu ponto estritamente enigmático.” (Lacan, 2013/2016, p. 56).

Embora sejam epistemologicamente distintos — com Freud fundamentado em sua metapsicologia e na estrutura psíquica, enquanto Lacan se afasta do psicologismo ao vincular-se à linguagem e à filosofia —, é possível interpretar que o conceito de desejo em ambos os psicanalistas compartilha um mesmo objetivo: explicar a incessante busca do sujeito por preencher algo que jamais poderá ser plenamente preenchido.

O *Dicionário de Psicanálise*, elaborado por Roudinesco e Plon, ao estabelecer o conceito de desejo, aponta o elo presente entre o desejo em Freud e em Lacan, evidenciando que se trata de uma mesma busca, de um mesmo objetivo, mas sem deixar de pontuar que os caminhos percorridos pelos dois autores se mostram distintos.

Em Freud, o desejo (*Wunsch*) é, antes de mais nada, o desejo inconsciente. Tende a se consumir (*Wunschfüllung*) e, às vezes, a se realizar (*Wunschbefriedigung*). Por isso é que se liga prontamente à nova concepção do sonho, do inconsciente, do recalque e da fantasia. Daí esta definição que não variaria mais: o desejo é desejo inconsciente e realização de desejo. Em outras palavras, é no sonho que reside a definição freudiana do desejo: o sonho é a realização de um desejo recalçado e a fantasia é a realização alucinatória do desejo em si. [...] Lacan não opôs uma filosofia do desejo a uma biologia das paixões, *mas utilizou um discurso filosófico para conceituar a visão freudiana*, que julgou insuficiente. Assim, estabeleceu um elo entre o desejo baseado no reconhecimento (ou desejo do desejo do outro)

e o desejo inconsciente (realização no sentido freudiano) (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 147, grifo meu).

Para conseguirmos investigar sobre o desejo em Freud, o primeiro passo é analisar a relação deste conceito com o inconsciente, conforme formulado na primeira tópica. Esse recorte se justifica porque é nesse período que Freud desenvolve sua teoria dos sonhos e estabelece o desejo como a realização de um conteúdo recalçado. O inconsciente, descrito como um sistema regido pelo processo primário, opera sem reconhecer contradições, temporalidade ou a lógica da realidade que Freud denomina “material”, funcionando com base no princípio do prazer. Diferente do sistema pré-consciente/consciente, que segue o processo secundário, o inconsciente abriga conteúdos recalçados que não desaparecem, mas retornam sob formas deslocadas, como nos sonhos e sintomas. Essa concepção permite a Freud afirmar que o desejo não é eliminado, mas sim recalçado, apresentando-se somente diante de modificações pelos mecanismos da censura psíquica.

Na primeira teoria do aparelho psíquico, Freud organiza a dinâmica do psiquismo em sistemas: inconsciente (ics), pré-consciente/consciente (pcs-cs). O inconsciente é composto por representações recalçadas, que podem ou não já terem sido acessadas pela consciência, que buscam expressão, sendo barradas pela censura, a qual impede seu acesso direto à consciência. O processo primário, característico do inconsciente, permite o livre fluxo de energia entre os traços mnêmicos, o que tende a causar a alucinação, como ocorre por exemplo nos sonhos, nos quais os conteúdos recalçados se manifestam de maneira distorcida como percepção. Já o processo secundário, predominante no pré-consciente/consciente, está submetido à realidade e à coerência lógica.

Para pensarmos sobre o desejo em Freud, é essencial abordar a experiência de satisfação. O psicanalista revela que, ao vivenciar uma necessidade fisiológica, a criança experimenta um momento em que essa necessidade é suprida por um agente externo (mãe), instaurando um traço mnêmico dessa satisfação. Quando essa urgência ressurgir, o traço de memória é reativado, orientando a busca por uma repetição da experiência original. Esse movimento de busca, no entanto, nunca se realiza de forma idêntica, o que já nos dá indícios sobre a dinâmica do desejo em Freud. O desenvolvimento dessa primeira vivência será essencial para compreendermos como Lacan reformula a ideia de desejo.

É importante nos dedicarmos aos pontos principais do estudo sobre os sonhos, pois a partir dele Freud elabora sua teoria sobre o desejo. Em *A Interpretação dos Sonhos*

(1900/2019), ele define o sonho como a via régia para o inconsciente, demonstrando que todo sonho é, em última instância, a realização de um desejo recalçado infantil. Contudo, essa realização não ocorre de forma direta, pois os mecanismos do sonho transformam o conteúdo latente em um conteúdo manifesto, transformando o conteúdo de modo a disfarçar a realização do desejo. O sonho, assim como os sintomas, portanto, revela o desejo inconsciente ao mesmo tempo que o disfarça, permitindo seu acesso à consciência mas não de maneira explícita. A compreensão desses pontos rapidamente aqui mencionados, aliados a outras formulações fundamentais de Freud, é essencial para apreendermos de forma mais ampla sua teoria sobre o desejo.

Traçar um caminho é fundamental para compreender como Lacan, em vez de rejeitar a concepção freudiana, a expande e a reformula, promovendo um avanço na psicanálise ao estabelecer uma nova definição para o desejo, centralizando a referência à linguagem e inserindo a dimensão simbólica. Ele mostra como a entrada do sujeito na linguagem transforma a necessidade em demanda e cria o desejo como um hiato estrutural, uma ausência fundamental que não se reduz à busca pela vivência de satisfação. Além disso, o inconsciente em Lacan não é uma instância psíquica, como em Freud, mas uma relação com a linguagem. Esses pontos centrais, junto a outros aspectos fundamentais da teoria lacaniana, precisam ser abordados para uma compreensão mais ampla do desejo em Lacan. Laplanche e Pontalis, no *Vocabulário da Psicanálise*, destacam essa reformulação lacaniana a partir da elaboração sobre o desejo em Freud, ainda que isso signifique estabelecer uma nova composição:

J. Lacan procurou recentrar a descoberta freudiana na noção de desejo e recolocar esta noção no primeiro plano da teoria analítica. Nesta perspectiva, foi levado a distingui-la de noções com as quais muitas vezes é confundida, como as de necessidade e demanda (Laplanche e Pontalis, 1982/2001, p. 114).

Assim, é importante destacar que esta pesquisa busca evidenciar o avanço lacaniano sobre a psicanálise que o leva a um novo conceito de desejo, diferente do estabelecido por Freud. Contudo, também é preciso ter em vista que, mesmo apresentando conceitos diferentes, o ponto em comum dos dois psicanalistas está em apresentar o desejo como essa busca incessante do indivíduo para preenchê-lo, mesmo se tratando de algo impossível de ser efetuado.

Se se trata, então, por assim dizer, de um mesmo fenômeno, a questão que se coloca é: por que Lacan se distancia do conceito de desejo estabelecido por Freud? Para que essa

questão seja respondida, é preciso compreender, inicialmente, o afastamento do psicologismo<sup>2</sup> proposto por Lacan. Na medida em que ele estabelece, desde o início de seu percurso intelectual, o lugar do sintoma como algo vinculado ao social. A crítica de Lacan em sua tese de doutorado, *Da psicose paranóica e sua relação com a personalidade* (1932/1987), aponta para os limites da psicologia científica ao extremo, especialmente quando esta reduz e simplifica o sujeito:

prosseguindo com o conhecimento de causa a extração de todo resíduo metafísico, acabam por perder de vista a realidade experimental, que as noções confusas da experiência comum recobrem, e são levados a reduzi-la a ponto de a tornarem irreconhecível ou, ao extremo, de a rejeitarem totalmente; como tais se revelam essas teorias extremas da psicologia científica, em que o sujeito não é mais nada a não ser o lugar de uma sucessão de sensações, de desejos e de imagens (Lacan, 1932/1987, p. 23/24).

Para Lacan, não há como pensar o sujeito desejante somente diante de uma constituição dada pela psicologia científica, já que o sujeito está inserido em relações sociais e a sua subjetividade precisa ser pautada, ou seja, é preciso compreender o modo como o sujeito reage a partir das influências com as quais se depara e, “assim, o sujeito não é visto como um mero resultado de um arranjo de influências, mas dotado de uma ‘estrutura reacional’” (Silveira, 2022, p.19).

Lacan, então, organiza seus argumentos<sup>3</sup> a fim de defender a linguagem como chave para a compreensão do inconsciente, levando em consideração seus aspectos, como o significante, o significado, a voz, a fala vazia e a fala plena. O desenvolvimento desses pontos e o destaque dado à linguagem são cruciais para que o conceito de desejo seja elaborado. No texto *A psicanálise e seu ensino* (1957/1998), Lacan nos diz sobre a relação entre linguagem e inconsciente:

---

<sup>2</sup> Lacan, a partir de sua tese de doutorado intitulada *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade* (1987), enfatiza como a psicanálise, para a compreensão das psicoses, precisa evidenciar a importância do ambiente e das relações nos quais o indivíduo está inserido e como tais coisas o influenciam. Essa relação social aponta, então, um distanciamento da tese de Freud sobre o aparelho psíquico, como aponta Simanke: “ esta ênfase no meio circundante vai marcar - num contraste marcante com Freud, cuja concepção da realidade tendia sistematicamente a ser reabsorvida no aparelho psíquico - toda a obra de Lacan, mesmo que depois este meio se metamorfoseie na "estrutura da linguagem" que, enquanto tal, permanece sempre externa ao sujeito, cuja condição neurótica ou psicótica vai depender, inclusive, do fato dele aí ingressar ou não (Simanke, 1997, p. 90)”.

<sup>3</sup> Embora seja reconhecida a significativa influência da filosofia e da linguística na teoria de Lacan, com contribuições de autores como Hegel, Kojève, Lévi-Strauss, esses aspectos não serão explorados nesta pesquisa. No entanto, Saussure será mencionado na discussão sobre a relação entre significante e significado.

Se o inconsciente pode ser objeto de uma leitura com que se esclareceram tantos temas míticos, poéticos, religiosos e ideológicos, não é porque introduza em sua gênese o elo intermediário de uma espécie de significatividade da natureza no homem, ou de uma assinatura rerum mais universal, que estivesse no princípio de seu possível ressurgimento em qualquer indivíduo. O sintoma psicanalisável, seja ele normal ou patológico, distingue-se não apenas do índice diagnóstico, mas de qualquer forma apreensível de pura expressividade, por se sustentar numa *estrutura que é idêntica à estrutura da linguagem*. E com isso não nos referimos a uma estrutura a ser situada numa pretensa semiologia generalizada, a ser arrancada de seu limbo, mas à estrutura da linguagem tal como se manifesta nas línguas que chamarei positivas, as que são efetivamente faladas por massas humanas.(Lacan, 1957/1998, p. 445, itálico meu).

Lacan enfatiza, portanto, que a estrutura do inconsciente é a estrutura da linguagem, pois é na articulação dos significantes que o sujeito e seu desejo se constituem. A relação entre significante e significado não é fixa, e é dessa instabilidade que o desejo se manifesta. Assim, a centralidade que Lacan confere à linguagem é o que impulsiona sua proposta de uma concepção específica de desejo. Compreender a relação entre inconsciente e linguagem será, portanto, um passo essencial para avançarmos na investigação sobre a formulação lacaniana do desejo.

Para compreender o desenvolvimento lacaniano do desejo, é necessário abordar nesta pesquisa a estruturação dos três registros da experiência: Imaginário, Simbólico e Real. O sujeito desejante se localiza na interação desses três campos, o que demonstra a importância de se entender de que modo o psicanalista os conceitua para que o objetivo da pesquisa seja atingido.

É importante estudarmos a noção de Imaginário, pois é a partir dele e de seu desenvolvimento desde o estágio do espelho que compreenderemos como a criança, ao se ver refletida, passa a se entender como completa e por que essa completude é ilusória. A ideia de plenitude e a ilusão da criança como objeto do desejo do Outro (mãe) representam mais um passo no percurso traçado por Lacan para a compreensão do desejo.

Assim, também será abordado o campo Simbólico, pois é por meio dele que compreenderemos como a linguagem estrutura a subjetividade e influencia a constituição do desejo. Lacan associa esse registro à entrada do sujeito na linguagem, processo que se dá por meio da Lei Paterna e da castração simbólica. Esse momento é decisivo, pois marca a passagem do sujeito de uma relação imediata com a mãe para uma ordem regulada pelas leis e significantes. A reformulação lacaniana do complexo de Édipo evidencia como essa inserção no Simbólico rompe a ilusão de completude e inscreve a falta como estruturante do desejo.

Em 1953, Jacques Lacan tornou a centrar a questão edípica na triangulação, mas levando em conta as contribuições da escola kleiniana. No âmbito de sua teoria do significante e de sua tópica (Imaginário, Real e Simbólico), ele definiu o complexo de Édipo como uma função simbólica: o pai intervém sob a forma da lei, para privar a criança da fusão com a mãe (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 168).

O campo do Real será estudado, pois ele representa um elemento central na teoria lacaniana e permite compreender os limites da simbolização e seus efeitos sobre o desejo. Esse registro, assim como descreve Lacan, caracteriza-se como aquilo que escapa à simbolização, um registro que resiste à linguagem e se manifesta como impossível de representar no discurso.

Outro movimento importante desta pesquisa será dar destaque a um dos grandes avanços da psicanálise, fundamental para evitar a confusão dos termos e a redução do conceito de desejo: a formulação de Lacan que estabelece a diferenciação e conceituação de três instâncias distintas: necessidade, demanda e desejo.

A necessidade, segundo Lacan, refere-se às exigências biológicas para a manutenção vital, como a fome, a sede e o sono, que são satisfeitas pelo Outro. No entanto, a partir da mediação do Outro, para além do atendimento da necessidade, há também um conjunto de ações de atenção, o que estabelece uma relação que vai além da simples satisfação da necessidade.

Quando o sujeito, inserido linguisticamente pela função paterna, expressa sua necessidade no campo da fala, ela se transforma em demanda. Como a linguagem não possui significantes que comportem essa tradução em sua totalidade, uma falta se estrutura. A compreensão sobre essa falta diante da falha na tradução nos levará à ideia de desejo estabelecida por Lacan.

Será necessário abordar essa relação entre necessidade, demanda pois é o intervalo entre elas que revela um hiato fundamental, uma vez que os significantes nunca capturam totalmente a demanda. Essa impossibilidade de uma resposta absoluta à demanda é o que nos leva ao desejo lacaniano que não se satisfaz e está sempre em busca de algo sempre além. Compreender essa dinâmica será compreender o desejo.

Elaborando a distinção entre necessidade, demanda e desejo, Lacan observa que é o outro, a mãe ou seu substituto, que confere um sentido à necessidade orgânica, expressa sem nenhuma intencionalidade pelo lactente. Em decorrência disso, a criança vê-se inscrita, à sua revelia, numa relação de

comunicação em que esse outro (o outro minúsculo), pela resposta que dá à necessidade, institui a existência pressuposta de uma demanda. Em outras palavras, a partir desse instante, a criança é remetida ao discurso desse outro, cuja posição exemplar contribui para a constituição do Outro (Outro maiúsculo). A satisfação obtida pela resposta à necessidade induz à repetição do processo, ancorado no investimento pulsional: a necessidade transforma-se então em demanda propriamente dita, sem que, no entanto, o gozo inicial, o da passagem da sucção para o chuchar, possa ser resgatado. O Outro originário permanece inatingível, barrado pela demanda que se tornou ilusoriamente primária. Esse Outro, objeto dessa demanda impossível, torna-se, no seminário do ano de 1959-1960, A ética da psicanálise, a coisa (*das Ding*), objeto impossível, “fora do significado” (Roudinesco e Plon, 1997-1998, p. 299-300).

Portanto, em resumo, a necessidade relaciona-se a aspectos biológicos voltados para a sobrevivência; a demanda surge como a expressão dessa necessidade, traduzida pela linguagem e direcionada ao Outro; já o desejo, por sua vez, emerge da falta, constituída na relação entre necessidade e demanda, representando aquilo que escapa à possibilidade de plena articulação. Sales (2009) nos diz no texto *Psicanálise lacaniana e estruturalismo: a condução do desejo como função pura a um plano transcendental*

Eis as linhas gerais do processo de substituição da posição originária do sujeito na necessidade – na qual ele ainda não se encontra instituído – pelas condições estruturais dispostas pelo significante que, inscritas no corpo e na história, conformam a particularidade de cada destino. Por ele, relacionar-se ao Outro (ou fazer uso da linguagem e ser nela capturado) corresponde a dissolver o vínculo entre desejo e satisfação. Por ele, o desejo do homem tem seu sentido encerrado no desejo do Outro. Não porque este estivesse em posição de determinar objetos adequados à sua satisfação, mas porque o seu primeiro (no sentido do que vem antes e no sentido do que é mais importante) querer é ser reconhecido pelo Outro (Sales, 2009, p. 543-544).

Portanto, para compreendermos a formulação lacaniana do desejo, será necessário, ao longo desta pesquisa, estabelecer uma comparação com a teoria freudiana. Enquanto Freud associa o desejo à experiência de satisfação, Lacan reformula essa noção ao introduzir os conceitos de demanda e falta estrutural. A relação entre necessidade, demanda e desejo será, então, um ponto central de análise, permitindo investigar como essa reformulação desenvolve a concepção de desejo e suas implicações para a psicanálise.

O texto também destacará a diferença entre como Freud e Lacan compreendem o inconsciente. O foco será em desenvolver como, enquanto Freud o define como um reservatório de conteúdos recalçados, Lacan reformula essa noção ao inscrevê-lo na estrutura da linguagem. Essa distinção será essencial para entendermos como Lacan, ao evidenciar o papel da linguagem no inconsciente, a relação entre desejo, falta e significação, como também o papel da fantasia e do objeto *a*.

O tema desta pesquisa é atual e segue sendo amplamente discutido no meio acadêmico. Como exemplo desse interesse, cito duas dissertações de mestrado recentes: uma em Psicologia, intitulada *O desejo na psicanálise: do objeto do desejo ao objeto causa de desejo* (2018), e outra em Filosofia, *Lacan e o retorno a Freud: os caminhos da formalização da subversão do sujeito e da dialética do desejo* (2013).

Sobre a primeira dissertação, Araújo realiza uma investigação sobre o desejo na psicanálise, traçando um percurso que, embora não seja comparativo entre Freud e Lacan, destaca as principais características do conceito em cada autor. Ainda que não aprofunde os pontos que diferenciam suas formulações, a autora ressalta as conceituações de ambos os psicanalistas. A seguir, apresento dois trechos selecionados em que Tatiely Araújo discorre sobre essas concepções.

#### O desejo em Freud:

Ele relaciona o desejo com a necessidade, que faz com que haja a satisfação por meio de uma ação externa inscrevendo no psiquismo a experiência de satisfação. Assim que esse estado de desejo ressurgir, o aparelho psíquico alucinará com vistas a conseguir aquela satisfação registrada na memória. Logo, compreendemos que é através da inscrição das primeiras satisfações, a partir dos estados de desejo, que o aparelho psíquico sempre procurará reevocar. E assim, o desejo se encontra como peça primordial para que o aparelho psíquico possa constituir-se. (Araújo, 2018, p. 86).

#### O desejo em Lacan:

O desejo toma o aspecto de uma “condição absoluta” por se tratar do engano que retira de uma necessidade particular a matéria prima para se constituir, e por abolir a dimensão do Outro como tal, já que diz de uma condição em que o Outro não tem que aceitar ou recusar. Logo, ele se faz enquanto desmedido, sem nenhum parâmetro posto pelo objeto, já que o objeto não se faz presente (Araújo, 2018, p. 94).

Ao analisar essas duas citações, percebemos que, em Freud, o desejo está ligado à tentativa de reviver uma experiência de satisfação originalmente proporcionada por um objeto que supriu uma necessidade. Já em Lacan, o desejo não pode ser reduzido à necessidade, pois, ao se transformar em demanda, ultrapassa aquilo que poderia ser plenamente atendido. Por isso, ele é descrito como "desmedido", pois não se fixa em um objeto específico e, se o fizesse, a demanda poderia ser satisfeita. Dessa forma, o desejo se configura como um movimento incessante, estruturado como algo inalcançável, sem fim.

Aqui, portanto, percebemos as diferentes conceituações de desejo para esses dois psicanalistas apontados pela autora: num caso, ele é situado na experiência de satisfação, no

outro ele é tomado como falta diante da tradução de necessidade em demanda. Ainda que essas dessemelhanças sejam apontadas, Araújo não desenvolve sobre os motivos dessas diferenças.

Já na segunda dissertação, Moreschi, através de suas investigações sobre os seminários lacanianos, centraliza a ideia da indissociabilidade entre sujeito e desejo e articula em seus capítulos, tendo como base o texto *Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*, que a ideia de inconsciente em Lacan é diferente da proposta por Freud.

Indo mais especificamente em suas pontuações sobre o desejo laciano, percebemos que a autora defende haver avanço na ideia de desejo em Lacan, comparativamente a Freud, como é possível observar neste trecho ao pensar a experiência de satisfação:

E é neste ponto justamente que se distancia a concepção laciana de desejo, posto que para Lacan a dimensão característica do desejo é que jamais ele pode, mesmo que provisoriamente, encontrar seu verdadeiro objeto de satisfação, nem mesmo no Outro (Moreschi, 2013, p. 86).

Ao percorrer os capítulos, a autora aponta muitos elementos que descrevem o movimento que o desejo faz no inconsciente, sua relação com a linguagem e determinação para a compreensão do que é o sujeito laciano. Especificamente sobre o desejo freudiano, não são tão expressivas as menções, diferentemente do que ocorre com o conceito em Lacan.

Ao fim da dissertação, a autora reforça que há uma alteração no que se entende por desejo em Freud e Lacan. Nas palavras de Moreschi:

A problematização da clínica levou Lacan a pensar a constituição do sujeito. A problematização a respeito da constituição do sujeito levou à determinação da linguagem, que, por sua vez, o levou a ressignificar a dimensão do desejo (Moreschi, 2013, p. 101).

Destaco essas duas dissertações como exemplo para evidenciar que a questão do desejo em Freud e Lacan permanece em aberto, com múltiplos desdobramentos ainda a serem explorados. Embora ambas as pesquisas apontem para ideias diferentes entre as concepções dos dois autores sobre o desejo, a justificativa para essas diferenças existirem não ocupa um lugar central em seus estudos e, portanto, não é desenvolvida de forma aprofundada. Nesse sentido, esta pesquisa busca contribuir para o debate ao trazer à tona questões fundamentais que não apenas estão em sintonia com as discussões presentes nessas duas investigações-exemplo, mas também fomentam novas reflexões sobre o tema.

Então, a estrutura deste trabalho, composta por três capítulos, busca apresentar, no primeiro capítulo, uma visão geral do desejo em Freud a partir do conceito que é estabelecido na obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2019), destacando como a experiência de satisfação é fundamental para compreender a diferença lacaniana no desenvolvimento do conceito de desejo. Para isso, parte-se da primeira teoria do aparelho psíquico, que introduz os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente, e do papel dos processos primário e secundário na dinâmica psíquica. A experiência de satisfação é analisada em sua relação com o investimento de energia no aparelho psíquico, demonstrando como a tentativa de reviver essa experiência funda o desejo no modelo freudiano. Além disso, são abordados os mecanismos de funcionamento do inconsciente e o papel dos sonhos como via régia para a realização do desejo recalcado. Por fim, o capítulo destaca alguns pontos de aproximação e distanciamento entre as teorias de Freud e Lacan.

O capítulo dois seguirá com uma exposição dos principais conceitos abordados por Lacan – entre o fim dos anos 40 ao início dos anos 60 – para que seja possível apreender o avanço no conceito de desejo. Iniciaremos com o destaque à linguagem, essencial para compreender suas implicações na constituição do sujeito e do inconsciente, demonstrando como o inconsciente é sistema estruturado como linguagem. A partir disso, será explorada a dinâmica entre significante e significado e os mecanismos da metáfora e metonímia, aproximando os conceitos lacanianos das formulações freudianas sobre condensação e deslocamento. O desenvolvimento sobre os campos Imaginário, Simbólico e Real permitirá analisar como cada um desses registros participa da constituição subjetiva e da estruturação do desejo. Além disso, a diferenciação entre necessidade e desejo e a implementação do conceito de demanda serão abordadas como eixo fundamental para compreender a proposta lacaniana a respeito desses pontos, destacando como o desejo não se reduz à busca por uma satisfação perdida, mas emerge do hiato entre a necessidade e sua tradução na demanda. Dessa forma, esse capítulo estabelece as bases para que, no terceiro, possamos compreender o motivo pelo qual o percurso teórico de Lacan leva a um avanço do conceito de desejo em relação ao de Freud.

Por fim, o terceiro capítulo se dedica em aprofundar sobre a diferença entre o inconsciente a partir da primeira tópica freudiana e o inconsciente estruturado como uma linguagem em Lacan. A partir da análise de alguns passos do movimento do pensamento lacaniano, será possível compreender como a reformulação do desejo acontece não apenas como um trabalho específico com a teoria freudiana, mas como uma transformação que

substitui o desejo do campo da satisfação recalçada para o da falta estrutural. Para isso, analisaremos a castração simbólica e a função paterna na constituição do sujeito desejante, demonstrando como essa Lei instaurada pelo pai marca a passagem da relação imaginária com a mãe para o campo da linguagem e do Outro. A introdução do conceito de objeto *a* será central nesse percurso, pois evidenciará como o desejo se mantém em movimento contínuo, sempre buscando algo que lhe escapa. Assim, esse capítulo encerrará o percurso teórico desta pesquisa ao mostrar como a abordagem lacaniana reformula a base conceitual do desejo, trazendo uma nova concepção para a psicanálise.

## **2 Freud e o desejo: sob a luz da interpretação dos sonhos**

Iniciar esta pesquisa pela teoria freudiana não é apenas uma questão de ordem histórica, mas uma necessidade para a construção do pensamento que será desenvolvido ao longo desta dissertação. Freud, como fundador da psicanálise e o descobridor do inconsciente, fornece as ferramentas para a compreensão do funcionamento do aparelho psíquico e a dinâmica do desejo, conceito central a ser aqui analisado. A primeira teoria do aparelho psíquico, ao delinear os sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente, juntamente com a experiência de satisfação, fornece os fundamentos indispensáveis para o entendimento do conceito de desejo. Portanto, compreender o desejo em Freud é essencial para que, no capítulo seguinte, possamos observar a perspectiva lacaniana e seus principais conceitos e, ao final, explorar as diferenças que marcam essas duas teorias, com foco no conceito de desejo.

*A interpretação dos sonhos* (1900/2019) marca o início da elaboração freudiana sobre o funcionamento do aparelho psíquico, sendo considerada a obra inaugural de sua metapsicologia. Nela, Freud apresenta os fundamentos de sua teoria do inconsciente, destacando o papel central do desejo na formação dos sonhos e na dinâmica psíquica como um todo. Portanto, neste capítulo serão destacadas as principais características da primeira teoria do aparelho psíquico, bem como de seus sistemas. A experiência de satisfação será apresentada, juntamente com os processos primário e secundário. Estes conceitos servirão como base para a compreensão do conceito de desejo, que será desenvolvido a partir da teoria freudiana sobre os sonhos. Por fim, serão ressaltadas as razões pelas quais esta pesquisa se propõe a evidenciar certas distâncias entre Freud e Lacan acerca do desejo, destacando, contudo, o ponto de conexão entre essas duas perspectivas, demonstrando que o desejo que

Freud busca explicar é, em essência, o mesmo desejo que Lacan também se propõe a compreender.

Freud estrutura a primeira tópica a partir do rascunho *Projeto de uma Psicologia Científica* (1950 [1895]/ 1980), o qual se trata de uma publicação póstuma. Diante da teoria do aparelho psíquico, o psicanalista apresenta que o caminho percorrido por toda atividade psíquica se inicia nos “estímulos (internos e externos) e termina nas inervações” (Freud, 1900/2019, p. 587). Portanto, os estímulos, ponto em que se inicia essa atividade, referem-se a um sistema de percepção e, as inervações, ao sistema da motilidade. Desse modo, toda atividade possui um fluxo com o objetivo de se descarregar na função motora. Embora Freud já tivesse apontado esse movimento reflexo do aparelho no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950 [1895]/1980), o conceito foi explorado de forma mais detalhada no capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2019). Vejamos:

Em geral, o processo psíquico transcorre da extremidade perceptiva para a extremidade motora. [...] um requisito que há muito tempo nos é familiar, o de que o aparelho psíquico deve ser constituído como um aparelho reflexo. O processo reflexo continua a ser o modelo de toda atividade psíquica (Freud, 1900/2019, p. 587-588).

As percepções que são recebidas e gravadas no aparelho psíquico são denominadas “traços mnêmicos”, ou seja, traços de memória e, conforme as resistências entre esses traços são diminuídas, há uma associação, uma relação entre essas memórias. Dito isso, Freud afirma que o conteúdo da memória, os traços mnêmicos, “[...] nossas lembranças, inclusive as que estão gravadas mais profundamente em nós, são inconscientes em si mesmas. Elas podem ser tornadas conscientes [...]” (Freud, 1900/2019, p. 590).

Neste momento, precisamos destacar o modo como Freud divide aparelho psíquico na primeira tópica para então entendermos o funcionamento desses sistemas e o processo pelo qual o conteúdo inconsciente pode chegar à consciência. Os sistemas descritos são: inconsciente (ics), pré-consciente (pcs), consciente (cs).

Os conteúdos presentes no inconsciente incluem tanto elementos que nunca chegaram ao pré-consciente/consciente e permaneceram ali desde o início, quanto aqueles que foram posteriormente excluídos da consciência e, os processos os quais causam essa exclusão são a censura e o recalque<sup>4</sup>. O estudo sobre o sonho dá ao psicanalista uma “via régia” para compreensão do inconsciente conforme os trabalhos do sonho atuam do mesmo modo que os

---

<sup>4</sup> No decorrer desta subseção, retomaremos esses dois conceitos.

sintomas psíquicos, conforme ambos possuem a função de realização de desejo, ainda que de modo disfarçado<sup>5</sup>. Essa teoria sobre o inconsciente embasa a ideia de que nenhum conteúdo é excluído do aparelho psíquico, apenas não é lembrado.

De acordo com a definição de inconsciente no *Vocabulário de Psicanálise* (2001):

O inconsciente freudiano [...] mostrou que o psiquismo não é redutível ao consciente e que certos "conteúdos" só se tornam acessíveis à consciência depois de superadas certas resistências; revelou que a vida psíquica era "...cheia de pensamentos eficientes embora inconscientes, e que era destes que emanavam os sintomas"; levou a supor a existência de "grupos psíquicos separados" e, de modo mais geral, a admitir o inconsciente como um "lugar psíquico" particular [...]. Quando Freud procura definir o inconsciente como sistema, resume assim as suas características específicas: processo primário (mobilidade dos investimentos, característica da energia livre) [...] (Laplanche e Pontalis, 1982/2001, p. 236-237).

Freud aponta o inconsciente como um lugar em que a energia psíquica corre livremente entre os traços mnêmicos, ou seja, não há barreiras entre os conteúdos contidos nesse sistema, o que ocasiona a relação entre muitos desses conteúdos. Isso pode ser percebido nos sonhos e nos sintomas, de modo que há diversos conteúdos relacionados cujas relações recíprocas, num primeiro momento, não conseguimos perceber. Essa é a descrição do processo primário, o qual só está presente no inconsciente.

Diante das características dadas ao inconsciente, nota-se que o conteúdo presente no inconsciente permanece inacessível ao consciente, pois a censura é uma barreira que não permite a passagem total e explícita desse conteúdo. Diferentemente do inconsciente, conduzido pelo processo primário, o sistema consciente possui características que se estabelecem a partir da realidade, uma sequência temporal, aspectos que Freud denominou como processo secundário.

Freud observa que a consciência constitui apenas uma pequena parte do psiquismo e apresenta dificuldades para definir com exatidão sua função. Ele descreve o sistema consciente como "um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas" (Freud, 1900/2019, p. 669), que pode captar estímulos tanto externos quanto internos ao corpo. Além disso, Freud compara o sistema cs ao sistema de percepção e aponta semelhanças:

Em suas características mecânicas, imaginamos esse sistema como semelhante aos sistemas de percepção pcp, ou seja, suscetível a excitações por qualidades e incapaz de preservar traços de modificações, isto é, sem memória. (Freud, 1900/2019, p. 669).

---

<sup>5</sup> A relação entre inconsciente, sonho e desejo será desenvolvida na subseção Desejo e sonho.

De acordo com o *Vocabulário de Psicanálise* (2001), o sistema consciente

seria função de um sistema, o sistema percepção-consciência (pc-cs). Do ponto de vista tópico, o sistema percepção-consciência está situado na periferia do aparelho psíquico, recebendo ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as provenientes do interior, isto é, as sensações que se inscrevem na série desprazer-prazer e as revivescências mnésicas (Laplanche e Pontalis, 1982/2001, p. 93).

Então, durante o estado de vigília, o sistema consciente recebe estímulos provenientes de duas fontes distintas: do perímetro do aparelho psíquico, especificamente do sistema percepção (pc), e das sensações de prazer e desprazer, originadas pelo deslocamento interno da energia psíquica. Essas sensações internas, relacionadas ao prazer e desprazer, desempenham um papel quase exclusivo na determinação das qualidades psíquicas.

O pré-consciente desempenha o papel de uma barreira entre o inconsciente e o consciente, selecionando quais conteúdos podem atingir a consciência, ou seja, esse sistema indica que “os processos de excitação que nele ocorrem podem chegar à consciência sem maior impedimento, caso determinadas condições forem satisfeitas [...]” (Freud, 1900/2019, p. 591). Assim, o inconsciente, localizado "atrás" do pré-consciente, só pode atingir o sistema consciente ao atravessar o pré-consciente, sofrendo alterações nesse processo e, diferente do inconsciente, o conteúdo presente no pré-consciente é inconsciente em um sentido não sistemático, pois pode se tornar consciente. Diante do processo de seleção e modificação dos conteúdos psíquicos - realizado pela censura - é observado por Freud a partir do sonho e suas modificações, como é destacado no *Dicionário de Psicanálise* (1997/1998):

Freud depara com a questão da consciência, do “tornar-se consciente”, ao estudar a distorção no sonho. O acesso do conteúdo do sonho à consciência, sob sua forma manifesta, é permitido pela censura, que exerce sobre o material inconsciente “as modificações que lhe convêm”. Essa concepção leva Freud a considerar esse “tornar-se consciente” como um ato psíquico específico, bem distinto do pensamento e da representação (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 132).

Assim, Freud nota que o conteúdo manifesto pela consciência é mediado pela censura, dito de outro modo, o conteúdo inconsciente que chega à consciência é distorcido para que sua expressão pela consciência seja disfarçada. Esse movimento pode ser notado através de sintomas, atos falhos, sonhos.

Diante dos conteúdos inconscientes, há aqueles que não conseguem chegar à consciência, são eles: os conteúdos que foram recalcados, ou seja, experiências que causaram desprazer; os conteúdos constituídos no processo primário, ou seja, antes mesmo que o

processo secundário - que caracteriza os sistemas pré-consciente e consciente - tivesse se instituído. Vejamos o que diz Caropreso (2008):

Freud também esclarece, no capítulo 7, que tipo de representações comporiam o psíquico insuscetível de consciência: não apenas o reprimido - ou seja, representações que foram incorporadas ao sistema pré-consciente, mas acabaram sendo excluídas deste sistema por terem se tornado desprazerosas -, como também moções de desejo que não chegaram a ser incorporadas ao processo secundário, devido ao estabelecimento tardio desse processo (Caropreso, 2008, p. 61).

No registro do processo primário teremos o que Freud denomina experiência de satisfação, através da qual poderemos nos apropriar do conceito de desejo na metapsicologia freudiana. Portanto, é essencial dedicarmo-nos sobre a experiência de satisfação para compreendermos sobre o conteúdo inconsciente para que seja, então, possível alcançar a explicação freudiana sobre o desejo e suas implicações e importância para o aparelho psíquico.

## 2.1 A experiência de satisfação

Freud, em *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950[1895]/1980) e, posteriormente, em *A interpretação dos sonhos* (1900/2019), desenvolve a ideia de uma “experiência de satisfação”, modelo que, de acordo com ele, estrutura os processos e funcionamento psíquico. O desejo provém dessa vivência de satisfação.

Aqui, se faz importante evidenciarmos os principais aspectos destacados por Freud no *Projeto* para explicar de que modo se dá essa experiência. Nesse texto, Freud refere-se a neurônios, e não a representações, como fará posteriormente. Os neurônios que se encontram em  $\psi$  precisam descarregar a energia (Q) que os investe, para que a tensão se alivie, ou seja, para que se obtenha prazer, segundo Freud. Porém, esse alívio não é alcançado, pois o investimento de energia é constante, ou seja, os estímulos endógenos são incessantes e, conseqüentemente,  $\psi$  está em contínua tensão. Freud, portanto, destaca a necessidade de uma interferência por estímulos externos, ocasionada inicialmente pela ajuda de uma pessoa, para que a descarga de Q ocorra e para que haja uma suspensão da energia interna por um momento, diminuindo a tensão em  $\psi$ . Esse processo de alívio da tensão por meio de uma intervenção externa é denominado por Freud como “ação específica”. Quanto à sua atuação:

Para que a ação específica ou adequada se realize, é indispensável a presença de um objeto específico e de uma série de condições externas (fornecimento de comida no caso da fome). Para o lactente, dado o seu desamparo original, o auxílio exterior torna-se a condição prévia indispensável à satisfação da necessidade. Freud pode também designar por ação específica, algumas vezes, o conjunto dos atos-reflexos pelos quais o ato é consumado, outras a intervenção exterior, ou ainda esses dois tempos. Esta ação específica é pressuposta pela vivência de satisfação. (Laplanche e Pontalis, 1982/2001, p. 4-5).

Então, a ação específica se dá a partir de fatores externos que vão de encontro ao desamparo. Posteriormente a essa ação, o indivíduo que se encontra em situação de desamparo inicia o processo de descarga do estímulo endógeno, promovido pelo dispositivo reflexo, ou seja, integrando essas respostas externas ao processo de regulação de suas necessidades.

Dando continuidade às ideias contidas no *Projeto*, Freud (1900/2019) apresenta a experiência de satisfação:

Um elemento essencial dessa vivência é o aparecimento de certa percepção (do alimento, nesse exemplo), cuja imagem mnêmica, a partir de então, fica associada ao traço mnêmico da excitação criada pela necessidade. Tão logo essa necessidade volta a se manifestar, ocorre, graças ao vínculo estabelecido, um impulso psíquico que procura investir novamente a imagem mnêmica da percepção e suscitar de novo a própria percepção, ou seja, reproduzir a situação da primeira satisfação. *Um impulso desse tipo é o que chamamos desejo*; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o pleno investimento da percepção, a partir da excitação devida à necessidade, é o caminho mais curto para a realização do desejo. Nada nos impede de supor um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho tenha sido realmente percorrido, em que desejar tenha resultado numa alucinação (Freud, 1900/2019, p. 617-618, *italico meu*).

A experiência de satisfação ocorre quando a percepção se conecta à necessidade, muitas vezes exemplificada por Freud através da relação do bebê com o seio materno. Aqui, o vínculo que se forma é: a fome do bebê (necessidade) é suprida quando a mãe oferece o seio (percepção). Essa associação, ou seja, a facilitação formada entre os traços mnêmicos, promove a satisfação da necessidade e, quando o bebê sentir fome novamente, dito de outro modo, quando o desejo ou o caráter de urgência surgir novamente, essa relação já está estabelecida visando a satisfação da necessidade, pois a memória do objeto de satisfação será a primeira a ser ativada pela emergência do desejo.

No entanto, um efeito dessa facilitação é o investimento excessivo na representação do objeto desejado, o que provoca, conseqüentemente, a alucinação. Mantendo a situação-exemplo, o bebê, ao sentir fome, alucinará com a sucção do seio materno, ou seja, o

desejo será realizado, mas a necessidade não será satisfeita. Com a fome ainda presente, o bebê se frustra e se encontra desamparado. Para a manutenção da vida, é fundamental que o bebê não mais alucine, o que promove, então, uma alteração no processo de modo que a representação não seja investida fortemente, o que promoveria o bebê distinguir entre o que é lembrança/memória e o que é percepção. O processo em que ocorre a alucinação é chamado por Freud de processo primário, enquanto o processo que distingue memória e realidade é pensado como processo secundário. É no inconsciente, o qual é constituído por “[...] representantes pulsionais que querem descarregar seu investimento [...]” (Freud, 1915/2010, p. 93, trad. modificada), que se dá o processo primário, enquanto é no pré-consciente em que se encontra o processo secundário, como ressalta Caropreso (2009):

[...] esses sistemas corresponderiam a dois tipos de processos: o inconsciente corresponderia ao processo primário, que se caracterizaria pelo livre fluxo de quantidade, e o pré-consciente corresponderia ao processo secundário, que se caracterizaria pela retenção de uma parte da excitação nas representações. [...] O processo primário estaria presente no aparelho desde sua origem – ele representaria a tendência primordial a descarregar toda a excitação que o alcançasse – e o processo secundário se estabeleceria pouco a pouco a partir da inibição do primário. (Caropreso, 2009, p. 577).

Ao propor os conceitos de processo primário e secundário, o psicanalista aponta que, no primeiro, a busca pelo objeto ocorre de modo alucinatório, sendo ele investido a partir da lembrança de satisfação, ou seja, o objeto consiste apenas em traços de memória excessivamente investidos, o que faz com que o desejo seja realizado sem que a necessidade seja satisfeita. No segundo, há a percepção real do objeto, o que traz a possibilidade de satisfação da necessidade. Nas palavras de Freud:

Ao processo psíquico que apenas o primeiro sistema admite chamarei processo primário; àquele que resulta da inibição imposta pelo segundo chamarei processo secundário. Posso dar ainda outra indicação da finalidade que faz o segundo sistema corrigir o processo primário. O processo primário visa a descarga da excitação, a fim de, com a quantidade de excitação assim reunida, produzir uma identidade de percepção [com a vivência da satisfação]; o processo secundário abandonou essa intenção e a substituiu por outra, a de alcançar uma identidade de pensamento [com aquela vivência]. (Freud, 1900/2019, p. 655-656).

É necessário dar destaque à experiência de satisfação, pois é a partir dela que se compreende que “Esta tendência para investir as representações de objeto é o que Freud chama de “desejo”.” (Caropreso, 2009, p. 572). O desejo, então, é o elemento capaz de movimentar o aparelho psíquico e os processos descritos anteriormente possuem o objetivo de

busca do prazer, de modo que o componente mais importante, que origina todos os processos psíquicos, é o desejo.

Toda a vida psíquica após a experiência de satisfação, ou seja, todas as ações do indivíduo são uma busca para reviver a experiência de satisfação. Contudo, reviver essa experiência é impossível, e é esse o motivo pelo qual há sempre essa tendência para investir, há um desejo incessante para ser realizado, mesmo que essa realização seja impossível. Podemos sustentar a ideia do grande papel desempenhado pelo desejo e como ele é responsável pelo funcionamento do aparelho psíquico, ou seja, como todos os sistemas se articulam em função do desejo, através de duas passagens:

O pensamento não é outra coisa senão o substituto do desejo alucinatório, e, se o sonho é uma realização de desejo, isso se torna evidente, pois nada além de um desejo pode impelir nosso aparelho psíquico a trabalhar. (Freud, 1900/2019, p. 619)

Todo o pensamento é apenas um rodeio, da lembrança da satisfação, tomada como representação com meta, ao investimento idêntico dessa mesma lembrança, que deve ser novamente alcançada pela via das experiências motoras. (Freud, 1900/2019, p. 656).

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1901-1905/2016) Freud apresenta a relação entre a experiência de satisfação e o modo como ela se reflete na vida do indivíduo, como também em desejos futuros:

Quem vê uma criança largar satisfeita o peito da mãe e adormecer, com faces rosadas e um sorriso feliz, tem que dizer que essa imagem é exemplar para a *expressão da satisfação sexual na vida posterior*. Então a necessidade de repetir a satisfação sexual se separa da necessidade de nutrição, uma necessidade que é inevitável, quando os dentes aparecem e a alimentação não é mais exclusivamente sugada, e sim mastigada. A criança não se utiliza de um objeto exterior para sugar, mas sim de uma área da própria pele, porque isso lhe é mais cômodo, porque assim independe do mundo externo que ainda não consegue dominar, e porque dessa maneira cria praticamente uma segunda zona erógena, embora de valor menor. A inferioridade dessa segunda área será um dos motivos que a farão, depois, buscar a parte semelhante - os lábios - de outra pessoa (Freud, 1901-1905/2016, p. 86).

Precisamos, aqui, retomar os processos primário e secundário para falarmos de censura e recalque. Como já mencionado, é no inconsciente que o processo primário se dá, ou seja, o processo alucinatório ocorre em virtude do livre investimento de energia em representações, como também descarrega a tensão acumulada. O processo secundário é responsável pela censura, ou seja, o conteúdo inconsciente é barrado para que não alcance a

consciência e, embora a função do processo secundário seja limitar essa energia, tal limitação não é absoluta.

Os desejos infantis, os quais surgiram durante o processo primário, são recalçados pelo pré-consciente assim que se estabelecem no aparelho psíquico, pois esse conteúdo está em desacordo com as “regras” do sistema pcs, dito de outro modo, o conteúdo não passa pela censura pois o sentimento não seria mais de prazer, mas sim de desprazer.

Para compreendermos melhor: durante o estado de vigília, existe uma barreira entre o inconsciente e a consciência chamada censura, a qual impede que os conteúdos inconscientes, pensamentos oníricos e desejos alcancem o sistema consciente. Para provar que esse conteúdo existe, ou seja, não foi apenas excluído do sistema psíquico, Freud utiliza-se dos sonhos para a investigação sobre o inconsciente. Quando o indivíduo está sonhando, a barreira denominada censura está menos resistente, em comparação com o estado de vigília. Essa diminuição na resistência promove a passagem do conteúdo onírico para a consciência. O mesmo acontece com os sintomas, os atos falhos, pois algo inconsciente escapa à censura e alcança o sistema cs, ainda que esse conteúdo seja deformado, pois ainda que esse conteúdo passe pela censura, ela possui mecanismos para que ele não seja representado conscientemente da mesma maneira que está representado no inconsciente, ou seja, o conteúdo é disfarçado.

Do mesmo modo, graças a tal suspensão do recalçamento, a energia psíquica de uma representação pulsional inconsciente chega a se desprender livremente, passando sem entrave de uma representação a outra, a fim de assegurar a repetição da experiência de satisfação constitutiva do desejo. Regulado unicamente pela dualidade prazer/desprazer, o retorno do recalçado dá livre curso à emergência dos "rebentos" de moções pulsionais que podem assim se descarregar através das produções substitutivas - que constituem a própria prova da existência do inconsciente (Kaufmann, 1993/1996, p. 266).

Percebe-se, portanto, uma conexão na teoria freudiana entre censura, recalque e sonho. Durante o estado onírico, à medida que a censura reduz sua resistência, torna-se possível observar no sonho, por meio da interpretação, que o conteúdo recalçado existe e mantém sua capacidade de desempenho psíquico, pois o conteúdo do sonho se encontra no inconsciente e o material censurado também.

Podemos perceber um elo entre a defesa freudiana da existência do inconsciente e, seguindo na citação de Kaufman (1993/1996), a concepção de inconsciente em Lacan:

O paradoxo está, na verdade, no fato de só conhecermos o inconsciente por suas "formações" (Lacan), ou seja, o não dito significativo do branco do esquecimento, um dizer surgido dos sonhos, chistes, atos falhos, uma escrita [...] que, sob forma metáfora-metonímica, a verdade do desejo insiste e se repete em múltiplas demandas (Kaufmann, 1993/1996, p. 266).

Ainda que haja muitas diferenças entre as teorias dos dois psicanalistas, é notório que um grande ponto para a compreensão da existência do inconsciente é o sonho e aquele conteúdo recalcado que se manifesta, ainda que disfarçado (Freud), ainda que no não-dito ou com a falta simbólica (Lacan).<sup>6</sup>

Assim, nesta subseção, pudemos compreender, a partir da obra *A interpretação dos sonhos*, a constituição da primeira tópica freudiana, composta pelos sistemas consciente, pré-consciente e inconsciente. O conteúdo presente no sonho é um caminho utilizado pelo psicanalista para comprovar a existência desse sistema. Diante dos sonhos, sintomas e atos falhos, o conteúdo inconsciente recalcado é levado à consciência, embora de forma distorcida. Como mencionado, o processo primário (inconsciente) é caracterizado pelo processo alucinatorio, provocado pela livre circulação de energia psíquica, sem qualquer interferência. A experiência de satisfação que ocorre no registro do processo primário, definida pela associação entre necessidade e objeto, culmina no desejo, que, segundo Freud, consiste em uma tendência constante de reviver essa experiência, uma busca incessante pela realização do desejo. É necessário, então, aprofundar a compreensão sobre o conteúdo inconsciente para desenvolver o conceito de desejo em Freud. O extenso trabalho do psicanalista sobre os sonhos tem como objetivo investigar o conteúdo oculto do sistema inconsciente. Assim, torna-se fundamental explorar a ideia do sonho e sua interpretação para que se cumpra o objetivo desta pesquisa.

## 2.2 Desejo e sonho

Uma maneira de explorar a reflexão freudiana sobre o desejo e sua influência, consiste em fazer referência à tese sobre os sonhos a partir de sua interpretação, o que significa que, segundo Freud, todo sonho possui sentido e para além disso, todo sonho é impulsionado por um desejo para que esse desejo seja realizado, nas palavras do autor: “[...] todo sonho é um desejo representado como satisfeito” (Freud, 1901-1905/2016, p. 250). Serão destacados,

---

<sup>6</sup> As diferenças entre Freud e Lacan serão abordadas adiante e a tese e os principais conceitos lacanianos serão explicitados no segundo capítulo.

então, alguns aspectos principais do estudo psicanalítico de Freud sobre o sonho, para compreendermos como ele chegou à conclusão de que o desejo é o motor do sonho.

Em sua clínica, atendendo pacientes e trabalhando com psicopatologias, Freud inicia sua investigação sobre os sonhos com o propósito de confirmar que eles possuem sentido. O objetivo final é a tentativa de solucionar as psicopatologias e como o sonho é um conteúdo mais fácil de se interpretar, Freud se utiliza da ligação entre sonho e os sintomas: ambos são provocados por um conteúdo recalcado que se manifesta de maneira deformada. Assim, durante as sessões, os pacientes relataram seus sonhos e Freud os aborda como abordava os sintomas, interpretando-os a partir de um método.

Vamos agora aprofundar nossa análise considerando as abordagens de Freud em relação ao desejo. Na obra *A interpretação dos sonhos* (1900/2019), o sonho modelo denominado “sonho de Irma” é utilizado pelo psicanalista a fim de mostrar o caminho para a interpretação dos sonhos. Para isso, ele faz alguns recortes e os investiga de modo separado e, no fim, conclui que a motivação desse sonho corresponde a um desejo.

Irma foi uma paciente de Freud que não finalizou seu tratamento. Através de seu amigo Otto ele descobre que Irma não havia se recuperado totalmente e essa notícia irrita o psicanalista, que tem a reação de escrever para o Dr. M., uma figura de autoridade da área, com o intuito de se justificar sobre a situação clínica da paciente. Após oferecer essas informações, Freud apresenta o relato do sonho:

Sonho de 23/24 de julho de 1895

Um grande salão – muitos convidados que recebemos. – Entre eles Irma, que imediatamente chamo de lado, como que para responder à sua carta e para recriminá-la por ainda não aceitar minha “solução”. Digo a ela: “Se ainda sente dores, é exclusivamente culpa sua”. – Ela responde: “Se você soubesse quantas dores eu sinto agora na garganta, no estômago e no ventre – elas me sufocam”. – Eu me assusto e olho para ela. Parece pálida e inchada; penso que talvez eu não esteja reconhecendo algo orgânico. Levo-a até a janela e examino sua garganta. Ela resiste um pouco, semelhante às mulheres que usam uma dentadura artificial. Penso comigo mesmo que ela não precisaria fazer aquilo. – Então ela abre a boca adequadamente, e à direita descubro uma grande mancha branca; em outro lugar vejo, em estranhas formações crespas, que evidentemente, tinham como modelo os ossos turbinados do nariz, extensas crostas cinzentas esbranquiçadas. – Chamo rapidamente o dr. M., que repete e confirma o exame... A aparência do dr. M. é muito diferente da de costume; está muito pálido, manca, e o queixo está sem barba... Agora, meu amigo Otto também está ao lado dela, e o meu amigo Leopold a ausculta através do corpete e diz: “Ela tem uma área amortecida embaixo, à esquerda”; ele indica também que uma parte da pele no ombro esquerdo está infiltrada “algo que, como ele, também consigo sentir, apesar do vestido” ...

M. diz: “Não há dúvida, é uma infecção, mas não importa; virá ainda uma disenteria, e o veneno será eliminado..”. De imediato, também sei qual a origem da infecção. Recentemente, quando ela se sentiu indisposta, o amigo Otto lhe aplicou uma injeção com um preparado de propil, propileno...ácido propiônico... TRIMETILAMINA (vejo essa fórmula em negrito diante dos meus olhos) ... Esse tipo de injeção não se aplica levianamente... Também é provável que a seringa não estivesse limpa (Freud, 1900/2019, p.139).

O sonho parece, ao início, confuso pois há muitas informações condensadas, de modo que o movimento de interpretação de Freud é analisá-lo parte por parte. Com isso, Freud percebe a associação entre experiências passadas e o conteúdo manifesto. Não serão apresentados aqui todos os trechos analisados pelo psicanalista, mas apenas alguns, com o objetivo de compreendermos alguns dos significados do sonho.

*“Levo-a até a janela para examinar sua garganta. Ela [Irma] apresenta uma resistência, como as mulheres que usam dentes falsos”* (Freud, 1900/2019, p. 142). Ao analisar esse trecho, Freud lembra de uma amiga de Irma, que, em uma visita, estava posicionada na janela de maneira semelhante à que o sonho reproduziu. O médico dela era o Dr. M., o qual mencionou que ela possuía uma placa diftérica, tal como no sonho. Freud também associa a difterite à filha mais velha dessa mulher, que também havia contraído a doença. Freud suspeitava que ela fosse histérica, uma vez que Irma já lhe havia falado sobre isso. A única informação disponível para o psicanalista era que essa amiga de Irma apresentava sufocação histérica, o mesmo sintoma de Irma no sonho. Assim, no sonho de Freud, Irma foi substituída por sua amiga.

*“Pálida, inchada, dentes falsos”* (Freud, 1900/2019, p. 143). Freud não consegue associar certos traços a Irma e sua amiga, mas sim a uma terceira pessoa, que também não é sua paciente. Essa mulher costuma ficar pálida e, em uma ocasião, estava inchada, conforme Freud se recorda. Ele então percebe que, ao comparar Irma com essas duas pessoas, o sonho havia condensado figuras que possivelmente rejeitariam o tratamento. O psicanalista começa a suspeitar que talvez desejasse substituir Irma por outra mulher, que demonstrava mais simpatia por ele ou parecia mais inteligente para aceitar o tratamento. Ao contrário, Irma não teria a inteligência necessária para seguir a solução dada por Freud. *“A boca que se abre facilmente”* (Freud, 1900/2019, p. 143), nesse contexto, sugere que a outra mulher cederia mais facilmente que Irma.

*“O dr. M. diz: É uma infecção, mas isso não importa. Virá ainda uma disenteria, e o veneno será eliminado”* (Freud, 1900/2019, p. 146). Inicialmente focado nas palavras 'não

importa', Freud interpreta-as como uma forma de consolo, considerando que a paciente sofre de uma grave afecção orgânica e não psíquica, o que isenta Freud de não tê-la curado. O psicanalista se envergonha ao perceber que, em seu sonho, causou uma doença grave em Irma para aliviar a culpa por ela não estar completamente curada. Freud acredita ter indicado o Dr. M. para fazer esse prognóstico absurdo e consolador, já que o médico não acredita em seu tratamento para curar Irma. No sonho, Freud vinga-se de Irma, atribuindo a ela a responsabilidade pelas dores, e também se vinga do Dr. M., colocando-o como responsável por um diagnóstico ilógico.

*“Esse tipo de injeção não se aplica levemente (Freud, 1900/2019, p. 150). “É provável também que a seringa não estivesse limpa” (Freud, 1900/2019, p. 151).* Nesses dois trechos, Freud expressa, no sonho, uma tentativa de acusação dirigida a Otto. Isso ocorre porque o psicanalista sentiu que seu amigo demonstrava uma postura de oposição em relação a ele, percebida por meio de palavras e olhares lançados durante a tarde que precedeu o sonho. No contexto onírico, Otto é representado como um médico negligente, que não realiza a limpeza adequada de suas seringas, reforçando a crítica de Freud sobre sua conduta.

Diante desses recortes, é possível perceber que o sonho de Freud tem como objetivo livrá-lo da culpa pelo estado clínico de sua paciente Irma. O desejo de que ela fosse uma paciente melhor reflete-se na substituição por sua amiga; o desejo de isentar-se da culpa manifesta-se em Otto, que no sonho não adota uma conduta médica adequada; e o desejo de que sua teoria e método estejam corretos aparece no Dr. M. - crítico da atuação do psicanalista -, que apresenta um diagnóstico absurdo. Carone (2015) destaca os movimentos do sonho para retirar a culpa de Freud diante da condição de Irma:

A inocência de Freud é reafirmada em diversos momentos do sonho: Otto é (no sonho) um médico descuidado que não limpa bem suas seringas [...]. Irma é uma paciente rebelde que não aceita a avaliação clínica de Freud e merece por isso ser trocada pela amiga que é mais inteligente e sensível aos seus argumentos. A etiologia sexual das neuroses defendida por Freud não agrada ao Dr. M., que aparece no sonho como um médico desinformado, repetindo credices populares (“disenteria”), ao contrário do amigo que elogia seus trabalhos e possui uma teoria original sobre a trimetilamina [...]. Mas todos eles parecem articulados ao desejo de não ter responsabilidade pelos erros e defender suas ideias e descobertas. No entanto, este desejo não aparece de maneira clara quando conhecemos somente o conteúdo manifesto do sonho: será preciso descobrir o material oculto por trás dele para encontrarmos o seu sentido. Esta distinção é vital para compreender a afirmação com a qual Freud encerra este capítulo “Após a interpretação o sonho revela ser uma realização de desejo” (Carone, 2015, p. 58).

Freud, portanto, ao examinar os fragmentos do sonho, conclui sua análise interpretativa e identifica o propulsor do sonho:

Notei uma intenção realizada pelo sonho, que deve ter sido a motivação para sonhá-lo. O sonho realiza alguns desejos que haviam sido despertados pelos eventos da noite anterior (a notícia de Otto, a redação do caso clínico). O resultado do sonho é que eu não sou culpado pelas dores persistentes de Irma, que o culpado é Otto. [...] O sonho representa determinado estado de coisas da forma como eu o desejo; *seu conteúdo é, portanto, uma realização de desejo; sua motivação é um desejo* (Freud, 1900/2019, p. 151-152).

O psicanalista conclui que, com base nos fatos anteriores e nos detalhes interpretados do sonho, o desejo que motivou o sonho era a realização de que ele não era responsável pela doença de Irma. Em outras palavras, no sonho, ele transferiu a culpa para o amigo Otto, responsabilizando-o pelo tratamento psíquico que Irma não continuou, o que resultou na persistência de seu estado psíquico.

O sonho ocorre devido à diminuição da barreira da censura durante o estado onírico, propiciando a passagem das representações inconscientes, tornando-as visuais e sonoras. Freud aponta que esse conteúdo onírico é mobilizado a partir de acontecimentos recentes que se relacionam a acontecimentos antigos. O sonho, segundo o psicanalista, representa os acontecimentos conforme o indivíduo os deseja. O conteúdo de um sonho e sua motivação, portanto, é o desejo, a realização desse desejo.

Cabe ao autor, neste momento, explicar como todos os sonhos são motivados pelo desejo, visto que há muitos sonhos que não expressam nenhum traço de realização de desejo, ao contrário, causam sensações desagradáveis.

Freud, então, apresenta dois conteúdos presentes no sonho, o latente e o manifesto. No primeiro encontramos as representações e desejos que são submetidos ao disfarce. Esse disfarce, essa censura dos desejos ocorre como resultado de algumas operações do trabalho do sonho, ou seja, a transformação do conteúdo latente em conteúdo manifesto. Elas omitem informações do sonho, combinam várias pessoas em uma só, além de unir palavras, inverter ou minimizar representações importantes do sonho. Em suma, utilizam diversos mecanismos para driblar a resistência, permitindo que o desejo se realize, mesmo que de forma disfarçada. São eles: deslocamento, condensação, representabilidade e elaboração secundária. No segundo, encontramos o conteúdo que se mostra explicitamente no sonho. Sobre um desses mecanismos, aponta Garcia-Roza:

A condensação (*Verdichtung*) diz respeito ao fato de o conteúdo manifesto do sonho ser menor do que o conteúdo latente, isto é, de o conteúdo manifesto ser uma “ tradução abreviada” do latente. O inverso não se dá nunca; jamais o conteúdo manifesto pode ser maior do que o latente (Garcia-Roza, 2009, p. 67)

Sendo assim, de modo geral, o conteúdo manifesto é frequentemente vinculado a acontecimentos recentes, enquanto o conteúdo latente se relaciona a memórias antigas. Então o sonho, segundo Freud, possui vários significados, vários desejos, mas sempre em seu conteúdo latente haverá a realização de um desejo infantil.

A deformação onírica denuncia que há algo que necessita de disfarce. Logo, quando a realização do desejo é irreconhecível ou disfarçada, isso se dá porque há razões que impedem sua exposição. Em outras palavras, existe uma tendência de defesa contra esse desejo, e é essa mesma defesa que o leva a se disfarçar, manifestando-se apenas de forma deformada.

O sonho é um ato psíquico de pleno valor; sua força motriz é sempre um desejo a ser realizado; o fato de não ser percebido como desejo e suas muitas peculiaridades e absurdos são devidos à influência da censura psíquica [...] (Freud, 1900/2019, p. 583).

Retomando o esquema do aparelho psíquico, sabe-se que o conteúdo recalçado pelo pré-consciente continua existindo no inconsciente e, diante da sua capacidade de atuação psíquica<sup>7</sup>, se expressa de formas distintas de sua representação no inconsciente. Portanto, o psicanalista afirma que “o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo (suprimido, recalçado).” (Freud, 1900/2019, p. 195).

Respondamos, então, a questão: de onde vem o desejo? As pistas que até então temos são: o desejo move o aparelho psíquico; o desejo é o constante investimento na tentativa de reviver a experiência de satisfação; o sonho realiza um desejo recalçado; além de possuir desejos recentes, o conteúdo latente sempre apresenta um desejo infantil.

O desejo é apresentado por Freud como a força motriz do aparelho psíquico, portanto, é possível apontar que ele também é responsável pelos sonhos e, a partir da interpretação dos sonhos, o psicanalista consegue sustentar essa tese. Diante de todos os possíveis sonhos, a explicação se dá por muitas formas de distorção desse conteúdo, ou seja, o sistema pré-consciente, ainda que com a barreira da censura diminuída, não veicula o desejo motivador de forma explícita. Sobre isso, diz Caropreso (2009):

---

<sup>7</sup> “O estado de sono possibilita a formação do sonho ao diminuir a censura endopsíquica” (Freud, 1900/2019, p. 576).

Essas moções de desejo excluídas do pcs manteriam sempre a aspiração de alcançar a consciência e a motilidade, isto é, de atingir a satisfação. Embora as representações originariamente associadas ao desejo inconsciente nunca chegassem a ser incorporadas ao processo secundário, a excitação a elas associada tentaria continuamente ingressar no pcs (Caropreso, 2009, p. 578).

Sabemos que há a resistência, quando instaurado o sistema pré-consciente, diante do conteúdo criado durante o processo primário, como por exemplo a experiência de satisfação, a qual inaugura o desejo no sistema psíquico, ou seja, esse motor que insiste em investir para reviver o prazer causado diante de uma necessidade atendida por um objeto. Portanto, o psíquico é o meio para que o desejo seja realizado, pois nele se entrelaçam novos estímulos com o primeiro objeto que causou a satisfação, a partir da qual se tenta repetir a experiência de alívio. Dito isso, é compreensível que Freud apresente que “*o desejo representado no sonho é necessariamente infantil.*” (Freud, 1900/2019, p. 605).

O psíquico funciona como o meio para a realização do desejo, pois nele se combinam novos estímulos com o primeiro objeto que proporcionou a satisfação, criando a tentativa de repetir a experiência de alívio. Assim, o sonho se configura como um espaço destinado à concretização do desejo.

Neste ponto, conseguimos identificar o foco principal da pesquisa sobre a relação entre o desejo e o sonho. A partir dos argumentos e das teses propostas por Freud, chegamos à conclusão de que todo sonho é a realização de um desejo, e que, necessariamente, esse desejo tem origem infantil e reside no inconsciente.

Esse desejo infantil vem a ser recalcado a partir da instauração do sistema pré-consciente e insiste em se realizar a partir de alucinações, como nos sonhos, nos sintomas, mas também em atos falhos e demais formações do inconsciente. Outra forma de tentativa de realização do desejo, ainda que isso seja impossível, é a busca incessante por preenchimento através de objetos que supram a falta deixada pela experiência de satisfação, uma vez que esta não pode ser plenamente revivida, como apresentado por Danziato: “Paulatinamente, o sujeito iria abdicando dessa experiência, de forma a encontrar um objeto no mundo externo que possa dispor de alguma satisfação.” (Danziato, 2012, p. 42). Diante da impossibilidade de reviver a experiência de satisfação, Freud aponta a impossibilidade de realização do desejo recalcado infantil:

Parecerá então que apenas o desejo consciente se realizou no sonho; mas uma pequena peculiaridade na configuração desse sonho nos colocará na

pista do poderoso ajudante vindo do inconsciente. Esses desejos sempre ativos, como que imortais, do nosso inconsciente [...] (Freud, 1900/2019, p. 604).

Podemos responder, portanto, a questão anteriormente colocada: “de onde vem o desejo?”. O desejo que atua como essa força que impele o aparelho psíquico a trabalhar, é ele que move o indivíduo, seja através dos sonhos, dos sintomas, como também na vida de vigília, através dessa busca incessante de reviver a experiência de satisfação, utilizando-se de vários objetos, na tentativa de preenchimento, ainda que seja impossível.

### 2.3 A busca comum pelo desejo em Freud e Lacan

Para encerrar este capítulo, é necessário esclarecer os motivos que justificam o uso da primeira teoria do aparelho psíquico (primeira tópica) como base para a extração do conceito de desejo em Freud e, ainda, mostrar como ele pode ser associado ao desejo mobilizado por Lacan em seus primeiros seminários – especificamente do primeiro ao sexto. Dito de outro modo, embora Lacan, como veremos em detalhes no próximo capítulo, apresente diversos aspectos que diferem da teoria de Freud, é essencial assinalar que ambos os psicanalistas investigam o mesmo campo. Assim, apesar das diferenças, busca-se sustentar a ideia de que ambos partem, por assim dizer, de um núcleo conceitual comum.

A primeira tópica freudiana nos fornece o conteúdo necessário dado que nela exposta a experiência de satisfação, a propulsora do desejo no aparelho psíquico. Desde o *Projeto à Interpretação dos Sonhos*, o psicanalista aponta o desejo como aquilo que move o psiquismo e que influencia o indivíduo tanto no estado de vigília, quanto no estado onírico.

“O desejo é o movimento”, anunciou Freud (1900/ s.d.) desde *A Interpretação dos Sonhos*: é o movimento que, a partir do traço mnêmico da primeira experiência de satisfação, enlaça o objeto suposto satisfazer a necessidade. As formações do inconsciente testemunham desse princípio de prazer que alicerça toda a aparelhagem psíquica (Fingermann, 2014, p. 69).

Se nos detemos na vivência de satisfação, a causa do primeiro desejo – impulso para investir em representações – supõe Freud, provém de uma alucinação investida da lembrança de satisfação. Essa experiência exemplificada pelo psicanalista através da fome e do seio materno, ao ser alucinada, fornece ao bebê a realização do desejo. Ainda que muitos outros desejos surjam, essa experiência jamais se repetirá e essa busca incessante, esse investimento

constante do desejo para reviver a experiência de satisfação, move o psíquico. Garcia-Roza (2008) diz:

[...] repetir a experiência de satisfação, e, como esta foi inicialmente obtida através do seio materno, a direção desse movimento é a do encontro desse objeto, ou melhor, a de um reencontro. No entanto, esse reencontro é impossível. Melhor dizendo, é impossível o reencontro do mesmo. Há uma inevitável e essencial discrepância entre o objeto procurado e o objeto encontrado. A identidade perceptiva é impossível. Essa discordância entre o objeto buscado e o objeto encontrado funda a primeira dialética da teoria da sexualidade em Freud e move a busca do objeto perdido (mas que na verdade nunca foi tido). (Garcia-Roza, 2008, p. 38)

O desejo, portanto, está presente desde a primeira infância e desempenha um papel central no funcionamento psíquico. A metapsicologia freudiana utiliza esse conceito para explicar sua atuação como principal motor de sonhos, sintomas e atos falhos. Segundo Freud, é por meio do desejo que o movimento do aparelho psíquico se estrutura e se manifesta, diante da incessante busca do primeiro desejo, de reviver a experiência de satisfação.

Não iremos, no momento, desenvolver sobre o conceito de desejo elaborado por Lacan<sup>8</sup>. Contudo, alguns elementos serão expostos para a visualização do ponto convergente entre as teorias dos dois psicanalistas.

Lacan traz destaque à linguagem para o campo psicanalítico, o que promove grandes mudanças aos conceitos principais, como também no desejo. Em poucas linhas, o desejo lacaniano se estrutura em um hiato, uma falta no campo Simbólico, ou seja, não há símbolo para que ele se traduza na linguagem.

Não nos cabe, por enquanto, desenvolver sobre esses vários conceitos aqui colocados, além de ser perceptível, ainda que superficialmente, que o desejo em Lacan é estruturado, do ponto de vista teórico, de maneira distinta daquela que encontramos em Freud. No entanto, é necessário dar destaque a uma característica em comum em Freud e Lacan. Ambos buscam conceituar o desejo através de algo faltoso. Em Freud, o desejo está em busca para reviver a experiência de satisfação, algo que nunca será possível. Em Lacan, o desejo se estrutura na falta mediante a não tradução, falta que não pode ser sanada e, além disso, como destaca Scotti, se trata da “falta, a qual nenhum bem, posse, ou realização humana será capaz de elidir, pois é, a partir dela mesma que nos tornamos humanos.” (Scotti, 2012, p. 60).

---

<sup>8</sup> Essa articulação será feita no segundo capítulo.

Sabemos, portanto, que o conceito de desejo é abordado de forma distinta por cada psicanalista. Contudo, ambos compartilham um ponto central: a tentativa de explicar a busca incessante por preencher algo que nunca poderá ser plenamente satisfeito, bem como aquilo que impulsiona o ser humano em sua essência. Esse é, assim, um ponto de convergência entre suas teorias psicanalíticas.

Essa aproximação entre os dois psicanalistas possui algumas outras pistas. Lacan, diversas vezes faz abordagens sobre os sonhos, assim como Freud, além de trazer para o campo linguístico elementos do trabalho do sonho – deslocamento e condensação – equiparando-os com metáfora e metonímia. Para lembrarmos, a condensação e o deslocamento são conceitos que Freud utiliza para explicar alguns mecanismos presentes nos sonhos. Esses mecanismos envolvem a camuflagem e a distorção do desejo inconsciente, que se manifesta por meio do sonho, ou seja, o conteúdo latente é mascarado e convertido em conteúdo manifesto. De acordo com Laplanche e Pontalis (1982/2001):

Em Freud, o termo “deslocamento” não implica o privilégio deste ou daquele tipo de ligação associativa ao longo da qual se realiza: associação por contigüidade ou por semelhança. O lingüista Roman Jakobson chegou a relacionar os mecanismos inconscientes descritos por Freud com os processos retóricos da metáfora e da metonímia, considerados por ele os dois pólos fundamentais de toda a linguagem; e foi assim que aproximou o deslocamento da metonímia, onde a ligação de contigüidade é que está em causa, enquanto o simbolismo corresponderia à dimensão metafórica, onde reina a associação por semelhança. J. Lacan, retomando e desenvolvendo estas indicações, assimila o deslocamento à metonímia e a condensação à metáfora; o desejo humano é estruturado fundamentalmente pelas leis do inconsciente e eminentemente constituído como metonímia (Laplanche e Pontalis, 1982/2001, p. 118).

Essa relação possuirá uma sessão específica no segundo capítulo para uma melhor ampliação desse conteúdo, mas para uma visão geral, a condensação, comparável à metáfora, substitui um significante por outro, enquanto o deslocamento, associado à metonímia, direciona um significante para outro significante.

Outra relação pode ser observada a partir da noção de Real, um campo estabelecido por Lacan. Assim como o conteúdo recalcado inconsciente, o Real é algo que escapa à simbolização. Roudinesco e Plon (1997/1998) comentam sobre esse ponto:

[...] no real, por fim, [Lacan] colocou a realidade psíquica, isto é, o desejo inconsciente e as fantasias que lhe estão ligadas, bem como um “resto”: uma realidade desejante, inacessível a qualquer pensamento subjetivo (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 645).

Lacan defende que o conteúdo presente no campo do Real não possui símbolos, mas assim como o conteúdo inconsciente – de acordo com Freud – se manifesta indiretamente, não se inscrevendo, pelos sonhos, atos falhos, sintomas, pois é o caminho pelo qual isso comparece, visto que pela linguagem é impossível, dado a falta simbólica, ou seja, o Real lacaniano é um vazio na fala.

Um último ponto de associação que quero destacar é a linguagem. A linguagem sempre teve importância na psicanálise desde Freud. A passagem do *Projeto* para *A Interpretação dos Sonhos* demarca o surgimento da psicanálise e a linguagem possui um destaque nesse movimento. Garcia-Roza escreve em *Freud e o Inconsciente* (2009):

(...) o que temos aqui [cap. VII *A Interpretação dos Sonhos*] não são mais neurônios catexizados, mas sentidos a serem interpretados. Esse é o ponto em que a psicanálise se articula com a linguagem e rompe definitivamente com o referencial neurológico do *Projeto* (Garcia-Roza, 2009, p. 63).

Assim, a linguagem é trabalhada como o meio de acesso às manifestações inconscientes, pois, diante dos relatos falados dos sonhos e das associações livres, essas manifestações podem ser interpretadas pelo psicanalista. O jogo de interpretação e intervenção dessas manifestações ocultas e desejos recalcados é mediado pela linguagem.

A rememoração também ocorre por meio da linguagem. Assim, o pensamento se manifesta no movimento de ocupação da fala por representações, ou seja, nas associações realizadas pela linguagem, permitindo que certos elementos inconscientes alcancem a consciência. Caropreso (2008) detalha esse ponto:

No caso dos processos representacionais que se originassem no interior do aparelho – por exemplo, na rememoração – a consciência dependeria das “associações linguísticas”. Freud atribui a possibilidade de rememoração de uma representação ao elo desta com as associações da linguagem, que constituiriam as “representações-palavra”. [...] Ele, então, conclui que um dos componentes da “representação-palavra” – a imagem cinestésica da fala – seria capaz de fornecer esse elemento: como os movimentos produzem percepções, a ocupação das imagens de movimento das palavras faladas levaria à produção de um signo de qualidade e, assim, a “representação-objeto” a ela associada poderia tornar-se consciente (Caropreso, 2008, p. 54).

Os signos de qualidade permitem a consciência de uma representação. Além disso, a rememoração depende das associações linguísticas, que despertam esses signos de qualidade e tornam as representações acessíveis à consciência. Sobre a relação entre rememoração, linguagem e signos de qualidade, destacam Simanke e Caropreso (2005):

Freud atribui a possibilidade de rememoração de uma representação à associação desta a representações de palavras. Ele argumenta que, uma vez que a consciência depende do despertar de signos de qualidade e que estes últimos provêm de percepções, para que uma representação [...] se tornasse consciente seria necessário que, de alguma forma, ela produzisse uma percepção. Ele, então, conclui que um dos componentes da “representação de palavra” – a imagem cinestésica – é que possibilitaria isto (Simanke e Caropreso, 2005, p. 98).

Assim como na metapsicologia freudiana, Lacan continua abarcando a linguagem na psicanálise. Contudo, a importância e o destaque dado a ela difere do que foi atribuído por Freud, pois Lacan a posiciona como elemento central para compreender o sujeito e o inconsciente. O ponto que quero aqui evidenciar é que ambos utilizam a linguagem, mas de maneiras distintas.

Diante dessa exposição, é necessário fazer uma elucidação sobre o papel da linguagem, suas implicações na psicanálise, assim como todos os conceitos lacanianos abordados, até então, de modo superficial. Para isso, teremos o segundo capítulo destinado ao pensamento laciano, circunscrevendo os principais elementos para alcançarmos seu conceito de desejo.

Façamos, então, uma breve retrospectiva daquilo que nos trouxe ao ponto em que estamos. O início do capítulo traz os principais aspectos, conceitos e sistemas da primeira teoria do aparelho psíquico estabelecidos por Freud. Seguimos pela experiência de satisfação, a qual é fundamental para todo o movimento que envolve o desejo e é com esse conceito que conseguimos compreender a tese freudiana sobre os sonhos, de acordo com a qual todo sonho é a realização de um desejo recalcado infantil, desejo que pode ser investigado através da interpretação de sonhos. Diante das pistas que reunimos aqui, compreendemos que o desejo causado pela experiência de satisfação é recalcado diante do estabelecimento do sistema pcs-cs. Esse desejo impulsiona o aparelho psíquico, movendo-nos nessa busca invencível de reviver a experiência. Por fim, mencionamos os principais pontos que nos levam à investigação de que o desejo em Freud e Lacan, ainda que diferentemente estruturados, buscam uma mesma finalidade: compreender o que nos move e que é impossível de reviver (Freud)/ do caráter inescapável da falta (Lacan). Vejamos, na sequência, os conceitos lacanianos que nos permitem apreender sobre o desejo por ele elaborado e alcançar o objetivo desta pesquisa: indicar aquilo que, na teoria de Lacan, o leva a produzir um novo conceito de desejo.

### 3 Lacan e o desejo: Uma exposição de conceitos fundamentais

O desejo em Lacan é abordado desde seus seminários iniciais. Para a compreensão desse tema e dos motivos pelos quais o psicanalista é direcionado a uma formulação teórica específica sobre o desejo, é preciso fazer um caminho no qual serão abordados os movimentos lacanianos para sua leitura do inconsciente e da subjetividade.

Conforme Dylan Evans apresenta em seu *An introductory dictionary of lacanian psychoanalysis* (1996) sobre o conceito de desejo:

Se há algum conceito que pode ser considerado o centro do pensamento de Lacan, é o conceito de desejo. Lacan segue Espinosa ao argumentar que "o desejo é a essência do homem" (S11, 275; ver Espinosa, 1677:128); o desejo é simultaneamente o coração da existência humana e a principal preocupação da psicanálise. No entanto, quando Lacan fala de desejo, ele não se refere a qualquer tipo de desejo, mas sempre ao desejo inconsciente. Isso não porque Lacan veja o desejo consciente como sem importância, mas simplesmente porque é o desejo inconsciente que forma a preocupação central da psicanálise (Evans, 1996, p. 37. Tradução livre).

Muitas são as considerações, os movimentos, os aprimoramentos, as inserções e modificações que Lacan, partindo da metapsicologia freudiana – com destaque dado por essa pesquisa para a primeira teoria do aparelho psíquico abordada na obra *A interpretação dos sonhos* –, apresenta durante seu trabalho psicanalítico. Tendo como foco o período do fim dos anos 40 ao fim dos anos 50, serão expostos neste capítulo, conceitos fundamentais e influentes para aquilo que Lacan denomina desejo.

Durante a exposição, veremos a importância e o destaque conferidos à linguagem, assim como o lugar central que ela ocupa, segundo Lacan, para pensar o inconsciente. Sendo assim, a seção 3.1 aponta a centralidade da linguagem na área psicanalítica e os conceitos de fala vazia e fala plena; a subseção 3.1.2 apresenta a relação entre linguagem e sujeito, e a subseção 3.1.3 aborda o modo como Lacan constrói a ideia de inconsciente a partir da linguagem, conceitos esses importantes para entendermos o avanço na psicanálise e como ele interfere no conceito de desejo. Avançando no tema da linguagem, será apresentada a maneira como Lacan aborda as funções do significante e do significado no psiquismo. A relação entre metáfora e metonímia, com os conceitos apresentados por Freud — a condensação e o deslocamento —, é destacada na seção 3.3, com o intuito de apresentar um vínculo entre as ideias lacanianas e freudianas, seguindo a vertente de que há pontos de aproximação em

ambos, assim como o mesmo objetivo de descrever o mesmo conceito de desejo, ainda que de modos distintos. Seguiremos também algumas teses do psicanalista sobre os campos Imaginário, Simbólico e Real, destacando suas principais características e influências sobre o sujeito, da subseção 3.4 à 3.5. Será apresentada, na subseção 3.6, a distinção feita por Lacan entre necessidade e desejo, diferenças essas que serão mais aprofundadas em relação à definição de desejo em Freud, além da elaboração lacaniana do conceito de demanda e sua importância para a compreensão do desejo. Por fim, o desejo ganha destaque na subseção 3.7 e, para alcançar uma visão geral da psicanálise lacaniana até início dos anos 60, destacam-se alguns elementos centrais através do grafo do desejo.

### **3.1 A centralidade da linguagem na configuração da psicanálise**

Partindo para a defesa lacaniana sobre a linguagem e seu papel no inconsciente e no sujeito para a psicanálise, Lacan denuncia o desinteresse e a rejeição da linguagem e da fala pelos estudiosos de Freud em seu texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/1998), conhecido como “Discurso de Roma”. O autor apresenta essa dissonância de que a fala se encontra na função da clínica psicanalítica e, ao mesmo tempo, seu campo teórico é ignorado. Essa rejeição precisa, segundo Lacan, ser desconstruída.

Ao destacar a importância da fala, Lacan identifica três problemas que emergem na psicanálise. O primeiro problema é a função do Imaginário: os psicanalistas, ao abordar as fantasias, tendem a investigá-la em um âmbito pré-verbal, o que Lacan considera um erro. O segundo problema é a concepção das relações libidinais de objeto: a ideia de renovar a psicanálise conduz a uma fenomenologia existencial, na qual abordagem psicanalítica busca a compreensão sobre o sujeito de modo isolado, sem considerar o impacto da linguagem e das estruturas inconscientes que organizam o psíquico. O terceiro problema é a relevância da contratransferência: durante a análise, o psicanalista se coloca como algo externo, demonstrando elementos de sua própria formação, ou seja, o analista deve estar atento a sua posição, pois sua subjetividade também é integrante dessa dinâmica, o que impossibilita que ele possua uma postura completamente neutra.

Esses três problemas têm um traço comum, à parte a atividade pioneira que manifestam em três fronteiras diferentes, com a vitalidade da experiência que os sustenta. Trata-se da tentação que se apresenta ao analista de abandonar o fundamento da fala (Lacan, 1953/1998, p. 244)

A linguagem sempre teve importância crucial na psicanálise desde Freud. Lacan denuncia que os pós-freudianos ignoraram os avanços no estudo da linguagem como meio de entender o sujeito e até mesmo rejeitaram a influência do simbolismo e da fala, já apresentados por Freud. Portanto, Lacan propõe um retorno às funções fundamentais da fala na psicanálise.

Através da fala, aponta Lacan, a análise se sustentará, pois os significantes se apresentarão através dela e, ainda que essa fala pareça não retratar algo importante ou significativo, o psicanalista defende que ela possui seu “valor de tésseira”, isto é, possui um valor revelador, e através de uma exploração da fala, é possível destacar pontos importantes sobre o sujeito. Nas palavras de Lacan:

Ainda que esse discurso, com efeito, pareça meio vazio, isso só acontece quando se o toma por seu valor aparente: aquele que justifica a Frase de Mallarmé, quando este compara o uso comum da linguagem com a troca de uma moeda cujo verso e anverso já não mostram senão figuras apagadas, e que é passada de mão em mão "em silêncio". Essa metáfora basta para nos lembrar que a fala, mesmo no auge de sua usura, preserva seu valor de tésseira. (Lacan, 1953/1998, p. 253)

Desenvolvendo sua teoria sobre a fala, Lacan (1953/1998) a divide em fala vazia e fala plena. Sobre a fala vazia, os aspectos que a caracterizam são conteúdos relacionados ao Imaginário e ela traz uma identidade que não se trata, realmente, do sujeito. Essa fala vazia limita o conhecimento e o aprofundamento de si. A partir do silêncio do analista, há o aparecimento do sujeito e sua expressão pela fala que, de acordo com Léa Silveira (2004) “Também recebe a alcunha de “verdadeira” pois justamente constitui o tipo de discurso mais próximo da verdade do desejo do sujeito” (Silveira, 2004, p. 52). Ainda que o percurso seja com a finalidade de alcançar a fala plena, é necessário destacar que não é possível esse trajeto sem a fala vazia. Conforme a autora menciona:

Por mais que seja algo a ser ultrapassado na direção da fala plena, a fala vazia é a única coisa de que o analista pode dispor para, subvertendo-a, alcançar a verdade do desejo. Não há como deixar de passar pela estrutura imaginária do eu. O discurso, mesmo quando mais se aproxima da verdade subjetiva, mesmo quando se trata da fala plena, é sempre filtrado pelo registro imaginário do narcisismo. (Silveira, 2004, p. 52).

O objetivo de Lacan não é apenas evidenciar a importância do conteúdo da fala plena, mas também como ela se relaciona com o discurso do outro. O psicanalista defende que a fala possui uma função para além da transmissão de informações, a saber, uma forma de conectar diferentes significados Simbólicos. Então, é perceptível que a intersubjetividade na fala possui

um papel importante na psicanálise, na medida em que a fala se insere em um contexto social, não se tratando apenas de um “ato individual”. De acordo com Silveira, “O valor da fala não está, então, na informação objetiva que transmite, mas na reverberação do discurso do outro que constitui a fala plena” (2004, p. 53).

Essa ideia formulada entre fala vazia e fala plena possui algumas contradições e problemas ao encontrar-se na estrutura lacaniana do inconsciente. Para que essas questões sejam levantadas e bem compreendidas, retomaremos esse ponto na seção 3.4 onde serão abordados o papel do Imaginário e do Simbólico no inconsciente.

A partir do *Discurso de Roma*, Lacan, com seu retorno a Freud, fundamenta a ideia do estruturalismo na psicanálise, evidenciando o inconsciente com sua base fundamentada no campo da linguagem e da fala. Com essa reestruturação, conceitos importantes para a psicanálise, como o desejo, necessitam de uma nova configuração, como apontado por Silveira (2004), devido à intrínseca relação entre linguagem e inconsciente.

Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real (Lacan, 1953/1998, p. 259).

Diante dessas informações, é preciso aprofundar nossa pesquisa sobre o sujeito e o inconsciente lacaniano e sobre o modo como a linguagem auxilia na estruturação desse campo. O desenvolvimento desse conceito é importante para o seguimento desta pesquisa, visto que é a partir da definição de inconsciente que nos aproximaremos do conceito de desejo, além de coletarmos algumas de suas características durante este percurso.

### **3.1.1 A linguagem na formação do sujeito**

Lacan, ao desenvolver sua teoria sobre a linguagem na relação com o inconsciente, promoveu um grande impacto à compreensão do sujeito – ou seja, o sujeito não domina a linguagem, sendo constituído por ela – e à compreensão do desejo, na medida em que é a inserção do indivíduo na linguagem que o sujeito se constitui: “[...] a situação do desejo está profundamente marcada, amarrada, presa a certa função da linguagem, a uma certa relação do sujeito com o significante” (Lacan, 2013/2016, p. 14). Para o psicanalista, a linguagem vai muito além de um meio de comunicação, posto que, a partir dela e de sua estrutura, o sujeito se constitui. Portanto, a linguagem não se resume à ferramenta que os indivíduos aprendem e

da qual se utilizam, mas também, se trata de uma estrutura que antecede e que molda o ser humano, sua subjetividade. De acordo com Lacan em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998):

Essa definição simples supõe que a linguagem não se confunda com as diversas funções somáticas e psíquicas que a desservem no sujeito falante. Pela razão primeira de que a linguagem, com sua estrutura, preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental (Lacan, 1957/1998, p. 498).

Para exemplificar a influência da linguagem na constituição do sujeito, vejamos essa passagem:

Para nos atermos a uma tradição mais clara, talvez ouçamos a célebre máxima em que La Rochefoucauld nos diz que "há pessoas que nunca se haveriam apaixonado, se nunca tivessem ouvido falar de amor", não no sentido romântico de uma "realização" totalmente imaginária do amor, que fizesse disso uma amarga objeção a ele, mas como um reconhecimento autêntico do que o amor deve ao símbolo e do que a fala comporta de amor. (Lacan, 1953/1998, 265).

Lacan aponta nessa citação, em sentido psicanalítico, o reconhecimento do papel do símbolo e da linguagem na experiência do amor. Ele sugere que o amor não é apenas uma emoção puramente pessoal, mas algo também moldado e mediado pela linguagem e pelos símbolos associados a ele. Reconhecemos também, através desse trecho, a precedência da linguagem sobre o sujeito, conforme o amor só é reconhecido e constituinte do sujeito através da linguagem.<sup>9</sup>

Portanto, o foco do psicanalista, com a introdução da linguagem, é mostrar que o sujeito vai além da simples experiência subjetiva de um ser humano. O sujeito não está limitado ao que é experimentado ou percebido, ele "(...) vai muito além do que o indivíduo experimenta "subjetivamente"" (Lacan, 1953, p. 266). Ou seja, não se trata apenas de percepção subjetiva, mas de algo que transcende a experiência individual e está vinculado à relação do sujeito consigo.

O sujeito é dividido, segundo Lacan, porque sua existência implica o Simbólico, isto é, o sujeito é representado por meio da linguagem, através do significante, que separa o sujeito de seu objeto de desejo, ao mesmo tempo que o representa através do discurso. Essa

---

<sup>9</sup> A linguagem para Lacan não se resume aos processos linguísticos, mas ela se dá em várias formas, como gestos, ações e até mesmo através do silêncio. "Em primeiro lugar, toda comunicação humana está inscrita em uma estrutura linguística; até mesmo a "linguagem corporal" é, como o próprio termo implica, fundamentalmente uma forma de linguagem, com as mesmas características estruturais." (Evans, 1996, p. 100. Trad. livre).

divisão do sujeito e sua representação simbólica são elementos cruciais na estruturação do inconsciente. Assim, fica evidente que a linguagem desempenha um papel fundamental na formação e na dinâmica do inconsciente. Para melhor compreensão, analisemos a passagem do *Seminário 5: As formações do inconsciente* (1998/1999):

Como existência, o sujeito vê-se constituído desde o início como divisão. Por quê? Porque seu ser tem de se fazer representar alhures, no signo, e o próprio signo está num lugar terceiro. É isso que estrutura o sujeito na decomposição de si mesmo sem a qual nos é impossível fundamentar, de alguma maneira válida, o que se chama inconsciente. (Lacan, 1998/1999, p. 266)

Lacan afirma que “O sujeito é todo o sistema” (Lacan, 1998/1999, p. 127). Portanto, quando o sujeito é captado pela linguagem, ou seja, se associa a um significante e passa a ter sua identidade definida a partir da linguagem, ele se encontra dividido. Essa divisão ocorre pois algo se perde, isto é, o sujeito não se apresenta totalmente na linguagem. De acordo com o *Dicionário enciclopédico de Psicanálise* (1996): “[...] desde que o sujeito é identificado a um significante, ele desaparece alhures no inconsciente; sua alienação consiste nessa divisão em que é posta em jogo sua perda e em que ele só aparece de um lado para se apagar do outro”(Kaufmann, 1993/1996, p. 10). Essa alienação é estrutural e funda a experiência do sujeito no inconsciente: ele está sempre deslocado, sempre tentando se encontrar no jogo de significantes que o constitui. O mesmo ocorre com o desejo, que surge justamente dessa impossibilidade de plena tradução pela linguagem.

### **3.1.2 A linguagem como chave para o inconsciente**

Diferente de Freud, Lacan insere a linguagem como algo central para pensar o sujeito e o inconsciente. Ele sustenta que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, implicando significantes, metáforas, metonímias e produção de significado. O inconsciente está atrelado ao jogo dos significantes e é atravessado pela falta. Como aponta Lacan:

O que chamamos de formações do inconsciente, o que Freud nos apresentou com esse nome, é unicamente a apreensão de um certo primarismo na linguagem. Foi por isso mesmo que ele o chamou de *processo primário*. A linguagem marca esse primarismo, e é por isso que podemos dizer que a descoberta de Freud, a do inconsciente, foi preparada pela interrogação desse primarismo, na medida em que se detectou inicialmente sua estrutura de linguagem (Lacan, 1998/1999, p. 368).

O inconsciente, como visto anteriormente, também é determinante para a construção do sujeito. Examinemos, então, a relação entre linguagem e inconsciente.

Dessas inovações emergem as características do método estruturalista em antropologia, na qual o conceito de inconsciente vai receber uma acepção admissível ao projeto lacaniano, ainda que ao custo de um tal estranhamento com seu sentido freudiano originário (Simanke, 2002, p. 435).

Lacan reconhece na estrutura inconsciente uma equivalência com a estrutura linguística, pois ambas apresentam meios para que se formem sentidos, através de combinações de significantes, ou seja, essa equivalência “Permite-nos igualmente reconhecer, no plano das funções do significante, uma força originária na qual podemos localizar um certo engendramento do que chamamos sentido” (Lacan, 1998/1999, p. 52-53).

Quando fala do inconsciente, Freud não nos diz que ele é estruturado de uma certa maneira, mas, ainda assim, diz ele isso, na medida em que as leis que propõe, as leis de composição desse inconsciente, coincidem exatamente com algumas das mais fundamentais leis de composição do discurso (Lacan, 1998/1999, p. 70).

As relações entre significante e significado, as quais serão abordadas no próximo tópico, farão com que se compreenda mais sobre a estrutura inconsciente, elaborada por Lacan. Nas palavras do autor: “Essa medida comum entre o inconsciente e a estrutura da fala, enquanto comandada pelas leis do significante, é precisamente aquilo de que nos tentamos aproximar cada vez mais” (Lacan, 1998/1999, p. 89).

Importante destacar que a relação que Lacan desenvolve entre a estrutura da linguagem e a estrutura do inconsciente não é de semelhança, mas de igualdade. Ou seja, a estruturação e o funcionamento do inconsciente são profundamente enraizados na linguagem e nas suas características estruturais, como significante e significado, metáfora e metonímia. Isso sugere que tanto na linguística quanto na psicanálise, é crucial entender e analisar como os elementos são articulados e conectados dentro de um sistema, mesmo que não sejam semelhantes na superfície. Nas palavras de Silveira em seu livro *A travessia da estrutura em Jacques Lacan* (2022):

Aí vemos que o vínculo não é de semelhança: as leis do inconsciente são as leis *da* linguagem, e não leis *como as da* linguagem. Nesse sentido, o que importa, seja em linguística, seja em psicanálise, é o isolamento do campo de articulação de elementos congêneres - cujo modo de funcionamento é o mesmo, qualquer que seja o campo fenomênico recortado [...] (Silveira, 2022, p. 261).

No texto *Função e Campo da Fala e da Linguagem*, o ponto central que Lacan desenvolve, segundo Silveira (2004), é a utilização dessa nova noção de estrutura do inconsciente para mostrar a análise do sujeito inconsciente e, conseqüentemente, caminhar em direção ao desejo do sujeito.

Nesse movimento de renovação do entendimento da estrutura inconsciente, Lacan estabelece o inconsciente como um saber e esse saber é circunscrito pelo Simbólico, na medida em que o inconsciente corresponde às formas simbólicas em virtude de ser estruturado como linguagem.

Ainda sobre o inconsciente ser um saber, Coutinho Jorge (2005) destaca uma observação importante de Moscovitz:

Nesse sentido, Jean-Jacques Moscovitz chama a atenção para o fato de o termo alemão que designa o inconsciente, *Unbewusste*, significar literalmente incabível, acrescentando que o consciente seria um saber que se sabe e o inconsciente um saber que não se sabe (Coutinho Jorge, 2005, p. 66).

Finalizando essa seção, podemos destacar a grande contribuição de Lacan ao conceber a estrutura do inconsciente assim como a estrutura linguística. A partir dessa abordagem, conseguimos compreender o funcionamento do inconsciente a partir dos componentes da fala e da linguagem, como também sua definição como um saber operado no registro Simbólico. Essa nova leitura do inconsciente nos aproxima cada vez mais do conceito de desejo. Precisamos, então, aprofundar o estudo sobre elementos vinculados ao inconsciente, como o significante, significado, metáfora e metonímia.

### **3.2 A dinâmica de significante e significado no psiquismo**

Como visto, o saber do inconsciente é circunscrito pelo Simbólico. Então, Lacan, para compreender qual seria a estrutura do Simbólico, a qual reflete sobre o sujeito inconsciente, utiliza-se da influência de Ferdinand de Saussure em linguística, na qual ele se depara com as noções de significante e significado, conceitos importantes para a compreensão da teoria lacaniana. Conforme apresentado no *Seminário I: Os escritos técnicos de Freud* (1975/1986):

O significante é o material audível, o que nem por isso quer dizer o som. Entretanto, nem por isso, tudo que é da ordem da fonética é incluído na Linguística enquanto tal. É do fonema que se trata, quer dizer, do som em oposição a outro som, no interior de um conjunto de oposições.

Ao falarmos do significado, pensamos na coisa, quando se trata da significação. Não obstante, cada vez que falamos, dizemos a coisa, o significável, através do significado. Há aí um logro, porque é claro que a linguagem não é feita para designar as coisas. Mas esse logro é estrutural na linguagem humana e, num certo sentido, é nele que está fundada a verificação de toda verdade (Lacan, 1975/1986, p. 281).

Ao basear-se na estrutura da língua, tal como pensada por Saussure, Lacan estabelece, na psicanálise, o "significante" como referente aos elementos da linguagem, como as palavras, os sons, os gestos, que são usados com a pretensão representar conceitos ou objetos. O significante é a parte material ou captável da linguagem, aquilo que é percebido pelos sentidos. Ele pode deslizar sobre o significado, ou seja, esse conceito-chave em Lacan mostra que não há uma fixação entre o significante e o significado. Portanto, o significante pode se associar, através do sujeito, em diferentes significados. Para exemplificar, o significante "manga" pode se referir ao significado da fruta ou de parte da blusa.

Essa relação de deslizamento entre significante e significado é importante para pensar vários fenômenos psíquicos. Para ilustrar, pensemos no ato falho: o significante pode se deslocar de seu significado esperado para outro, o que ocasiona a revelação de conteúdos inconscientes. Então, um indivíduo pode tentar dizer uma palavra ou frase, mas, na ocorrência do deslizamento do significante, acaba dizendo algo diferente, o que pode revelar conteúdos e desejos inconscientes.

Com o objetivo de reconhecer o algoritmo saussuriano e mostrar as alterações propostas sobre ele, que foram importantes para a compreensão do inconsciente, Lacan apresenta nos *Escritos*:

Para marcar o surgimento da disciplina linguística, diremos que ela se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte:

S

—

s

que se lê: significante sobre significado, correspondendo o " sobre" à barra que separa as duas etapas (Lacan, 1957/1998, p. 500).

Algumas modificações foram feitas por Lacan no algoritmo. As posições do significante e do significado, na citação acima, foram invertidas por Lacan para mostrar a primazia do significante. Isso demonstra que o significante não é apenas um veículo de apresentação do significado, mas é através do significante que ocorre a formação do sujeito e a estruturação do inconsciente, ou seja, o sujeito é constituído e processos inconscientes se

manifestam através do significante. Portanto, para Lacan, o ser do sujeito não precede à linguagem.<sup>10</sup>

A barra que separa o significante do significado possui uma importância para Lacan, pois ela simboliza que “qualquer espécie de significante é, por natureza, uma coisa que pode ser barrada.” (Lacan, 1998/1999, p.356), o que mostra que cortes incidem no discurso. Nesse contexto, é compreensível a ideia de falta na cadeia significante, ou seja, a falta de significado que correspondesse ao significante. A falta na cadeia significante sugere que há algo que escapa, um descompasso relativamente a uma compreensão ou representação total na linguagem, o que justifica cortes ou rupturas no discurso. Lacan vai denominar esse descompasso entre significantes o que Freud chamava de recalque. Examinaremos mais sobre a barra no tópico sobre a metáfora e metonímia. Sobre o recalque, Lacan afirma que ele

(...) só pode ser concebido como ligado a uma cadeia significante articulada. Toda vez que vocês têm um recalque na neurose, é na medida em que o sujeito não quer reconhecer alguma coisa que necessitaria ser reconhecida, e esse termo, necessitaria, sempre comporta um elemento de articulação significante que não é concebível senão numa coerência discursiva (Lacan, 1998/1999, p. 242).

Dessa maneira, podemos destacar nesta seção a primazia do significante sobre o significado, uma característica central do inconsciente na teoria lacaniana. O deslizamento do significante, a ausência de correspondência fixa entre significante e significado e a falta inerente à cadeia significante são aspectos fundamentais que sustentam as noções de desejo e recalque. Esses fenômenos podem ser observados nos atos falhos e nos sonhos. O disfarce, ou a modificação do desejo que se manifesta nesses processos, é analisado por Lacan por meio dos mecanismos de metáfora e metonímia, que serão explorados na próxima seção.

---

<sup>10</sup> Sabe-se que, antes mesmo do nascimento, o indivíduo é abarcado pela linguagem, ou seja, já se encontra dito. Contudo, quando aqui e em outros pontos do texto destaco a entrada do sujeito na linguagem, refiro-me à tese de Lacan que aponta o sujeito como atravessado pela linguagem. Assim como assinalado no grafo do desejo (a ser apresentado mais adiante), o sujeito precisa, para além de se inserir na linguagem, inscrever-se ativamente nela a partir do campo Simbólico, que será abordado em outra seção deste texto. Lacan escreve: “O grito se produz num estado de coisas onde não apenas a linguagem já está instituída para a criança, mas esta já está imersa num meio de linguagem, e é a título de par de alternância que ela compreende e articula seus primeiros balbucios. O Fort-Da é aqui essencial. O grito que levamos em conta na frustração se insere num mundo sincrônico de gritos organizados em sistema simbólico. Os gritos são, doravante, virtualmente organizados num sistema simbólico.” (Lacan, 1994/1995, p. 192).

### 3.3 Metáfora e metonímia associadas à condensação e ao deslocamento

Condensação e deslocamento são termos utilizados em textos de Freud, inicialmente, para identificar alguns dos trabalhos do sonho. Esses trabalhos consistem em disfarçar e deformar o desejo inconsciente que era apresentado através do sonho, ou seja, disfarçar o conteúdo latente transformando-o em conteúdo manifesto. A condensação possui como função o englobamento de vários elementos psíquicos em um único elemento e o deslocamento consiste em transferir o valor psíquico de um elemento para outro, comumente, de um elemento importante para outro sem muita importância ou oposto.

o essencial gira, sempre e unicamente, em torno de analogias estruturais que só são concebíveis no plano linguístico, e que se manifestam entre o aspecto técnico ou verbal do chiste e os mecanismos próprios do inconsciente, que Freud descobriu sob nomes diversos, tais como condensação e deslocamento [...] (Lacan, 1998/1999, p. 31).

Encontramos uma definição usual de metáfora no *Minidicionário da língua portuguesa* (2007): “Figura que consiste na substituição de uma palavra por outra em virtude de certa relação de semelhança [...]” (Bueno, 2007, p. 509). Em contraposição, Evans (1996), esclarece que:

[...] o uso do termo [metáfora] por Lacan deve pouco a essa definição [usual] e muito ao trabalho de Roman Jakobson, que, em um artigo importante publicado em 1956, estabeleceu uma oposição entre metáfora e METONÍMIA. Com base na distinção entre dois tipos de afasia, Jakobson diferenciou dois eixos fundamentais da linguagem: o eixo metafórico, que lida com a seleção de itens linguísticos e permite sua substituição [...]. Seguindo a identificação de Jakobson da metáfora com o eixo substitutivo da linguagem, Lacan define metáfora como a substituição de um significante por outro (Evans, 1996, p. 164) e fornece a primeira fórmula da metáfora [...]” (Evans, 1996, p. 114. Tradução livre).

Como definição de metonímia, Bueno (2007) apresenta: “Figura que consiste em designar uma coisa com nome de outra que com ela tem relação imediata: a causa pelo efeito e vice-versa [...]” (Bueno, 2007, p. 510). A metonímia para Lacan é definida, segundo Evans, como

[...] a relação diacrônica entre um significante e outro na cadeia significante. Assim, a metonímia diz respeito às maneiras como os significantes podem ser combinados/vinculados em uma única cadeia significante (relações ‘horizontais’) [...] (Evans, 1996, p. 116. Tradução livre).

Por meio dessa associação, Lacan aponta a condensação como uma lei fundamental que guia o processo de formação dos sonhos. A condensação, assim como o processo metafórico, promove a substituição de vários significantes por apenas um, com o que tem

lugar um agrupamento. O deslocamento ocorre como um destinamento a outro significante, o qual o psicanalista associa ao processo metonímico. Para uma compreensão mais estruturada, vejamos as palavras de Lacan:

A *Verdichtung*, condensação, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora, e cujo nome, por condensar em si mesmo a *Dichtung*, indica a conaturalidade desse mecanismo com a poesia, a ponto de envolver a função propriamente tradicional desta.

A *Verschiebung* ou deslocamento é, mais próxima do termo alemão, o transporte da significação que a metonímia demonstra e que, desde seu aparecimento em Freud, é apresentado como o meio mais adequado do inconsciente para despistar a censura (Lacan, 1957/1998, p. 515).

No *Seminário 5* (1998/1999), Lacan apresenta a cadeia significante como dinâmica e permeável conforme a metáfora e a metonímia implementam suas intervenções. Os mecanismos linguísticos afetam a cadeia significante, o que gera inúmeras formas de estruturação e interpretação do discurso. Essas modificações são encontradas tanto na linguagem, quanto nos sintomas psíquicos.

Retomando a ideia da barra entre o significante e significado, abordada anteriormente, vejamos a relação entre ela e metáfora e metonímia:

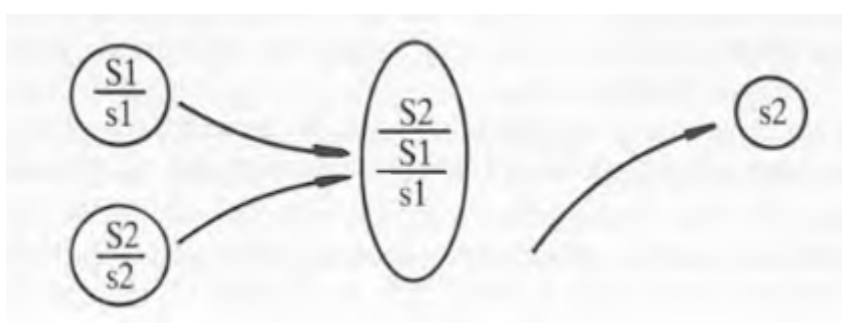
Os símbolos que se seguem são, respectivamente, os da metonímia e os da metáfora.

$f(s \dots S') S'' = S (-) s$

$f(; S'' = S (+) s$

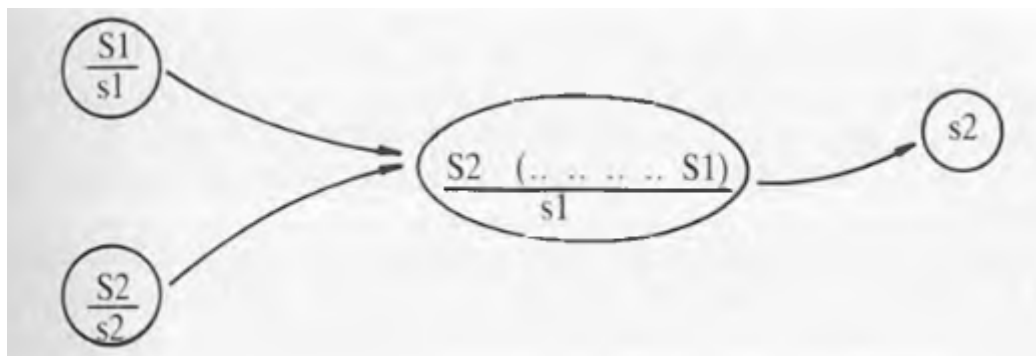
(Lacan, 1998/1999, p. 16).

Há uma substituição de significantes quando introduzida a metáfora, aponta Joël Dor (1985/1989). Essa substituição faz com que o segundo significante passe pela barra e se posicione no lugar do primeiro significante e o primeiro significante se torna o significado, influenciado pelo segundo significante. Nas palavras do autor: “Quando introduzimos a figura metafórica, efetuamos uma substituição significante que irá consistir, aqui, em substituir S1 por S2. A substituição de S1 por S2 faz S1/s1 passar sob a barra de significação. Tudo se passa, então, como se o signo S1/s1 se tornasse o novo significado de S2.” (Dor, 1985/1989, p. 43-44). Para visualizarmos essa ideia, analisemos o esquema a seguir:



Fonte: Dor (1985/1989, p. 43).

No caso da metonímia, o significante não passa pela barra, pois não se submete a um novo significado, como na metáfora. Na metonímia, o significante 1 permanece, na medida em que ele não é transformado ou substituído por completo, mas permanece em uma relação de associação com o segundo significante. Vejamos o esquema presente no texto de Dor:



Fonte: Dor (1985/1989, p. 47).

Portanto, a metonímia mostra a resistência da significação através da resistência da barra entre significante e significado. A metáfora mostra a urgência de significação pelo franqueamento da barra. Com essa tese, Lacan enfatiza a precedência do significante sobre o significado.

Tais observações são feitas para lhes mostrar que o caminho pelo qual enveredamos, o de ligar toda a economia do que está gravado no inconsciente à combinação significante, leva-nos muito longe, joga-nos numa regressão que não prossegue *ad infinitum*, mas que nos reconduz à origem da linguagem. Com efeito, temos de considerar todas as significações humanas como tendo sido, em algum momento, metaforicamente geradas por conjunções significantes (Lacan, 1998/1999, p. 58).

Assim, no inconsciente estruturado como linguagem, mecanismos como metáfora e metonímia são evidentemente encontrados, aponta Lacan, nos processos inconscientes, como a condensação e o deslocamento em sonhos, atos falhos e esquecimento de nomes próprios. Diante da relação linguística, Lacan estabelece três campos que sustentam a teoria do sujeito. Precisamos, portanto, entender quais são esses registros e suas contribuições para sujeito e de desejo.

### 3.4 Os três registros de Lacan: Simbólico, Imaginário e Real

Três são os registros da experiência humana de acordo com a psicanálise lacaniana: o Imaginário, o Simbólico e o Real. A partir deles, Lacan abarca as dimensões de identificação do sujeito através da linguagem, das imagens, dos conteúdos simbólicos e daqueles não simbolizáveis.

A partir da definição de estrutura inconsciente desenvolvida anteriormente, o sujeito será compreendido por Lacan, também, através da linguagem, ou seja, o sujeito existe onde há linguagem. Para o percurso de existência e desenvolvimento do sujeito, falemos, primeiramente, da estrutura imaginária.

#### 3.4.1 O Imaginário

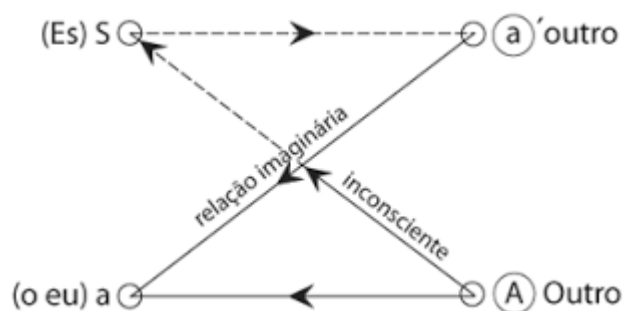
O *estádio do espelho* é um conceito apresentado pela primeira vez por Lacan no texto *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949/1998) e, posteriormente, desenvolvido e comentado ao longo de seus seminários, com o objetivo de demonstrar o modo com que o Imaginário se constrói e se torna formador do Eu. Durante esse estádio, segundo o psicanalista, a criança reconhece o que é ela, mas que, ao mesmo tempo, não é. É nesse processo que ocorre a formação do Eu.

O Imaginário comporta a satisfação da ideia de completude, ou seja, os mecanismos do inconsciente para manter essa imagem do que é o Eu, mas que, ao mesmo tempo, não é, por completo, o sujeito. O eu ideal corresponde à imagem especular narcísica, sustentando a ilusão de completude do Eu. A imagem idealizada pelo eu ideal é feita a partir da comparação do sujeito com o outro. Portanto, em linhas gerais, o eu ideal é caracterizado por uma completude ilusória que se instaura a partir do reflexo no outro. De acordo com o *Vocabulário da Psicanálise*: “o ego [Eu] ideal é igualmente uma formação essencialmente narcísica que tem a sua origem na fase do espelho e que pertence ao registro do Imaginário.” (Laplanche e Pontalis, 1982/2001, p. 139).

Então, tendo como foco o eu ideal, Lacan mostra no texto *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949/1998) que, antes de o bebê se estabelecer no registro do universal, através da linguagem e da interação social, o eu ideal se instaura nessa idealização que ainda não está completamente articulada, mas se coloca através de uma identificação com o outro:

a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. Essa forma, aliás, mais deveria ser designada por [eu]-ideal (Lacan, 1949/1998, p. 97).

Para compreendermos essa dualidade, precisamos inserir as ideias de outro e de Outro, com inicial maiúscula. Para isso, vejamos o esquema L:



Fonte: Lacan (1978/1995, p. 142).

Inicialmente, foquemos nas letras “a”, “a'” e “A” e suas posições, como também nas linhas contínuas do esquema e suas respectivas setas.

Para a representação do outro, temos a letra “a'”. A partir desse outro, o eu - representado no esquema pela letra “a” - se estrutura. Nesse processo ocorre a função imaginária, na qual o bebê se reconhece a partir do outro, ou seja, o eu é a superfície da projeção do outro. Para reafirmar essa ideia, Lacan refere-se à: “[...] recepção do eu no outro, pois *toda a referência imaginária* do ser humano está centrada na *imagem do semelhante*.” (Lacan, 1978/1995, p. 155, *italico meu*). Dessa explicação segue-se a tese lacaniana “o eu é um outro”. A dimensão imaginária do eu ideal e do narcisismo instaura-se, conforme Lacan apresenta em *Subversão do sujeito e dialética do inconsciente freudiano* (1960b/1998):

Como quer que seja, o que o sujeito encontra nessa imagem alterada de seu corpo é o paradigma de todas as formas da semelhança que levarão para o mundo dos objetos um toque de hostilidade, projetando nele a transformação da imagem narcísica, que, do efeito jubilatório de seu encontro no espelho, transforma-se, no confronto com o semelhante, no escoadouro da mais íntima agressividade. É essa imagem que se fixa, eu ideal, desde o ponto em que o sujeito se detém como ideal do eu (Lacan, 1960b/1998, p. 823).

Seguimos agora para a letra “A” que corresponde ao grande Outro. A seta que segue do Outro em direção ao Imaginário promove uma ruptura na certeza imaginária, na medida em que interrompe o reconhecimento do eu no outro, causa uma ferida narcísica e retira o sentimento de completude do eu.

Para registrar a diferença entre eu ideal e ideal do eu, – ainda que o ideal do eu não seja algo contido no Imaginário, “mas sim uma formação que surge nesse lugar simbólico” (Lacan, 1960a/1998, p. 684) – convém assinalar que as principais características do ideal do eu são: seu surgimento a partir da internalização das normas e dos ideais que são impostos pelo Outro<sup>11</sup>; sua regulação mediante as expectativas culturais, sociais; a busca pelo reconhecimento e aceitação pela autoridade; anulação em busca de atender às expectativas externas. “Mas, o que nos interessa aqui é a função, que chamaremos apaziguadora, do Ideal do Eu, a conexão de sua normatividade libidinal com uma normatividade cultural, ligada desde o alvorecer da história à imago do pai.” (Lacan, 1948/1998, p. 119).

Portanto, enquanto o eu ideal é marcado por uma imagem narcísica que idealiza a completude do eu, o ideal do eu coloca-se diante da lei e há a renúncia de si, de modo que o eu se apresentando como incompleto, faltoso, para que consiga se estabelecer diante dos padrões sociais. Dois trechos destacam as diferenças entre eu ideal e ideal do eu:

na relação do sujeito com o outro da autoridade, o Ideal do Eu, seguindo a lei de agradar, leva o sujeito a se desagradar ao sabor da ordem; o eu ideal, com o risco de desagradar, só triunfa ao agradar a despeito da ordem. (Lacan 1960a/1998, p. 678)

Assim, a função do modelo é dar uma imagem de como a relação com o espelho, isto é, de como a relação imaginária com o outro e a captura do eu ideal servem para arrastar o sujeito para o campo em que ele se hipostasia no Ideal do Eu. (Lacan 1960a/1998, p. 686)

Assim, após a explicação sobre o ideal do eu, que emerge no campo Simbólico, é fundamental compreendermos a transição do Imaginário para o Simbólico, especialmente à luz dos três tempos do Édipo. No entanto, antes de explorarmos esses conceitos de forma mais detalhada, convém atentarmos para o que Lacan nos diz sobre o *Fort/Da*, pois ele oferece uma introdução essencial ao mundo Simbólico.

Essa relação entre o sujeito e a falta é desenvolvida por Lacan a partir da referência que Freud faz ao jogo do *Fort/Da*<sup>12</sup>. Ao jogar o objeto para longe (*Fort*), ainda que o objeto

<sup>11</sup> A próxima seção será dedicada à explicação sobre essa instauração de uma lei simbólica.

<sup>12</sup> O jogo do *Fort-Da* é apresentado por Freud na obra *Além do Princípio de Prazer* (1920/2016), quando o psicanalista observa a brincadeira de uma criança com um carretel. No movimento repetitivo de jogar o objeto para longe (*Fort*) e trazê-lo de volta (*Da*), a criança simbolizava a ausência materna e elaborava a angústia gerada por essa ausência. A passividade diante da separação transformava-se em atividade, à medida que a criança buscava dominar simbolicamente a situação através da brincadeira. Nas palavras de Freud: “Um dia, então, fiz a observação que confirmou minha concepção. A criança tinha um carretel de madeira com um fio enrolado nele. Jamais lhe ocorria, por exemplo, arrastá-lo atrás de si pelo chão, ou seja, brincar de carrinho com ele, mas jogava o carretel com grande habilidade, segurando-o pelo fio, sobre a borda de sua caminha com dossel, de maneira que ele

esteja lá, é o movimento de ausência que sustenta o desejo. Da mesma forma, ao trazer o objeto de volta (*Da*), este só possui valor por ter se ausentado, ou seja, “A ausência é evocada na presença, e a presença na ausência.” (Lacan, 1975/1986, p. 201). Assim, o desejo se funda na falta, e o jogo demonstra que é na negatividade que o sujeito constrói sua relação com o desejo.

Que a criança se enderece agora a um parceiro Imaginário ou Real, ela o verá obedecer igualmente à negatividade do seu discurso e seu apelo – porque não esqueçam que, quando diz *Fort*, é que o objeto está lá, e que quando diz *Da* o objeto está ausente – e o seu apelo tendo por efeito fazê-lo se furtar, ela procurará numa afirmação banidora – aprenderá muito cedo a força da recusa – a provocação da volta que leva de novo seu objeto a esse desejo.

[...]

Isso parece uma banalidade, e parece ser óbvio. Mas ainda é preciso dizer e refletir sobre isso. Porque é na medida em que o símbolo permite essa inversão, quer dizer, anula a coisa existente, que ele abre o mundo da negatividade, o qual constitui, ao mesmo tempo, o discurso do sujeito humano e a realidade do seu mundo enquanto humano.

O masoquismo primordial deve ser situado em torno dessa primeira negativização, desse assassinio originário da coisa (Lacan, 1975/1986, p. 201).

No fragmento anterior Lacan mostra como, desde cedo, o sujeito se depara com o fato de que o desejo só existe na medida em que há uma perda, uma falta. O *Fort/Da* não é apenas um jogo sobre presença e ausência, mas uma introdução ao mundo Simbólico, onde a realidade não é dada diretamente, mas atravessada pela linguagem.

O importante não é que a criança diga as palavras *Fort/ Da*, o que, na sua língua materna, é *Longe/ Aqui* - ela as pronuncia aliás de maneira aproximativa. É que há aí, desde a origem, uma primeira manifestação da linguagem. Nessa oposição fonemática, a criança transcende, introduz num plano simbólico o fenômeno da presença e da ausência. Torna-se mestre da coisa, na medida em que, justamente, a destrói (Lacan, 1975/1986, p. 200).

O movimento da criação de símbolos apresenta, portanto, que a nomeação de algo evoca, não a coisa em si, mas sim o seu equivalente Simbólico. Assim como o *Fort/Da* apresenta o desejo diante da ausência, é diante da anulação da coisa que o Simbólico se instaura. Isso significa que a linguagem estrutura a própria forma como o sujeito percebe e se relaciona com ele.

---

desaparecia dentro dela; enquanto isso, pronunciava o seu significativo ó-ó-ó-ó [*Fort*] e então puxava o carretel pelo fio para fora da cama, agora saudando seu aparecimento com um alegre “*da*” [aí está]. Essa era, portanto, a brincadeira completa, desaparecimento e retorno.” (Freud, 1920/2016 p.34).

O *Fort/Da*, segundo Lacan, apresenta-se como um momento anterior à passagem entre o Imaginário e o Simbólico, pois são os três tempos do Édipo que efetivamente consolidam essa passagem. Nas palavras do autor:

O que está em jogo no fim da fase pré-edipiana, e na borda do Édipo? Trata-se de que a criança assuma o falo como significante, e de uma maneira que faça dele instrumento da ordem simbólica das trocas, na medida em que ele preside à constituição das linhagens (Lacan, 1994/1995, p. 204).

Assim, é fundamental analisarmos como Lacan estrutura os três tempos do Édipo, a fim de elucidar as características do campo Simbólico, pois, como afirma Lacan, “[...] é impensável se o campo que localizamos com o nome de Édipo não tiver uma estrutura simbólica” (Lacan, 1981/1988, p. 223). A partir da perspectiva lacaniana sobre o Simbólico, nos aproximamos da compreensão da relação entre desejo e falta, a qual se configura a partir da entrada do sujeito na linguagem.

### 3.4.2 Nome-do-Pai ou metáfora paterna

Seguindo o esquema L, vamos analisar como o processo Imaginário e seu corte é apresentado a partir da metáfora paterna, ou também como é conhecida, Nome-do-Pai. Para substituímos os termos: “a” representa a criança, “a’” representa a mãe e “A” representa o pai.

Quando Lacan utiliza os termos “mãe” e “pai”, ele não está se referindo à pessoa que gerou o bebê e ao indivíduo envolvido na concepção biológica, mas sim os utiliza apenas para apresentar as funções em que se instaura o Outro e o corte da relação entre eu e outro, pontos decisivos na inserção do indivíduo na linguagem<sup>13</sup>. Nas palavras de Silveira:

Com a leitura estruturalista, o Édipo deixa de ser uma cena da família burguesa para dispor - em termos das relações primárias de passagem de um vínculo dual para as possibilidades metonímicas do desejo - o paradigma da entrada do ser humano na linguagem (2022, p. 225).

Ainda que a metáfora paterna coloque o pai como o Outro, é preciso entender que a primeira pessoa a ocupar tal lugar é a mãe. Lacan, no *Seminário 6: O desejo e sua interpretação* (2013/2016), aponta que no campo Imaginário há a relação entre mãe e bebê, o qual reflete a imagem materna:

---

<sup>13</sup> A inserção do bebê na linguagem, nesse momento, refere-se à entrada do sujeito como falante.

Há transformação disto, e uma repartição entre, por um lado, o conjunto dos elementos fragmentários do corpo, e aquilo com que nós lidamos na medida em que somos a marionete, e na medida em que o nosso parceiro o é, a marionete. Mas à marionete não falta senão uma coisa, o falo. O falo está ocupado noutra lugar, com a função significante (Lacan, 2013/2016, p. 146).

Isso pode nos dizer sobre o desejo, de modo que a mãe está como mediadora desse desejo. Diz Lacan: “[...]o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro [...] porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro” (Lacan, 1953/1998, p. 269). Lacan apresenta o falo<sup>14</sup> como a falta da mãe, sendo aquilo que ela deseja, e sustenta que, no âmbito do reconhecimento, o bebê quer completar a falta da mãe. Esse é a primeira fase do que Lacan chama de “três tempos do Édipo. Nesse estágio, a criança busca ocupar o lugar de objeto de desejo da mãe, ou seja, ser aquilo que lhe falta. Conforme dito por Luiz Fernando Botto Garcia em *Despertar do Real: a invenção lacaniana do objeto a*:

o desejo do Outro materno é a completude, e desejo é desejo do Outro, o desejo da criança, completamente determinado pelo desejo da mãe, é dar conta do desejo do Outro, é ser o objeto que faltava. (Garcia, 2021, p. 94).

Contudo, essa completude que o bebê quer oferecer à mãe é inviável estruturalmente, pois essa mãe possui essa falta simbólica<sup>15</sup> e impossível de ser preenchida, quando ela já se encontra inserida na linguagem. A angústia é, portanto, instaurada no bebê pelo fato de ele situar-se no local de objeto de desejo metonímico da mãe.

A partir de agora, com a inserção do pai, compreenderemos o Outro como o Nome-do-Pai. A partir do momento em que o pai, como uma Lei, nega à criança o caminho para se colocar como integração da mãe, há a instauração do pai como Outro. Essa é a segunda fase edípica, na qual a introdução da figura paterna representa a interdição, a função simbólica que limita e afasta a criança do lugar de ser o objeto de desejo da mãe. Lacan afirma em seu *Seminário 3: As psicoses* (1981/1988) que:

Se, tanto para a menina como para o menino, o complexo de castração assume um valor-pivô na realização do Édipo, é muito precisamente em função do pai, porque o falo é um símbolo do qual não há correspondente, equivalente. É de uma dissimetria no significante que se trata. Essa dissimetria significante determina as vias por onde passará o complexo de Édipo (Lacan, 1981/1988, p. 201).

É, então, nesse estágio que ocorre a castração, na qual a dimensão imaginária é interrompida e a linguagem é instaurada. “Esta é a função imaginária do pai, na medida em

<sup>14</sup> Importante salientar que a falta do falo não está diretamente relacionada ao fato de tê-lo ou não, mas sim à representação da imagem fragmentada, faltosa, incompleta.

<sup>15</sup> Retomaremos esse ponto posteriormente para a compreensão da falta simbólica.

que este desempenha o papel agressivo, repressor, comportado pelo complexo de castração” (Lacan, 1994/1995, p. 408).

O pai, ao causar a castração, apresenta-se ao bebê como uma Lei simbólica, uma autoridade. Essa Lei é importante para que o bebê compreenda que os sujeitos inseridos na linguagem devem se colocar diante dela, e é ela que atua como um ponto de referência para a compreensão das regras que regem as relações sociais e culturais. Essa internalização da lei, mediada pela função paterna, promove uma identificação que conduz a criança à entrada no campo Simbólico, ou seja, no universo da linguagem e das regras sociais. Esse é, portanto, o terceiro tempo do Édipo. “O pai é, no Outro, o significante que representa a existência do lugar da cadeia significante como lei. Ele se coloca, por assim dizer, acima desta” (Lacan, 1998/1999, p. 202).

A partir da metáfora paterna é apresentada a entrada no Simbólico<sup>16</sup> pois, a partir da castração e da inserção da linguagem, o sujeito, ainda que se volte para o Outro – como percebemos no esquema L (S — < — A) –, o muro da linguagem não permite a passagem de todos os significantes, o que significa que não há a passagem de uma comunicação completa, ocasionando deformação na fala, ou seja, a mensagem simbólica se modifica através dos traços imaginários. Portanto, o Imaginário, onde se encontra o muro da linguagem, ocasiona uma falta simbólica.

A falta em Lacan se dá a partir da entrada do sujeito no Simbólico, é ocasionada pela castração e é símbolo da Lei da inserção do sujeito na linguagem. O desejo, no campo Simbólico, é representado a partir de significantes, em objetos. Sobre isso, Simanke afirma que Lacan mostra a atuação do desejo metonímico, o qual se apresenta justamente pelo motivo da falta de objeto de desejo:

A figura de retórica da metonímia – na reinterpretação formal que o estruturalismo linguístico dela faz – servirá então para representar esse modo de operação do desejo, sempre explicitamente articulado com a temática da falta (2012, p. 65).

Para entendermos o motivo dessa falta, pensemos novamente na castração e no desejo. A metáfora paterna possui como função fornecer condições para que o desejo surja. Ela é o elemento que eleva a necessidade à demanda através da fala, ou seja, o desejo insere-se na

---

<sup>16</sup> É importante notar que o bebê esteve, desde sempre, incluído no plano Simbólico, através dos símbolos herdados de seus familiares e da cultura em geral. A inserção simbólica, aqui citada, como já salientado anteriormente, refere-se à entrada na fala.

medida em que essa necessidade se coloca como demanda através da linguagem. “Ao atravessar o Édipo, a criança assume, segundo Lacan, o falo como significante de que o desejo (tanto o seu, quanto o da mãe) é desejo do Outro” (Silveira, 2022, p. 230).

A ligação entre falo e desejo reside no fato de que o falo, como um símbolo da falta advinda da castração, isto é, da inserção do ser no Simbólico, instaura no desejo a falta de representação, a falta de imagem para esse desejo. Segundo Lacan: “é o falo, por ausência, que produz o montante da dívida simbólica [...]” (Lacan, 1964/1998, p. 866-867). A função do falo, então, não é representar um objeto específico pelo qual o desejo é direcionado, mas sim simbolizar a própria falta que o sujeito experimenta como resultado da entrada na linguagem.

A respeito da relação entre falta e a barra, situada entre o significante e o significado, Nádia Ferreira, em *Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística*, explica:

Este hiato entre o significante primordial, que é do sujeito, e os outros significantes, que irão representá-lo para outros significantes, tem a mesma função que a barra entre o significante e o significado, no algoritmo que escreve a função do significante (Ferreira, 2002, p. 125).

Como já visto anteriormente, o significante e o significado são separados por uma barra e essa barra demarca a falta existente entre significante e significado. O que Lacan apresenta nessa passagem é que a barra atua da mesma forma entre o significante primordial e os outros significantes. O significante primordial é aquele que se apresenta, através da castração, no contato inicial da criança com a linguagem no processo Simbólico. Os demais significantes são aqueles posteriormente adquiridos.

O ponto central, a partir dessa ideia, é que o desejo encontra-se nesse hiato mencionado pelo psicanalista. O sujeito estruturado como um sujeito desejante está posicionado nesse hiato e nessa busca que é o desejo. Portanto, temos aqui mais uma confirmação da estrutura da linguagem como determinante para compreendermos que o sujeito e o desejo, por se encontrarem nesse hiato, não conseguem se expressar diretamente pelos significantes.

O campo Simbólico atua na união de fragmentos, ou seja, de significantes, e é nele que o dizer e a palavra se instauram. Esse dizer pode se expressar de várias formas, nas entrelinhas, como também no silêncio. É somente com a entrada no campo Simbólico que surge o desejo, e os motivos para isso são aqueles que apontamos anteriormente: a inserção na

linguagem, a instauração da demanda sobre a necessidade. O desejo, ao se estabelecer como falta, tanto se refere à ideia de valor simbólico zero<sup>17</sup>, como também à falta através da linguagem, na medida em que não há significante para representá-lo: “não existe palavra para exprimir uma coisa, uma coisa que tem um nome e que é justamente o desejo” (Lacan, 1998/1999, p. 396).

Para que o desejo se expresse e mostre a sua importância, ele deve passar para o campo Simbólico, de maneira transformada, onde se estrutura como significante, mas não com a mesma característica do significante já aqui apresentado:

A questão do significante do desejo coloca-se, pois, como tal. O que o exprime não é um significante como os outros. É, na verdade, algo que se deve a uma forma prevalente do impulso, do fluxo vital, mas que nem por isso deixa de estar preso na dialética a título de significante, com o que essa passagem para o registro do significante sempre comporta de mortificado para tudo o que ingressa na dimensão do significante (Lacan, 1998/1999, p. 396).

Ou seja, há o estabelecimento de uma relação do ser do sujeito com a falta diante do corte na linguagem. Isso, segundo Lacan, resulta na estruturação do sujeito, uma vez que, ao se estruturar a partir da linguagem, o sujeito também se confronta com a impossibilidade de uma representação completa e direta do desejo. Essa falta na linguagem reflete a condição fundamental de divisão do sujeito, que está sempre marcado por uma ausência ou falta que é constitutiva de sua existência. Lacan (1975/1986) afirma que “A palavra pode exprimir o ser do sujeito, mas, até certo ponto, não chega nunca a isso.”(Lacan, 1975/1986, p. 128). Se o sujeito existe a partir da linguagem e o desejo que determina o sujeito também se insere a partir da linguagem, pois a linguagem precede ambos, então a falta do desejo também é falta do ser do sujeito desejante. Diante dessa tese, o ser do sujeito pode ser definido de diversas formas: corte no Simbólico, intervalo nos significantes, furo na linguagem, o que não pode ser dito.

A sexualidade em Lacan está fundada na ideia de falta, a qual o falo simboliza, a partir da ideia de incompletude causada após a castração. O sujeito se expressa no significante a

---

<sup>17</sup> Lévi-Strauss (1950/2003) aponta que o conceito de "valor simbólico zero" refere-se a elementos que não possuem significado próprio, mas que são essenciais para a estrutura do sistema Simbólico, funcionando como símbolos no estado puro que marcam a existência e a organização desse sistema. Lacan adaptou esse conceito para a psicanálise ao aplicar a ideia ao falo. Para Lacan, o falo, ao ter "valor simbólico zero", é um símbolo que não pode ser representado diretamente porque simboliza uma falta fundamental que não pode ser suprida. O falo, portanto, representa a própria condição de existência de estrutura do desejo.

partir dessa falta. Então, o desejo, que constitui o sujeito, se dá como uma falta, e essa falta irá assinalar o lugar do sujeito faltante.

### 3.4.3 Considerações sobre a fala vazia e fala plena

Antes de abordarmos sobre o campo do Real, retomaremos a ideia de fala vazia e fala plena, agora com um olhar para as estruturas imaginária e simbólica, nas quais algumas problemáticas se apresentam. Para lembrar, na fala vazia, resumidamente, “o sujeito parece falar em vão de alguém que, mesmo lhe sendo semelhante a ponto de ele se enganar, nunca se aliará à assunção de seu desejo” (Lacan, 1953/1998, p. 255). Já a fala plena é a que mais se aproxima do desejo, pois ela está direcionada ao sujeito e, portanto, seria ela a fala essencial para a análise.

Diante da compreensão de que toda fala se dá no campo Simbólico, sendo a fala plena baseada no sujeito e no seu desejo e a fala vazia sustentada a partir do Imaginário, a fala vazia é compreendida como uma resistência, na medida em que o Imaginário se coloca como um muro da linguagem e deforma o conteúdo que é destinado aos significantes.

Então, fala vazia e fala plena se diferenciam conforme a fala vazia se encontra numa expressão do eu, enquanto a fala plena se volta para o sujeito e, conseqüentemente, para o desejo, o que a colocaria em uma posição de maior importância em relação à fala vazia.

Contudo, a fala vazia também pode ser utilizada como um recurso na análise, pois a fala vazia também se dá no processo do significante a partir do Simbólico e, conforme o inconsciente é estruturado, toda fala apresenta o sujeito inconsciente.

A partir desse momento, vejam o paradoxo da posição do analista. É no momento em que a palavra do sujeito é a mais plena, que eu, analista, poderia intervir. Mas eu interviria em quê? - no seu discurso. Ora, quanto mais íntimo é o discurso para o sujeito, mais eu me centro nesse discurso. Mas o inverso é igualmente verdadeiro. Quanto mais o seu discurso é vazio, mais sou levado, também eu, a me agarrar ao outro, isto é, a fazer o que se faz o tempo todo, nessa famosa análise das resistências, a procurar o além do seu discurso (Lacan, 1975/1986, p. 64).

A fala vazia é compreendida como uma resistência à transferência. No entanto, como observado por Silveira: “é possível afirmar que um discurso, ainda que deveras preso à ilusão narcísica, não pode deixar de apontar para o fato simbólico de sua própria existência” (2022, p. 291). Portanto, ainda que o discurso da fala vazia esteja baseado no Imaginário, pode ir

além do seu reconhecimento no eu, ou seja, em direção ao Simbólico, o que implica também um dizer sobre o sujeito inconsciente, ainda que essa função esteja referida apenas à fala plena, inicialmente.

Assim, ainda que haja esse paradoxo, diante da estruturação inconsciente, o discurso sempre apresentará alguns elementos para a análise do sujeito e do desejo, mesmo sendo identificada como fala vazia.

Mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho.

Aliás, o psicanalista sabe melhor do que ninguém que a questão aí é ouvir a que " parte" desse discurso é confiado o termo significativo, e é justamente assim que ele opera, no melhor dos casos: tomando o relato de uma história cotidiana por um apólogo que a bom entendedor dirige suas meias-palavras, uma longa prosopopeia por uma interjeição direta, ou, ao contrário, um simples lapso por uma declaração muito complexa, ou até o suspiro de um silêncio por todo o desenvolvimento lírico que ele vem suprir (Lacan, 1953/1998, p. 253).

Embora a fala vazia se apresente inscrita no campo do Imaginário, ela ainda carrega traços do inconsciente, podendo ser interpretada na análise, conforme pode direcionar-se ao campo Simbólico. Assim, mesmo quando o discurso da fala vazia parece não comunicar nada, ele inevitavelmente aponta para a estrutura do desejo e para a verdade do sujeito.

Ao explorarmos o campo do Simbólico, evidenciamos a primazia da linguagem na constituição do sujeito e na estruturação do inconsciente. No entanto, nem tudo pode comparecer no Simbólico. Há um limite estrutural na linguagem que aponta para aquilo que escapa à significação e insiste além do discurso. Esse limite nos conduz ao campo do Real, que será abordado na próxima seção.

#### **3.4.4 O Real**

Até o momento, acompanhamos as elaborações de Lacan acerca do Imaginário e Simbólico. Então, vejamos agora como o psicanalista desenvolve o Real e quais são suas influências acerca do desejo.

Durante os seminários iniciais, é possível acompanhar diversas formas de definição do Real lacaniano. De início, há uma associação entre o campo Real e o campo Imaginário, como também há o entendimento do campo Real voltado para a definição de realidade. Podemos

observar, no *Seminário 1* (1975/1986), passagens que apresentam essas relações de significações: “é o momento em que o Imaginário e o Real da situação analítica se confundem” (Lacan, 1975/1986, p. 219); “o espaço Imaginário e o espaço Real se confundem” (Lacan, 1975/1986, p. 93).; “o Imaginário e o Real agem no mesmo nível” (Lacan, 1975/1986, p. 165).

A definição de que “o Real é sem fissura” é elaborada no *Seminário 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica Psicanalítica* (1978/1995) mas, além dessa afirmação, percebe-se a aproximação entre Simbólico e Real na argumentação lacaniana, na medida em que o Real é concebível por meio do Simbólico. Portanto, ainda que o Real seja inconcebível através de símbolos ou da linguagem – ou seja, ele é sem fissura –, a mediação simbólica é necessária para que o Real seja uma mediação possível entre o sujeito e seu exterior.

O Real é sem fissura. O que lhes ensino, e aí Freud converge com o que podemos chamar de filosofia da ciência, é que este real, para apreendê-lo, não temos outros meios - em todos os planos, e não somente no do conhecimento - a não ser por intermédio do simbólico (Lacan, 1978/1995, p. 128).

A partir do terceiro seminário, intitulado *Sobre as psicoses* (1981/1988), o conceito de Real é elaborado mediante o desenvolvimento sobre essa psicopatologia.

A psicose é definida a partir de uma falha<sup>18</sup> mediante a não inscrição de um significante, o que gera problemas na expressão do sujeito a partir do Simbólico. O termo que Lacan utiliza para representar essa exclusão de um significante do campo Simbólico é a palavra, em francês, *forclusion* (foraclusão). Esse termo surge a partir da noção de *Verwerfung*, adotada por Freud para representar um mecanismo de defesa psíquica contra o sofrimento. Lacan afirma:

O que há de tangível no fenômeno de tudo o que se desenrola na psicose é que se trata da abordagem pelo sujeito de um significante como tal, e da impossibilidade dessa abordagem. Não torno a voltar à noção da *Verwerfung* de que parti, e para a qual, tudo bem refletido, proponho que vocês adotem definitivamente esta tradução que creio ser a melhor - a foraclusão (1981/1988, p. 360).

Na foraclusão lacaniana, o significante Nome-do-Pai é utilizado no *Seminário 3* (1981/1988) para exemplificar a causa da psicose advinda da exclusão desse significante essencial do Simbólico.

---

<sup>18</sup> Lacan, diante dessa falha no Simbólico, compreende sintomas como a alucinação, que seria, então, uma ferramenta na tentativa de preencher essa falta de significante.

O ponto central nessa teoria da psicose é a ideia de que o conteúdo significativo que não se encontra no Simbólico, ou seja, o conteúdo foracluído, se manifesta no Real. Lacan afirma esse movimento do significativo em dois trechos do seminário: “Sucedo, entretanto, além disso, que tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real” (Lacan, 1981/1988, p. 21); “Na relação do sujeito com o símbolo, há a possibilidade de uma *Verwerfung* primitiva, ou seja, que alguma coisa não seja simbolizada, que vai se manifestar no real” (Lacan, 1981/1988, p. 98).

Portanto, a partir da conceituação da psicose, dada por uma foraclusão que aparecerá no Real, Wilson Chaves aponta o conceito de Lacan sobre o campo do Real, nesse seminário, “[...] como o que escapa à simbolização [...] Assim, o campo do Real é diferente do simbólico” (Chaves, 2006, p. 162).

Como visto através do esquema L, Lacan estabelece uma relação entre o Imaginário e o Simbólico. Para a relação entre o Simbólico e o Real, Garcia (2021) aponta a explicação do Isso<sup>19</sup>, através da metáfora da usina, como um bom caminho para compreender o modo como Lacan vincula Simbólico e Real. Essa metáfora é apresentada no *Seminário 4* (1994/1995), no capítulo *Teoria da falta de objeto*, quando Lacan identifica a máquina como responsável pela geração de energia, e não a correnteza do rio, que sempre existiu, pois a energia só faz sentido a partir do momento em que a máquina a transforma e a acumula.

O que se acumula na máquina tem, antes de tudo, a mais íntima relação com a máquina. Dizer que a energia já estava ali em estado virtual na correnteza do rio não nos adianta nada. Isso não quer dizer nada, falando propriamente, pois a energia, neste caso, só começa a nos interessar a partir do momento em que é acumulada, e ela só se acumula a partir do momento em que as máquinas foram acionadas. Sem dúvida, elas são animadas por uma propulsão que vem da correnteza do rio, mas acreditar que a correnteza do rio é a ordem primitiva da energia, confundir com uma noção da ordem do mana<sup>20</sup> esta coisa de uma ordem bem diferente que é a energia, e mesmo que é a força, querer a todo custo reencontrar em algo que estaria ali desde toda a eternidade a permanência daquilo que é acumulado ao final como o elemento

---

<sup>19</sup> O Isso em Lacan é apontado como o campo em que estão contidas tanto a energia pulsional quanto a libido. Esse campo energético é apresentado pelo psicanalista como intrinsecamente ligado ao campo simbólico, uma vez que é a partir da relação entre o Isso e o campo Simbólico – ou seja, na entrada ao campo da linguagem – que ocorre o acúmulo dessa energia e, assim, ela passa a ter sentido.

<sup>20</sup> O "mana" é um conceito utilizado na antropologia e, um dos autores que aborda essa questão é Marcel Mauss. Trata-se de uma força, uma energia vital atemporal que se encontra nas pessoas, em objetos e em eventos. Essa força, muitas vezes relacionada à palavra "magia", é utilizada para explicar fenômenos de poder em inúmeras culturas. Durante a passagem citada, Lacan menciona o "mana" para evitar que esse conceito se confunda com a ideia à qual ele se refere, de uma energia que não existe de forma inata, mas que é, na verdade, construída e acumulada.

de *Wirkung*, de *Wirklichkeit* possível, isso só poderia vir à ideia de alguém que fosse inteiramente louco (Lacan, 1994/1995, p. 32).

Então, a máquina como representação do sistema Simbólico e a força da correnteza como representação do Real apontam que o Real só pode ser apreendido como possível e com sentido a partir do Simbólico que o atravessa, estabelecendo assim, uma relação entre Real e Simbólico.

Em uma estratégia para caracterizar o Real, Lacan, no *Seminário 5: As formações do inconsciente* (1998/1999), apresenta, através de um vínculo com a linguagem e seus componentes, como a metáfora, a possibilidade de o conteúdo do Real ser moldado de diversas formas, a fim de trazer à luz pela linguagem o que não consegue ser simbolizado no Real. O trecho abaixo apresenta de maneira detalhada essa afirmação:

[...] é por intermédio da metáfora, pelo jogo da substituição de um significante por outro num lugar determinado, que se cria a possibilidade não apenas de desenvolvimentos do significante, mas também de surgimentos de sentido sempre novos, que vêm sempre contribuir para aprimorar, complicar, aprofundar, dar sentido de profundidade àquilo que, no real, não passa de pura opacidade (Lacan, 1998/1999, p. 35).

Na relação entre o Real e o Simbólico, Lacan apresenta o Outro com o papel de ligação entre esses dois sistemas. O Real está fora do campo Simbólico e, portanto, resiste à significação, enquanto no Simbólico há a operação de significantes e é o berço da linguagem. O Outro é necessário para estabelecer um eixo entre eles. Sabe-se que o Outro lacaniano "é realmente o Outro como lugar do significante"(Lacan, 1998/1999, p. 123), ou seja, é o lugar onde se define o sentido dos significantes, onde o sujeito molda sua identidade. O "passo-do-sentido" – o qual também é o "não-do-sentido", "pas-du-sens" –, conforme mostrado no *Seminário 5* (1998/1999), refere-se ao movimento que o Outro faz para a criação de sentidos. Esse movimento proporciona a relação entre o Real e o Simbólico, permitindo a criação de significantes para o que estava fora do campo da linguagem, embora o que é criado nunca abarque completamente aquilo que permanece como 'não-dito'.

Como já apresentado, a entrada no campo Simbólico é proporcionada pela função paterna, que ocasiona o corte entre o sujeito e a mãe e o introduz na linguagem. O Nome-do-Pai<sup>21</sup> refere-se à função simbólica do pai que, no inconsciente, cria uma lei e uma

---

<sup>21</sup> O Nome-do-Pai possui uma grande relação com o Outro na medida em que, ao introduzir a autoridade no inconsciente, opera dentro do campo do Outro, fazendo intervirem a linguagem, a cultura e outras noções que estruturam o sujeito. Ou seja, o Nome-do-Pai é responsável pelo sujeito ser moldado pelo Outro.

autoridade. Diante desse contexto, Lacan apresenta o triângulo Simbólico, constituído pelo sujeito, pelo Outro e pelo Nome-do-Pai, "como instituído no Real a partir do momento em que há uma cadeia significante, a articulação de uma fala" (Lacan, 1998/1999, p. 187). Assim, o Real é apresentado no Simbólico conforme há essa relação com o triângulo Simbólico, mas não de modo completo e explícito, pois o Real sempre escapa à total simbolização. O conteúdo trazido do Real para a simbolização sempre será representado de maneira distorcida ou modificada.

Sobre a relação entre Real e Outro, vejamos a explicação de Lacan, em um contexto de psicose:

[...] o que é *verworfen* ou rejeitado do simbólico reaparece no Real. Esse Real de que se trata é, no caso, a alucinação, isto é, o Outro enquanto falante. É sempre no Outro que isso fala, só que assumindo nele a forma do real. O sujeito psicótico não tem dúvida, é o Outro que fala com ele, e fala com ele através de todos os significantes [...] (Lacan, 1998/1999, p. 493)

No contexto da psicose, Lacan aponta que o que é rejeitado, excluído do campo Simbólico, pode reaparecer no campo do Real. Ariana Lucero (2015), em sua tese de doutorado que possui como título *Relação de objeto e constituição subjetiva: considerações sobre o objeto a em Jacques Lacan*, reforça essa ideia de que o conteúdo não simbolizado é encontrado no Real: "A *Ausstossung aus dem Ich*, a expulsão para fora do eu, constitui o Real na medida em que ele é o domínio do que subsiste fora da simbolização." (Lucero, 2015, p. 54). A alucinação é entendida como uma forma pela qual o Outro se manifesta para o indivíduo. As vozes que o sujeito psicótico ouve são percebidas como vindo do "Outro enquanto falante", expressando assim o conteúdo Simbólico rejeitado que reaparece no Real na forma de alucinações. Percebe-se, portanto, a interação entre o Simbólico e o Real na psicose, na qual o conteúdo Simbólico rejeitado reaparece no Real de modo alucinatório para o indivíduo. Conforme apresentado por Lucero: "A alucinação mesma não tem nada a ver com o imaginário, mas, sim, com o real." (2015, p. 55).

A autora, ao relacionar a metapsicologia freudiana com a tese de Lacan sobre o Real, mostra que o conteúdo do Real, ainda que seja uma opacidade, não simbolizável, insiste em se manifestar:

Vimos que o que foi excluído é o afeto, a pulsão. Lembrando do ensinamento de Freud (1915/2004) de que ela é uma força constante, podemos prever que isso que constitui o Real insistirá em se apresentar para o sujeito. Já em relação ao real, ele é aquilo "que resiste à simbolização" (Lacan, 1953-54, p. 82) (Lucero, 2015, p. 55).

Esses conteúdos que se encontram no Real, ainda que não possam se expressar explicitamente pelos símbolos, eles o fazem indiretamente através de sintomas, alucinações, sonhos<sup>22</sup>, atos falhos. Esse movimento busca uma maneira de representar esse conteúdo para além da simbolização, ou seja, se expressar de uma forma além da compreensão ou da fala, já que o Real é um furo na linguagem.

O Real ganha mais uma característica, agora no *Seminário 6: O desejo e sua interpretação* (2013/2016). Lacan retoma a ideia que desenvolvera no *Seminário 2* (1978/1995) ao dizer: “No real, acrescentei naquele momento, não há qualquer tipo de falha ou de fissura. Toda falta é falta no lugar de, mas a falta no lugar de é falta simbólica” (Lacan, 2013/2016, p. 372). Contudo, o psicanalista aponta um novo aspecto do Real, o qual diverge do apresentado no *Seminário 2* (1978/1995): “(...) é muito evidente que o Real não é um contínuo opaco e que é feito de cortes, tanto de cortes da linguagem como muito além” (Lacan, 1978/1995, p. 425).

Para chegar a essa hipótese, Lacan retoma ideias já desenvolvidas nos seminários anteriores, os quais apresentam que o Real é um furo na linguagem, na medida em que escapa à total simbolização, ou seja, uma falta simbólica. Ainda que haja a tentativa de preenchimento dessa falta, ela nunca será satisfatória. Nas palavras do autor:

Essa falta, observem, se produz no nível do Outro enquanto lugar da fala e não no nível do Outro como Real. Nada de Real do lado do Outro pode compensar isso, a não ser por uma série de adições, A', A'', A''', que nunca se esgotarão (Lacan, 2013/2016, p. 399).

Portanto, o Real vai além do que é possível de ser simbolizado; ele transcende o que o sujeito pode saber ou entender sobre si mesmo, “pois há algo no sujeito que se articula para além de seu conhecimento possível. E, no entanto, já é o sujeito” (Lacan, 2013/2016, p. 408). O que há de apreensão do Real é a sua inscrição no Simbólico, ainda que limitada, confusa, e é essa definição dada por Lacan para o termo “ser”, ou seja, “o real, na medida em que se inscreve no simbólico” (Lacan, 2013/2016, p. 408).

Lacan mostra que o Real é feito de cortes a partir da não simbolização que essa instância apresenta. O Real do sujeito emerge nesse corte, no intervalo em que não há simbolização, não sendo abarcado pela linguagem e, portanto, chamado de “ser puro de sujeito” (Lacan, 2013/2016, p. 426). Como forma de ilustrar essa afirmação, vejamos a seguinte passagem:

---

<sup>22</sup> Esse conteúdo será retomado e desenvolvido na seção sobre o Real e o sonho.

Digo, limitando-me à obra de arte escrita, que a obra de arte, longe de transfigurar a realidade da maneira que for, por mais ampla que ela seja, introduz na sua própria estrutura o advento do corte, na medida em que aí se manifesta o Real do sujeito, já que, para além do que ele diz, ele é o sujeito inconsciente (Lacan, 2013/2016, p. 429).

A passagem sobre a obra de arte escrita é um exemplo que ilustra a tese sobre o Real do sujeito emergir no corte. O corte, a interrupção da obra, possibilita o Real do sujeito surgir, assim como Lacan apresenta o sujeito puro que se dá por meio do corte no Simbólico. É no Simbólico, então, que o Real se manifesta e essa manifestação que Lacan apresenta como o ser do sujeito. É no intervalo dos significantes que o Real se encontra e esse é o lugar do ser, no corte<sup>23</sup>.

A teoria lacaniana está na divisão do sujeito, o qual se constitui a partir do Simbólico, mas também a partir dos cortes, não simbolizáveis, recalcados, revelando assim a presença do Real na estrutura do sujeito.

### 3.5 O Real e o sonho

Em uma relação intrínseca com o sonho, o Real é abordado por Lacan para apresentar sua teoria sobre a formação do sonho enquanto tal. No *Seminário 2* (1978/1995) e no *Seminário 6* (2013/2016) há discussões acerca dos sonhos narrados por Freud em *A interpretação dos sonhos* (1900/2019). Vejamos como o Real é apresentado a partir do sonho da injeção de Irma e do sonho do pai morto.

Lacan aborda o conceito “umbigo do sonho” de Freud para dizer que nele reside o ponto de relação entre sujeito e Simbólico, no qual se dá algo inapreensível, ou seja, algo desconhecido no sonho, o corte. Durante a análise do sonho de Irma, o recorte do sonho em que a paciente abre a boca e Freud examina sua garganta, Lacan defende que essa descoberta de uma doença na garganta de Irma é a revelação do Real, é “a carne que jamais se vê, o fundo das coisas, [...] a carne da qual tudo sai, até mesmo o íntimo” (Lacan, 1978/1995, p. 197). Aquilo que foi recalcado do Simbólico, o Real apresenta através de várias formas e uma delas é o sonho.

---

<sup>23</sup> Lacan apresenta, no âmbito da psicose, a partir de sua conceituação sobre o corte que é, ao mesmo tempo, externo ao discurso e essencial para a sua constituição, a função da *Verwerfung*. Há, portanto, conteúdos essenciais do sujeito que não estão presentes no campo Simbólico, que foram excluídos, recalcados.

A fenomenologia do sonho da injeção de Irma nos levou a distinguir duas partes. A primeira vai dar no surgimento da imagem aterradora, angustiante, nesta verdadeira cabeça de Medusa, na revelação deste algo de inominável propriamente falando, o fundo desta garganta, cuja forma complexa, insituável, faz dela tanto o objeto primitivo por excelência, o abismo do órgão feminino, de onde sai toda vida, quanto o vórtice da boca, onde tudo é tragado, como ainda a imagem da morte onde tudo vem-se acabar, já que em relação com a doença de sua filha, que poderia ter sido mortal, a morte da doente que ele perdeu numa época contígua à da doença de sua filha, ele a considerou como sendo não sei que retaliação do destino por sua negligência profissional - uma Mathilde por outra, escreve ele. Tá, pois, aparecimento angustiante de uma imagem que resume *o que podemos chamar de revelação do Real naquilo que tem de menos penetrável, do Real sem nenhuma mediação possível*, do Real derradeiro, do objeto essencial que não é mais um objeto, porém este algo diante do que todas as palavras estacam e todas as categorias fracassam, o objeto de angústia por excelência (Lacan, 1978/1995, p. 208-209, itálico meu).

O “sonho do pai morto” apresenta, de forma resumida, um sujeito - o qual cuidou do pai durante o fim da vida - conversando com seu pai ainda vivo, apesar de o filho ter plena consciência de que seu pai já está morto e sentir o pesar correspondente durante o sonho. No entanto, no sonho, o pai não tem conhecimento de sua própria morte. Esse sonho é curto e se repete várias vezes.

O sonho, segundo Freud, é a representação de um desejo recalcado e, portanto, o alívio da morte do pai, que estava em sofrimento, é recalcado pelo filho. Lacan aponta que, nesse processo de recalçamento, ocorre uma subtração do significante em que o desejo não conseguirá se expressar diretamente pelos significantes, ou seja, o desejo original não é exposto no sonho, mas é transformado e disfarçado. Durante o sonho, o Simbólico e o Imaginário são articulados, mas há também um encontro com o Real e, nesse esbarro, aquilo que não pode ser simbolizado se apresenta no sonho, ainda que de forma modificada. Essa modificação é feita pois “o sonho é uma metáfora. Nessa metáfora surge algo novo que é um sentido, um significado” (Lacan, 2013/2016, p. 69) e, assim, o sonho necessita de interpretação pois, mesmo que o conteúdo suprimido apareça no Real, esse conteúdo está no furo do Simbólico, não pode ser dito, a não ser a partir de novos sentidos/significados que são dados a partir da metáfora. Sobre o conteúdo que reaparece no Real, Lacan diz:

[...]essa coisa chamada "sombra", diante da qual não se passava outra coisa do que o que se passa nesse sonho. A sombra é esse ser que está ali a ser, sem que se saiba como ele existe, e diante do qual, literalmente, não se pode dizer nada. Esse ser, é claro, fala, mas pouco importa, pois, até certo ponto, o que ele diz é também o que ele não diz, e o sonho sequer nos diz. Sua fala só tem valor pelo fato de que aquele que chamou o ser amado do reino das sombras não pode, por sua vez, lhe dizer literalmente nada sobre a verdade de seu coração (Lacan, 2013/2016, p. 69-70).

Como já apresentado, a alucinação é produto do Real, e não do Imaginário, na medida em que o Real apresentará, no formato desse sintoma, o conteúdo não simbolizável que é expresso por significantes que fogem à percepção da realidade. A alucinação do sonho é, portanto, produto do Real, simbolizado de maneiras confusas que necessitam de interpretação.

São as alucinações verbais ou de estrutura verbal, quando há intrusão, imissão no campo do real, não de uma imagem, não de uma fantasia, não do que um simples processo perceptivo suportaria, mas de um significante (Lacan, 2013/2016, p. 65).

Então, o conteúdo que estava escondido, que é suprimido do campo Simbólico, reaparece no Real e é apresentado, dentre muitas outras formas, através do sonho, “no branco do olho do cego que me vê... Precisamente por emergir nos momentos de ‘encontro com a falta’” (Lucero, 2015, p. 185).

O Real, portanto, é aquilo que escapa à simbolização, surgindo no vazio, no corte da linguagem, como um furo no Simbólico. Essa ausência se articula diretamente com os conceitos de necessidade, demanda e desejo, que exploraremos a seguir, analisando como esses elementos se inter-relacionam, mas como também possuem significados diferentes na teoria lacaniana.

### **3.6 Necessidade/ demanda/desejo**

Lacan promoveu um grande avanço à psicanálise ao conceituar e diferenciar três importantes conceitos que, apesar de semelhantes, possuem características próprias e não podem ser entendidos como apenas um. São eles: necessidade, demanda e desejo. Esses conceitos os quais são intrinsecamente ligados entre si e englobam o modo como o sujeito se estabelece.

Na fase da infância, anterior à entrada da linguagem, a necessidade é vinculada, segundo Lacan, a um fator biológico, o qual busca objetos ou experiências imprescindíveis para a existência, como o exemplo da alimentação e a manutenção do sono. Uma maneira de expressão da necessidade é através do choro do bebê, que é atendido pela mãe<sup>24</sup> e a necessidade é satisfeita. Sobre a necessidade, Lacan diz:

---

<sup>24</sup> Lacan se utiliza da palavra “mãe” para nomear a pessoa que atende a necessidade do bebê, mas essa função poderia ser exercida por qualquer pessoa e, não necessariamente, a mãe.

Para a criança, tudo que é bom para ela, vindo da mãe, é natural. Nada implica a autonomia desse parceiro, nada implica que seja um outro sujeito. A necessidade exige. E tudo, na relação de objeto, se orienta de si para a satisfação da necessidade (Lacan, 1975/1986, p. 240).

Além da necessidade fisiológica, há também o movimento de atenção, zelo, desse outro para com o bebê e isso será importante para a compreensão da atuação da demanda. Dadas, portanto, as características da necessidade, percebe-se que ela retorna à teoria de Freud sobre a primeira experiência de satisfação, na qual o bebê apresenta sua necessidade e esta é satisfeita, ou seja, o bebê apresenta sua necessidade de alimento através do choro e é satisfeito pela amamentação materna que, além de suprir a necessidade para se mantê-lo vivo, traz também o contato, os cuidados que são complementares a essa satisfação.

A partir da inserção na linguagem, a qual é feita através da função paterna, o sujeito necessita fazer a transição e tradução de suas necessidades em demanda, “Porque é uma necessidade vital que faz com que o meio do homem seja um meio simbólico” (Lacan, 1975/1986, p. 184). Portanto, a partir da entrada no Simbólico, o indivíduo – a partir da premissa de que ele está inserido em relações sociais atravessadas pela linguagem – precisa ter sua necessidade mediada pela linguagem; ou seja, a partir dos códigos linguísticos, formular sua demanda para que seja compreendida e atendida pelo Outro.

A chave de tudo isso é a relação do sujeito com o significante. *O que caracteriza a demanda* não é ser apenas uma relação de um sujeito com outro sujeito, mas o fato de essa relação se dar por intermédio da linguagem, ou seja, do sistema dos significantes (Lacan, 2013/2016, p. 56, itálico meu).

O movimento de traduzir necessidade em demanda não é somente direcionado ao objeto da necessidade, mas também demanda de carinho, de atenção, de amor, pois essas ações eram trazidas quando a necessidade era explicitada, ou seja, a demanda, para Lacan, é “[...] de uma presença ou de uma ausência, o que a relação primordial com a mãe manifesta, por ser prenhe desse Outro a ser situado aquém das necessidades que pode suprir” (Lacan, 1958/1998, p. 697-698). Então, Lacan aponta que a demanda é querer, acima do objeto perdido, o significado de amor. Lacan diz:

Essa linha corresponde ao efeito da articulação significante tomada em seu conjunto, na medida em que, por sua simples presença, ela faz aparecer simbólico no real. É em sua totalidade, ou por se articular, que ela faz surgir o horizonte ou a possibilidade da demanda, esse poder da demanda que consiste em que ela seja, essencialmente e por natureza, demanda de amor, demanda de presença, com toda a ambiguidade que convém introduzir nisso (Lacan, 1998/1999, p. 452).

Quando a demanda é levada ao Outro através da linguagem, ou seja, através de seus significantes, há algo que escapa, que falta, na medida em que a intenção não pode ser totalmente traduzida através dos significantes e o amor incondicional que o sujeito procura, não pode ser satisfeito pelo Outro. Dito de outra forma, não há uma equivalência entre o que é necessitado e o que é demandado, pois a falta – aquilo para o qual não há significantes, que está apenas no sujeito e não pode ser traduzido – é o que resta da relação entre necessidade e demanda. Dito de outro modo: o que surge na tradução da necessidade para a demanda é a falta, é o desejo do sujeito. Logo, o desejo é a falta resultante do que não pode ser traduzido no processo em que a necessidade é posta, através da linguagem, de um pedido, uma demanda e, portanto, “situa o desejo do homem bem no seu lugar, ou seja, no seu ponto estritamente enigmático.” (Lacan, 2013/2016, p. 56). Sobre essa ligação entre necessidade e demanda, Silveira afirma:

Se é assim, o Nome-do-Pai metaforiza o Desejo-da-Mãe, Não para impedir o desejo, mas para fornecer as próprias condições de seu surgimento. *Pois não há desejo sem essa elevação da necessidade à demanda através da fala que o produz como resto* (2022, p. 230, itálico meu).

O desejo<sup>25</sup>, segundo Lacan, possui esse lugar enigmático estabelecido pela demanda, conforme ela produz uma falta<sup>26</sup>, através da cadeia significante, ou seja, a demanda “traz à luz a falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta.” (Lacan, 1998, p. 633-634). Portanto, não é possível igualar demanda e desejo, pois o psicanalista estabelece o desejo como uma instância para-além da demanda, uma falta-a-ser que se espera que o Outro preencha, mas nesse Outro também há a falta. Conforme apresentado no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958) da obra *Escritos* (1998), Lacan diz:

O desejo se produz no para-além da demanda, na medida em que, ao articular a vida do sujeito com suas condições, ela desbasta ali a necessidade, mas também ele [o desejo] se cava em seu para-aquém, visto que, como demanda incondicional da presença e da ausência, ela evoca a falta-a-ser sob as três figuras do nada que constitui a base da demanda de amor, do ódio que

---

<sup>25</sup> Todo esse desenvolvimento sobre o conceito de desejo feito por Lacan é voltado para o desejo inconsciente, na medida em que é ele um dos estudos fundamentais da psicanálise para a noção de sujeito.

<sup>26</sup> “aliás, sabe-se por experiência que, quando meu sonho chega a alcançar minha demanda (não à realidade, como se diz impropriamente, que pode preservar meu sono), ou àquilo que mostra aqui ser-lhe equivalente, a demanda do outro, eu desperto.” (Lacan, 1998, p. 630). O sonho, ao apresentar a demanda, resulta no surgimento do desejo. Esse desejo, por sua natureza intrinsecamente faltosa e desconhecida, é impossível de ser completamente realizado no âmbito onírico. O despertar, portanto, denuncia a impossibilidade de realização plena do desejo no sonho, na medida em que ele se depara com a falta inerente ao desejo.

vem negar o ser do outro e do indizível daquilo que é ignorado em seu pleito (Lacan, 1998, p. 635).

Lacan fornece um salto significativo à psicanálise ao apresentar um conceito tão central, a saber, o desejo, como resultante da relação entre necessidade e demanda, e não como a fusão dos três conceitos – desejo, demanda e necessidade – em um só. Lacan defende que “O desejo não é, portanto, nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (*Spaltung*).” (Lacan, 1998, p. 698).

A necessidade exposta pela demanda é possível de ser satisfeita; já o desejo não pode ser satisfeito, conforme ele se apresenta como desconhecido. A ordem e a função do inconsciente são determinadas pela ação dos significantes, que, ao traduzirem a necessidade em demanda, revelam ao mesmo tempo a falta que estrutura o desejo. O desejo atua como a força motriz do inconsciente, sendo esse hiato persistente que busca realização, mesmo que esta não seja possível.

Ao delimitar necessidade, demanda e desejo, Lacan explicita porque esses três conceitos não podem ser reduzidos a apenas um. O desejo não pode ser compreendido como necessidade, pois a necessidade é possível de ser satisfeita, enquanto o desejo nunca conseguirá ser plenamente realizado. Sua composição vai além de uma necessidade biológica, sendo uma estrutura faltosa que não cessa de buscar satisfação. O desejo também não pode ser resumido à demanda, pois, embora a demanda possua elementos do desejo<sup>27</sup>, ela nunca conseguirá expressá-lo plenamente através da linguagem<sup>28</sup>. Em outras palavras, a demanda já implica uma falta que não pode ser preenchida. Portanto, Lacan, ao afirmar "que o desejo seja articulado é justamente por isso que ele não é articulável" (Lacan, 1960b/1998, p. 819), demonstra que o desejo, ainda que articulado na demanda, que expressa a necessidade, não poderá ser definido completamente pelos significantes. Sempre haverá algo que escapa, que permanece desconhecido.

---

<sup>27</sup> O desejo está além da demanda, como também está aquém, conforme essa demanda é levada ao outro não somente para apresentar sua necessidade e dependência para que seja satisfeita, mas também para a própria estruturação de si como sujeito, ou seja, a afirmação de seu ser. Nas palavras de Lacan: “O desejo, por sempre transparecer na demanda, como se vê aqui, nem por isso deixa de estar para-além. E está também para-aquém de uma outra demanda em que o sujeito, repercutindo no lugar do outro, menos apagaria sua dependência por um acordo de retomo do que fixaria o próprio ser que ele vem propor ali” (Lacan, 1998, p. 640).

<sup>28</sup> “Há uma incompatibilidade do desejo com a fala, porque, ao ser articulado ele já passa para o campo da demanda” (Moreschi, 2013, p. 93).

O desejo, de acordo com Lacan, não se trata de um desejo por objeto, ou seja, o desejo não é causa para o objeto. O psicanalista aponta que “Se a relação com o objeto estivesse desde logo instituída, não haveria problema para a análise. Os homens, como se presume que faça a maioria dos animais, iriam em direção a seu objeto” (Lacan, 1998/1999, p 324) e, portanto, o desejo seria facilmente compreendido e satisfeito se houvesse essa relação direta com o objeto. Contudo, não é nesse cenário que o sujeito está inserido e a abordagem lacaniana defende que o desejo se dá, segundo Elizabeth Moreschi, “pela dimensão estrutural da linguagem, e o desejo se mostra enquanto efeito da inscrição da linguagem pela dimensão metonímica.” (2013, p. 73), de modo que esses objetos trazidos pela metonímia são apenas camuflagem para encobrir essa falta inerente do desejo e seu caráter insatisfatório. Silveira, ao abordar o conceito de desejo em seu livro, escreve:

É no mesmo sentido que o tornar-se humano implica tanto o desejo quanto a linguagem. Isso não somente porque esta nomeia os objetos que se prestam ao circuito do desejo, fazendo-os passarem à existência, mas principalmente porque o desejo é a metonímia (os deslocamentos inconscientes de traços significantes constitutivos e determinantes) que nasce do direcionamento de uma fala à estrutura simbólica. Humanizar-se é, pelo mesmo motivo, tanto falar quanto desvincular desejo e satisfação. O desejo puro, ao ser sem objeto, é também sem satisfação. Os objetos em desfile são apenas máscaras que encobrem sua natureza trágica. O desejo visa unicamente à reiteração de seu caráter puro. A questão é, assim, a de afirmar, a partir das divisões impostas ao sujeito pelo significante em sua negatividade - separação de si mesmo, do seu próprio desejo e do Outro -, seu estado *perpetuum mobile* (2022, p. 253).

A metonímia do desejo<sup>29</sup> é o movimento de se deslocar por vários objetos, ou seja, o deslocamento inconsciente por vários significantes, com o objetivo de buscar a satisfação plena, ainda que não a encontre. Então, trata-se de uma busca infinita, pois o desejo não possui um objeto específico e não pode ser satisfeito.

Diante das formulações sobre o conceito de desejo, percebe-se uma caracterização mais detalhada dessa instância e como ela se relaciona, mas não se equipara, com a necessidade e a demanda. Além dessas distinções, Lacan aponta uma nova conceituação de desejo para a psicanálise, visto que sua abordagem aponta a linguagem como estruturante para o desejo e, ao mesmo tempo, impossível de articulá-lo. A partir das propriedades do desejo lacaniano, Silveira traz as considerações:

O desejo:

---

<sup>29</sup> Veremos sobre como a fantasia é entendida como uma forma de designar esse ponto.

- traduz, em movimentos pulsionais, o processo metonímico de deslocamento de significantes, o qual é um pressuposto da enunciação;
- recupera o que se perdera da necessidade na demanda - a pura condição absoluta da urgência - na medida em que isso já não era passível de nomeação;
- captura o sujeito no cerne de uma falta que já presidia ao estatuto do Outro ao qual ele se dirige com sua fala, de modo que os significantes com os quais vai ter que se haver surgem a partir da própria castração e, portanto, não podem ser ditos (Silveira, 2022, p. 244).

O desejo, segundo Lacan, é aquilo que surge da falta, resultado da impossibilidade de traduzir a necessidade em demanda de modo completo. Ele não busca satisfação nem amor, mas corresponde ao que resta da entrada da necessidade na demanda. Refere-se a um hiato que não pode ser preenchido. O desejo não se endereça a um objeto específico; ele se desloca por diferentes significantes, movendo-se incessantemente em busca de algo que nunca poderá ser plenamente alcançado. Estruturalmente vinculado à linguagem, o desejo é uma busca contínua, um movimento perpétuo que persiste no inconsciente, sendo marcado e definido pela ausência.

### 3.7 Grafo do desejo

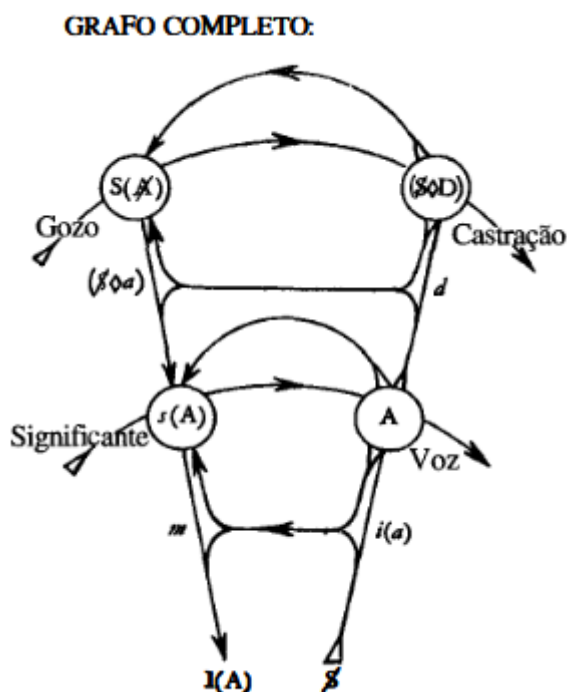
Todo o movimento anterior de compreensão do desenvolvimento da tese lacaniana sobre a reformulação do conceito de inconsciente e da inserção da estrutura linguística para o entendimento do sujeito foi necessário para analisarmos, agora, o grafo do desejo e nos aproximarmos da elaboração da questão motivadora desta pesquisa: compreender quais fatores contribuíram para o desdobramento do conceito de desejo na teorização de Jacques Lacan.

O grafo do desejo é apresentado por Lacan no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960), contido na obra *Escritos* (1998). O grafo apresenta a articulação e movimentos entre vários elementos, como: letras, matemas, vetores, entre outros e ele pode ter várias trajetórias de leitura. O grafo possui dois andares e apresenta o desejo em articulação com o sujeito inconsciente, sujeito esse que é definido a partir da linguagem, ou seja, pela articulação com o significante. Nas palavras do psicanalista, “Ele nos servirá aqui para apresentar onde se situa o desejo em relação a um sujeito definido por sua articulação pelo significante” (Lacan, 1960b/1998, p. 819). A partir do *Seminário 5* (1998/1999), Lacan já apresenta o início da construção do grafo, ou seja, um experimento que

se desdobra no *Seminário 6* (2013/2016) e é no texto *Subversão do sujeito e dialética no inconsciente freudiano* que o grafo ganha uma forma mais estável e completa. De acordo com Lacan:

O interesse desse grafo consiste em ele ser estrutural. É uma estrutura que nos permite situar a relação do sujeito com o significante. Com efeito, a partir do momento em que o sujeito é capturado no significante - e é essencial que nele seja capturado, é o que o define, o sujeito é a relação do indivíduo com o significante, com sua estrutura - uma rede se impõe necessariamente, rede esta que continua sempre sendo fundamental (Lacan, 2013/2016, p. 155).

Para o início de uma análise de alguns pontos do grafo, vejamos sua estrutura:



Fonte: Lacan (1960b/1998, p. 831).

Observando, inicialmente, o primeiro andar do grafo, no qual estão inseridas letras indicativas, como : A (Outro);  $s(A)$  (significante do Outro);  $m$  ( Eu);  $i(a)$  (imagem do outro no Imaginário), percebemos aqui o esquema L, com o qual Lacan desdobra elaborações sobre o Imaginário e o Simbólico, destacando elementos que permitem essas funções serem concebidas, como o estádio do espelho, no qual o eu se estabelece a partir da imagem do Outro, dentre tantos outros conceitos já mencionados no corpo deste texto.

Para, então, avançarmos no grafo, é preciso destacar alguns pontos fundamentais contidos no primeiro andar. A linguagem, como já apresentado, ao se estabelecer nos

significantes enunciados, não é capaz de dizer sobre a significação do sujeito, ou seja, o sujeito não consegue se apresentar explicitamente na fala. O ser do sujeito se estabelece no hiato, naquilo que não é dito, conforme apresenta Lacan:

[...] Com o que o lugar do inter-dito, que é o intra-dito [...] função de corte no discurso [...] Esse corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a lingüística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso. (Lacan, 1960b/1998, p. 815).

O local onde o Outro (A) se localiza no grafo é chamado por Lacan de “célula elementar”, pois nele se encontra o ponto de basta, no qual o significante priva a significação. Esse movimento é necessário pois a palavra, através da cadeia de significantes – representadas pelo vetor significante  $voz^{30}$  – necessita de um corte em seu deslizamento, para que ela não ocorra de modo infinito, corte esse feito pelo vetor retrógrado. O segundo ponto onde o corte é feito  $s(A)$ , é o corte em que se produz a significação, que não se apresenta em um discurso.

Diante do percurso em que os significantes estabelecem o sujeito, o discurso que se estabelece será sempre o discurso do Outro, tanto no primeiro andar do grafo, quanto no segundo. Contudo, “No segundo andar do grafo, o sujeito é uma coisa diferente do sujeito passando sob os desfilamentos da articulação significante. É o sujeito que assume o ato de falar, o sujeito como [eu]” (Lacan, 2013/2016, p. 41).

Importante destacar essa diferença em que o sujeito do primeiro andar, estabelece seu eu a partir do Outro, mas não há questionamento sobre si. Contudo, no momento em que o sujeito pergunta sobre o que se é formulado no seguinte questionamento: “*Che vuoi?*”, ou seja, “o que o Outro quer de mim?”, há, então, no segundo andar do grafo, posse do ato de fala para seu eu, ainda que essa fala seja a partir do Outro. Lacan acrescenta que essa fala do sujeito se trata de “[...] um apelo do ser, emitido com mais ou menos força” (Lacan, 2013/2016, p. 43). Lacan, em uma simbolização do movimento do vetor representante da pergunta “*Che vuoi?*”, ao sair do ponto de basta, onde se encontra o Outro, e seguir em direção

---

<sup>30</sup> O primeiro movimento do vetor de significantes e do vetor retrógrado são responsáveis, a partir da relação com o Outro, pelo estabelecimento de  $I(A)$ , ou seja, sua identificação com o Outro, no campo Simbólico. Mas, além disso, o sujeito barrado (\$) se coloca como um sujeito inconsciente no ponto de partida do grafo, ou seja, o sujeito se estabelece a partir da interferência do Outro na cadeia significante.

ao segundo andar, ao passar pelo desejo, o percurso é equiparado a um ponto de interrogação (?)

se introduzir, antes de mais nada, como o desenho de um ponto de interrogação plantado no círculo do A maiúsculo do Outro, simbolizando com uma homografia desconcertante a pergunta que ele expressa (Lacan, 1960b/1998, p, 830).

O sujeito, a partir de sua estruturação na linguagem, é acometido pela falta no Outro, conforme o Outro não possui significantes para que possa apreender completamente sobre o sujeito, ou seja, sobre sua verdade de modo preenchido. Portanto, não há na linguagem, significantes suficientes para abarcar todos os significados, para que fosse preenchido e não houvesse furos na cadeia significante. Diante dessa falta, que indica a impossibilidade de o sujeito apreender o desejo do Outro – dito de outro modo, o sujeito não consegue compreender seu próprio desejo, na medida em que seu desejo é o desejo do Outro –, há, portanto, a necessidade da existência desse segundo andar do grafo, pois é diante da falta que o sujeito ativa sua fala para questionar o Outro. Garcia (2021) diz:

Se o desejo diz, desde muito cedo, do desejo do Outro, cabe ao sujeito entender o que esse Outro quer dele. É exatamente essa a pergunta fundamental que o sujeito endereça ao Outro: “*Che vuoi?*”, “Que me queres?” (Garcia, 2021, p.116).

O sujeito se depara com a demanda do Outro e questiona o que ele precisa ser para que consiga atender ao desejo desse Outro. Assim, o desejo não é somente seu, mas é estabelecido a partir da falta que está no Outro e que o sujeito busca preencher. Não se trata, portanto, de um questionamento direcionado ao próprio sujeito como no caso da pergunta “o que eu quero?”, pois o desejo se coloca nessa falta que o Outro não consegue suprir e, então, o sujeito estabelece a pergunta endereçada a esse Outro, na expectativa de que ele responda.

O que o grafo nos propõe agora situa-se no ponto em que toda cadeia significante se honra ao fechar sua significação. Se é preciso esperar tal efeito da enunciação inconsciente, é aqui em S(A), e há que lê-lo: significante de uma falta no Outro, inerente à sua função mesma de ser o tesouro do significante. Isso, na medida em que o Outro é solicitado (*che vuoi*) a responder pelo valor desse tesouro, isto é, a responder, certamente, de seu lugar na cadeia inferior, mas nos significantes que constituem a cadeia superior, ou seja, em termos de pulsão. (Lacan, 1960b/1998, p. 832-833)

Para avançarmos no grafo e compreendermos os desdobramentos ocasionados pelo questionamento do sujeito inconsciente ao Outro, é preciso analisar algumas características do desejo. Lacan, ao reforçar a raiz da estrutura do inconsciente a partir da linguagem, aponta a influência do campo linguístico no entendimento do desejo. Essa influência é percebida a

partir da demanda, que se estabelece na linguagem para a tradução da necessidade do sujeito. O desejo, que se dá nesse hiato<sup>31</sup> em que a linguagem não abarca totalmente a necessidade transformada em demanda, possui sua introdução a partir da estrutura linguística. Ainda que o desejo possua esse caráter complexo para sua compreensão, é inegável que a sua definição possui influência externa, ou seja, da linguagem.

A falta estruturante do desejo estabelece sua pura negatividade, ou seja, o desejo não se dirige a nenhum objeto, mas sim, se apresenta como uma falta essencial, uma ausência que não se completa. Isso demonstra o caráter transcendental do desejo conforme ele se dá a partir do campo Simbólico, determinado pelas estruturas linguísticas.

Deste modo, em Lacan, não é a negatividade que organiza o desejo. No esquema kojéviano<sup>32</sup> adotado por Lacan, o desejo já é, em si, pura negatividade. A demanda, sim, é o elemento que se enforma em seu molde, mediante os recursos do simbólico. O sujeito aliena-se na demanda de amor, quando pergunta ao Outro “– Quem sou eu?” ou “– O que queres de mim?”: perguntas sem resposta que levam, necessariamente, a demanda ao fracasso. Com a dialética do desejo Lacan pode situar a dimensão de negatividade, não enquanto elemento que funda o desejo, mas sim enquanto o desejo mesmo. No sentido de que o desejo é definido por aquilo que ele não é: ele não é nem necessidade (enquanto dado do que é puramente orgânico e fisiológico) nem demanda (enquanto o que se articula em palavras na relação ao Outro, e que funda o campo do amor), mas sim, aquilo que jamais se reduz à necessidade, e que tampouco pode ser satisfeito na demanda. Por esta via, pautada pela contribuição da linguística estrutural, o desejo é o

---

<sup>31</sup> “Um grupo de telas de René Magritte pode ilustrar, com a maestria e a precisão de que o grande artista é capaz, a questão do desejo. Os amantes, de 1928, apresenta dois rostos de homem e mulher cobertos por um pano, figurando com enorme simplicidade a acefalia inerente ao desejo enquanto tal: os amantes não se vêem e não podem ser vistos pelo parceiro, e é isto o que define sua própria condição de amantes. Rostos encapuzados, mas estreitados um ao outro - ou, talvez, estreitados um ao outro precisamente por causa da incógnita que não os desvela diante do outro. O objeto está velado para os amantes e essa dimensão lhes é inerente” (Silveira, 2022, p. 149-150).

<sup>32</sup> Alexandre Kojève, ao abordar a dialética do senhor e do escravo, na obra *Introdução à Leitura de Hegel* (1947/2002), aponta o desejo como a busca pelo reconhecimento e como esse desejo nunca é realizado. Portanto, o desejo é a negatividade pura, pois surge da falta que é causada pela ausência do objeto desejado e se coloca como uma força incessante pela busca por reconhecimento. Kojève diz: “Porque tudo o que o escravo faz é uma atividade do senhor. [Já que o escravo só trabalha para o senhor, só para satisfazer os desejos do senhor e não os seus, é o desejo do senhor que age no e pelo escravo.] Para o senhor, o Ser-para-si é o único que é a realidade essencial. Ele é o puro poder negativo-ou-negador [...]. Logo, é um reconhecimento desigual e unilateral que teve origem nessa relação de senhor e escravo. [...] De um lado, o senhor só é senhor porque seu desejo buscou não uma coisa, mas um outro desejo, foi um desejo de reconhecimento. De outro lado, como se tornou senhor, como senhor deve desejar ser reconhecido; e só pode ser reconhecido como tal fazendo do outro seu escravo. [...] ele não é o que quis ser ao travar a luta: homem reconhecido por outro homem, Logo, se o homem só se satisfaz com o reconhecimento, o homem que se comporta como senhor nunca se satisfará” (Kojève, 1947/2002, p. 23). Esses elementos, então, são reinterpretados e incorporados à psicanálise por Lacan que, ao desenvolver o conceito de desejo, aborda o desejo de reconhecimento, a negatividade, a busca incessante e a falta.

próprio movimento metonímico do encadeamento significante. (Moreschi, 2013, p. 89-90).

Como já apresentado<sup>33</sup>, após a castração, a função paterna, a qual assume a posição do Outro, se posiciona como uma lei no campo Simbólico e atua na articulação dos significantes. Com isso, sua relação com o desejo é apresentada na medida em que, com a função paterna – ao promover a castração, o corte –, o desejo se instaura na falta que é ocasionada. Dito de outro modo, essa falta é resultado da entrada do sujeito no campo Simbólico e nele a linguagem e a Lei causam um corte, uma castração entre o sujeito e sua satisfação completa.

Anteriormente, durante a apresentação do estágio do espelho, foi dito sobre o sujeito se ver como completo a partir da imagem do Outro. Com o falo se apresentando como objeto de desejo, ou seja, desejo do desejo do Outro, conforme ele – o falo – é a completude do que falta no Outro, o sujeito aponta como seu desejo se direciona a tentar suprir a falta do Outro<sup>34</sup>. Com a castração, a função paterna estabelece para o sujeito o reconhecimento da falta, da incompletude do Outro. Retomo este ponto para que seja evidenciado que, no grafo, há um vetor que representa a castração e nele há dois pontos: (S ‘A barrado’) e (‘S barrado’  $\diamond$  D). O primeiro representa o significante da falta no Outro, o que significa que o sujeito gostaria de suprir aquilo que o Outro não possui, como apresentado acima: O desejo do desejo do Outro.

Se há algo que o falo como significante significa, é o desejo do desejo do Outro, e é por esse motivo que ele assumirá seu lugar privilegiado no nível do objeto. Contudo, estamos bem longe de nos atermos à posição falocêntrica que me é imputada por aqueles que se atêm à aparência do que estou articulando. O verdadeiro problema não é esse, e sim que o objeto com que estamos às voltas desde a origem no que concerne ao desejo não é, em nenhum grau, um objeto pré-formado da satisfação instintiva, um objeto destinado a satisfazer o sujeito como seu complemento instintivo - o objeto do desejo é o significante do desejo do desejo. (Lacan, 2013/2016, p. 511).

O gozo, com sua característica de infinitude, é barrado pela Lei da ordem simbólica, a qual estabelece uma restrição, o corte, estabelecendo a falta. O símbolo fálico fica, portanto, marcado como ausente pela castração. “Essa escolha é permitida porque o falo, ou seja, a imagem do pênis, é negativizado em seu lugar na imagem especular. É isso que predestina o falo a dar corpo ao gozo, na dialética do desejo” (Lacan, 1960b/1998, p. 836). Diante da falta fálica, a angústia é colocada em cena.

<sup>33</sup> Seção: 3.4.2 Nome-do-pai ou metáfora paterna.

<sup>34</sup> “O neurótico, de fato, histérico, obsessivo ou, mais radicalmente, fóbico, é aquele que identifica a falta do Outro com sua demanda,  $\Phi$  com D. Daí resulta que a demanda do Outro assume a função de objeto em sua fantasia, isto é, que sua fantasia (nossas fórmulas permitem sabê-lo de imediato) reduz-se à pulsão: (\$oD). Por isso é que o catálogo das pulsões pôde ser organizado no neurótico” (Lacan, 1960b/1998, p. 838).

O segundo ponto – ('S barrado'  $\diamond$  D) – indica o fato do sujeito ser marcado pelo significante que expressa sua demanda fornecendo o conteúdo necessário. A demanda que é endereçada do sujeito ao Outro, mediada pelos significantes, para além dos pedidos endereçados para o Outro através da fala, expressa a mais forte demanda, a de amor.

A demanda figura nesse nível na medida em que, para além do que ela exige quanto à satisfação da necessidade, ela se propõe como essa demanda de amor que institui o Outro a quem ela se endereça como àquele que pode estar presente ou ausente (Lacan, 2013/2016, p. 423).

Entrando agora na fantasia, representada por ('S barrado'  $\diamond$  *a*)<sup>35</sup>, o psicanalista mostra que ela se dá através do campo Simbólico. Isto significa que ela traz consigo os significantes do Outro. Lacan aponta esse mecanismo como um disfarce da falta que há no desejo do sujeito, para que a angústia seja evitada. Dito de outra forma, a falta fática, impossível de ser suprida, conforme a castração estabelece, é enganada através da fantasia, pois ela promove para o sujeito a falsa ideia de que ele seja protagonista do seu desejo, estabelecendo objetos.

Esse movimento de busca do objeto e de deslocamento por vários significantes corresponde à metonímia do desejo. É através da estrutura inconsciente - que é a mesma estrutura da linguagem - que poderemos entender o que é o desejo, afirma Lacan. “O que interessa à psicanálise é aquilo que o movimento dos significantes pode dizer do desejo.” (Silveira, 2022, p. 153). Como já visto, o desejo não possui objeto para designar sua busca, ele se dá no hiato. Então, essa busca por objetos é feita pela fantasia<sup>36</sup> ('S barrado'  $\diamond$  *a*) barrado através do deslocamento por vários significantes, buscando o preenchimento da falta do desejo, ainda que isso não seja possível. Há, então, uma busca inalcançável do objeto perdido, mas, mais ainda, há o disfarce da falta inerente ao desejo.

Além disso, a fantasia possui uma função de proteção do campo Real, conforme nele pode reaparecer todo conteúdo que desaparece do Simbólico e possui característica traumática. Então, ela atua na mediação com o outro para que a externalização seja modulada, ou seja, “A fantasia é propriamente o 'estojo' daquele 'eu' que é primordialmente recalcado, por só ser indicável no *fading* da enunciação” (Lacan, 1960b/1998, p. 831). Dito de outro

<sup>35</sup> “Tudo se passa como se o objeto desempenhasse na fantasia o mesmo papel de miragem que, no andar inferior, a imagem do outro especular, *i(a)*, desempenha com relação ao eu [*moi*], *m*. Na fantasia, contudo, o objeto é o suporte imaginário dessa relação de corte que, nesse nível, o sujeito tem para se suportar - o que nos induz a uma fenomenologia do corte” (Lacan, 2013/2016, p. 424).

<sup>36</sup> A fantasia é apresentada no grafo pelo sinal ('S barrado'  $\diamond$  *a*) e Lacan a define a partir de um mecanismo de defesa contra a falta do Outro, ou seja, é a fantasia que vela a falta do desejo, substituindo-a a partir de vários significantes, mesmo que esses não a preencham. “[...] a fantasia, diz Lacan, constitui o único acesso possível ao 'Real'” (Kaufmann, 1993/1996, p. 196).

modo, com relação aos conteúdos que o sujeito não consegue encarar diretamente (seja conteúdo recalcado, que cause angústia ou desejo), a fantasia oferta mecanismos para que eles sejam trabalhados de modo indireto. De acordo com Coutinho Jorge (2005):

(...) situada na base da realidade psíquica, a fantasia é constituída pelo simbólico, pelos significantes do Outro, e mediatiza o encontro do sujeito com o que é inabordável enquanto tal - o real. Todo futuro relacionamento do sujeito com seu semelhante e com o mundo externo será sempre mediatizado por essa tela da fantasia, por um lado protetora do Real traumático, e, por outro, produtora de uma fixação objetual perversa. Lacan fala da *père-version* para designar essa entrada do sujeito no simbólico a partir de alguma versão paterna constituinte de sua fantasia inconsciente. Se a fantasia protege do real, ela igualmente será a responsável pela produção de sintomas que passarão a ter o valor de Real para o sujeito (Coutinho Jorge, 2005, p. 97).

O objeto *a* apresentado na constituição da simbolização da fantasia no grafo é o objeto causa do desejo. Ainda que esse seja um tópico melhor elaborado após 1960, vejamos algumas considerações levantadas por Lacan sobre ele.

O objeto *a* é um objeto fundamentalmente perdido que o sujeito busca incessantemente recuperar. Esta busca é mediada pela fantasia, a qual tem como uma de suas funções mascarar a falta do objeto de desejo. A fantasia, portanto, tem como papel um meio pelo qual o sujeito tenta preencher a ausência do objeto *a*. Como aponta Silveira em *Para além do desejo de nada: o objeto a como resistência ao plano transcendental dos significantes na psicanálise lacaniana* (2008):

O sujeito, como nada, é uma pergunta - e não uma afirmação - dirigida à estrutura sob a forma do Outro. Mas, em retorno, ele não recebe a resposta. Recebe apenas o significante da ausência essencial de resposta ou o falo como representante do fato de que nada pode fazer cessar o processo metonímico do desejo e completar de vez o sentido. A essa ausência de resposta, que é também o limite da determinação, o sujeito reage com a produção da fantasia cujo motor é o objeto *a* (Silveira, 2008, p.299).

Lacan, no *Seminário 6* (2013/2016), aponta o objeto *a* como desejo do Outro, conforme ele não pode ser compreendido como objeto empírico, mas sim, significante de reconhecimento. Então, o desejo é movido a partir de um significante que está sempre em busca do reconhecimento que é inalcançável. Segundo Lacan:

O objeto do desejo, isto é, caso prefiram, o objeto *a* do grafo, é, como tal, o desejo do Outro, na medida em que chega ao conhecimento - se essa palavra tem algum sentido - de um sujeito inconsciente. Ou seja, o objeto está, com relação ao sujeito inconsciente, numa posição contraditória, como indica a expressão *conhecimento de um sujeito inconsciente*. Não é nada impensável, é algo que permanece aberto e que quer dizer: se o objeto chega ao sujeito

inconsciente, chega como anseio [*væu*] de reconhecê-lo, como significante de seu reconhecimento. Em suma, o desejo não tem outro objeto senão o significante de seu reconhecimento (Lacan, 2013/2016, p. 511).

Diante da apresentação dos aspectos do grafo do desejo aqui colocados, vejamos um resumo sobre alguns pontos centrais do segundo andar do grafo, enunciado por Lacan:

O desejo se esboça na margem em que a demanda se rasga da necessidade: essa margem é a que a demanda, cujo apelo não pode ser incondicional senão em relação ao Outro, abre sob a forma da possível falha que a necessidade pode aí introduzir, por não haver satisfação universal (o que é chamado de angústia). Margem que, embora sendo linear, deixa transparecer sua vertigem, por mais que seja coberta pelo pisoteio de elefante do capricho do Outro. É esse capricho, no entanto, que introduz o fantasma da Onipotência, não do sujeito, mas do Outro em que se instala sua demanda (já era tempo de esse clichê imbecil ser recolocado, de uma vez por todas, e por todos, em seu devido lugar), e, juntamente com esse fantasma, a necessidade de seu refreamento pela Lei (Lacan, 1960b/1998, p. 828).

Neste capítulo, exploramos o complexo caminho traçado por Lacan para que sua metapsicologia se estruturasse, desde a importante inserção da linguagem na psicanálise até o conceito de desejo. Partimos do destaque dado à linguagem e sua atuação na compreensão do inconsciente, levando em consideração seus aspectos, como o significante, o significado, a voz, a fala vazia e a fala plena.

Os três campos — Imaginário, Simbólico e Real — representam como a experiência humana se estabelece, segundo Lacan, e, a partir de suas interações, dão origem ao sujeito. O Imaginário apresenta a imagem, o modo como o sujeito se espelha a partir do Outro; o Simbólico, com a entrada do significante, é primordial para que o sujeito se estruture enquanto tal; o Real, como furo no Simbólico, coloca em destaque a falta nos significantes.

Um dos grandes avanços promovidos pela psicanálise lacaniana também foi abordado: a conceituação de três instâncias e suas diferenças recíprocas: necessidade, demanda e desejo. A primeira tem um aspecto biológico, envolvendo a manutenção da vida; a segunda aponta a tradução da necessidade através da linguagem em direção ao Outro; e, por fim, o desejo, mediado pela falta estabelecida no movimento entre necessidade e demanda, ou seja, aquilo que não pode ser dito.

Para finalizar e englobar alguns aspectos percorridos durante o texto, temos o grafo do desejo, que apresenta o dinamismo do sujeito inconsciente a partir dos significantes e a mediação da falta do desejo.

Percebe-se, portanto, o caráter transcendental com o qual Lacan posiciona o desejo, abordando seu estabelecimento em uma falta fundamental e sua dimensão a partir dessa instância que se inscreve incessantemente em busca da resposta do Outro. A tese psicanalítica ganha, então, um novo formato a partir da reinterpretação lacaniana, que demonstra como os conceitos de linguagem, inconsciente e sujeito, juntos, sustentam a estrutura do desejo.

O desejo [...] é interrogado como sendo a chave, ou a mola em nós, de toda uma série de ações e comportamentos compreendidos como aquilo que representa o mais profundo de nossa verdade. É esse o ponto máximo, o ponto culminante de onde, a cada instante, a experiência tende a descer novamente (Lacan, 2013/2016, p. 506).

#### **4 Desejo, falta e linguagem: o salto teórico de Lacan**

Considerando o percurso dos dois primeiros capítulos, o material apresentado nos oferece pontos relevantes para a discussão acerca da localização do pensamento lacaniano sobre o desejo. Ao longo da dissertação, alguns afastamentos entre as ideias de Freud e Lacan foram mencionados, mas não aprofundados, enquanto outros, até o momento, não foram abordados. Diante do objetivo desta pesquisa, que busca compreender por que a formulação do conceito de desejo em Lacan exige uma perspectiva, em certa medida, distinta daquela proposta por Freud, este capítulo será dedicado a destacar e analisar os principais aspectos que fundamentam essa diferenciação.

Assim, neste capítulo, colocaremos em evidência a concepção de Lacan sobre o desejo e as características que o posicionam sob uma nova perspectiva na psicanálise. O inconsciente freudiano será abordado para evidenciar certos movimentos argumentativos do pensamento de Lacan e como este influencia sua construção do conceito de desejo, que aqui constitui o foco central. Seguiremos para a seção principal deste capítulo, onde será possível compreender como o desejo emerge na teoria de Lacan e identificar os passos que se movem em território distinto daquele oferecido diretamente por Freud, trazendo à discussão os termos: necessidade, demanda, desejo e experiência de satisfação. A partir das conclusões dessa seção, o trecho subsequente terá como objetivo destacar a nova leitura que Lacan nos apresenta sobre o desejo. Na seção seguinte, examinaremos o papel da fantasia, juntamente com o lugar do objeto *a*, causa de desejo. A contribuição do conceito de *das Ding* para entendermos o desejo e a falta estrutural que o constitui também será abordada. Por fim, serão

retomados os pontos principais discutidos neste capítulo, destacando como a psicanálise lacaniana conduz a uma nova concepção de desejo.

#### 4.1 Pensando o inconsciente a partir da linguagem

Como vimos nos capítulos anteriores, tanto Freud quanto Lacan desenvolvem o desejo como algo inconsciente. Neste ponto, retomaremos as principais ideias sobre o inconsciente formuladas por cada um dos psicanalistas, a fim de aprofundarmos a compreensão sobre o conceito de desejo.

A existência do inconsciente é defendida por Freud com base, entre outras coisas, nas manifestações psíquicas, como sonhos, atos falhos, sintomas, como também as lembranças – que estão em estado latente e podem vir à consciência – que não podiam ser explicadas assumindo-se que processos psíquicos apenas poderiam ser conscientes. Ou seja, para o psicanalista, afirmar apenas a existência da consciência seria incoerente, pois há fenômenos que só podem ser compreendidos ao considerarmos a existência de processos psíquicos inconscientes. Freud escreve em *O inconsciente* (1915/2010):

Todos esses atos conscientes permanecem desconexos e incompreensíveis se insistimos na pretensão de que através da consciência experimentamos tudo o que nos sucede em matéria de atos psíquicos, mas se inscrevem numa coerência demonstrável se neles interpolamos os atos inconscientes inferidos (Freud, 1915/2010, p. 76).

O inconsciente, segundo a primeira tópica freudiana, é a instância psíquica que, junto com o pré-consciente, abriga todo o conteúdo não consciente. Alguns desses conteúdos, chamados de latentes, possuem a possibilidade de se tornarem conscientes. Contudo, há também conteúdos inconscientes que jamais alcançarão a consciência. De acordo com o *Dicionário de psicanálise* (1998), o inconsciente pode ser compreendido como “[...] uma instância ou um sistema (Ics) constituído por conteúdos recalçados que escapam às outras instâncias, o pré-consciente e o consciente (Pcs-Cs).” (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 375).

É no sistema inconsciente que se encontram todos os conteúdos recalçados, embora, de acordo com Freud, não haja uma correspondência entre esses dois campos no sentido de que, embora todo material recalçado seja inconsciente, nem todo material que é inconsciente é recalçado. Dito de outro modo: o campo do inconsciente é mais amplo do que o campo do recalçado. De qualquer forma, os desejos inconscientes recalçados, que impulsionam sonhos, sintomas e atos falhos, permanecem fora do alcance da consciência devido à ação de uma

censura e só se manifestam por meio desses mecanismos. Nada disso é novidade, considerando o percurso que traçamos no primeiro capítulo. Contudo, retomei brevemente esses pontos centrais sobre o inconsciente freudiano para que, ao abordar também as principais características do inconsciente tal como proposto por Lacan, possamos destacar a especificidade desse conceito e sua influência no pensamento lacaniano sobre o desejo.

Lacan, ao refletir sobre o inconsciente, destaca que não é possível dissociar o sujeito (inconsciente) da sociedade e da cultura que o cercam. Como aponta Silveira: “Lacan situa a cultura no lugar que o biólogo reserva à natureza” (Silveira, 2022, p. 20). A linguagem é essencial para que o meio social exista, e Lacan também a considera central para o inconsciente, ao afirmar que a estrutura da linguagem é a mesma estrutura que rege o inconsciente. Essa perspectiva difere de Freud, que, embora destaque em seus textos a importância da linguagem como canal de acesso do conteúdo inconsciente à consciência, não descreve o sistema inconsciente como uma estrutura propriamente linguística.

Esse salto se deve a grandes influências linguísticas e filosóficas que Lacan agrega à psicanálise, levando-a para um campo em que a subjetividade contida no social desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do sujeito. O sujeito já está inserido no campo linguístico antes mesmo do nascimento, pois é evocado pelos seus pais, que, por sua vez, já estão imersos na linguagem. Em outras palavras, o sujeito é “dito” desde antes de seu nascimento.

Através dos progenitores, o bebê vem ao mundo e é marcado pelo discurso deste, onde se inscreve a fantasia, a cultura, a classe social, a língua, entre outros. Todos esses fatores articulados constituem o campo do Outro, onde se forma o sujeito. (Lima; Apel; Oliveira, 2016, p. 105).

As características do inconsciente propostas por Lacan, diferentemente do que Freud apresenta, destacam a relação entre significante e significado, evidenciando a ausência de uma fixação entre ambos. Em outras palavras, há uma impossibilidade inscrita no cerne da linguagem. Essa dinâmica também reflete a cisão do sujeito no significante, ou seja, aquilo que é elaborado pela fala e o sujeito constituinte do inconsciente, que está marcado pela falta. Esse sujeito só consegue se manifestar nas brechas, como nos atos falhos, nos sintomas e nos sonhos. Essas brechas correspondem ao deslizamento do significante sobre o significado. Isso acontece, por exemplo, quando se deseja dizer uma coisa (com um significado) e acaba-se dizendo outra (com outro significado). É justamente nesse momento que o conteúdo inconsciente se revela, ainda que de forma disfarçada.

Para Lacan (1964 [1960]/1998), o lugar do significante se organiza pelo fato de um significante representar um sujeito para outro significante. E a divisão do sujeito reside aí, ele é dividido pelos significantes, é como se o processo de um significante se vincular a outro deixasse o sujeito obscurecido, à parte de todo o processo, fazendo-o emergir apenas nas brechas da fala, como um lapso, o que faria com que o eu do sujeito se deparasse com o que já se produziu, ou seja, com a manifestação das formações do inconsciente (Palma e Jorge, 2021, p. 167).

Agora é necessário retomar os três tempos do Édipo propostos por Lacan, pois é a partir deles que podemos identificar a diferença em relação ao complexo de Édipo freudiano. Lacan não rejeita a ideia do complexo de Édipo, mas a elabora de forma mais ampla, como consequência da estrutura linguística do inconsciente. Afinal, é precisamente nos três tempos do Édipo que o sistema Simbólico se estabelece.

A primeira fase edípica é caracterizada pelo surgimento do primeiro desejo do sujeito: ser aquilo que supriria a falta sentida pela mãe. Nesse período, a criança procura assumir o lugar de objeto que atende ao desejo materno. O que é percebido como faltante para a mãe, simbolizado pelo falo, transforma-se no núcleo de seu desejo, levando a criança a buscar reconhecimento como o elemento que preenche essa ausência. Sobre essa fase, comenta Lacan no *Seminário 5* (1957-1958/1999):

[...] a relação com a mãe não é simplesmente feita de satisfações e frustrações, mas da descoberta do que é o objeto do desejo dela. O sujeito, essa criança pequena que tem de se constituir em sua aventura humana e ter acesso ao mundo do significado, deve, com efeito, fazer a descoberta do que significa para ela o seu desejo. Ora, o que sempre criou problemas na história analítica, tanto para a teoria quanto para a prática, foi saber por que, nesse ponto, aparece a função privilegiada do falo (Lacan, 1957-1958/1999, p. 247-248).

Na segunda fase do Édipo, o pai, ao se instaurar em uma posição de lei, rompe a relação direta entre a criança e a mãe, posicionando-se como o Outro. Nessa separação, ocorre a castração simbólica, que implica a interrupção do campo Imaginário, permitindo à criança a entrada no campo da linguagem, no campo Simbólico.

Por outro lado, o que o pai proíbe? Esse foi o ponto de que partimos - ele proíbe a mãe. Como objeto, ela é dele, não é do filho. É nesse plano que se estabelece, pelo menos numa certa etapa, tanto no menino quanto na menina, aquela rivalidade com o pai que, por si mesma, gera uma agressão. O pai efetivamente frustra o filho da posse da mãe (Lacan, 1957-1958/1999, p. 247-248).

Na terceira fase do Édipo, desenvolvida por Lacan, a Lei simbólica, apresentada pelo pai, é instaurada através da castração. Com isso, a criança, inserida no campo da linguagem,

passa a se endereçar ao fato de que todos os sujeitos dentro desse campo precisam se submeter a essa Lei, que funciona como a base para as regras das relações sociais.

[...] o pai como aquele que é culturalmente portador da lei, o pai como investido pelo significante do pai, intervém no complexo de Édipo de maneira mais concreta, mais escalonada, por assim dizer, e é isso que queremos articular hoje. Esse é o nível em que é mais difícil compreender alguma coisa, embora seja aquele em que nos dizem que se encontra a chave do Édipo, ou seja, seu desfecho (Lacan, 1957-1958/1999, p. 194).

As três fases do Édipo apresentadas por Lacan são desenvolvidas no âmbito do campo Simbólico, ou seja, estão diretamente ligadas à cultura e aos significantes que regulam o desejo. A castração, nesse contexto, é simbólica: o sujeito precisa renunciar à posição de completude em relação ao desejo da mãe para se inscrever no campo Simbólico e, assim, ter acesso à linguagem, ao desejo e à subjetividade. Sobre a importância dada à linguagem, Lacan diz em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/1998):

[...] a função da linguagem não é informar, mas evocar. O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder. Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto. O que se realiza em minha história não é o passado simples daquilo que foi, uma vez que ele já não é, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que terei sido para aquilo em que me estou transformando. (Lacan, 1953/1998, p. 301)

Freud aborda o Édipo como um processo psíquico centrado na relação mãe-pai-filho. Nesse contexto, a castração é compreendida como um temor literal. Além disso, o desejo pelo genitor do sexo oposto e o medo da castração são pontos centrais em sua leitura. Já em Lacan, a diferença na interpretação do Édipo está diretamente ligada ao papel fundamental da linguagem na psicanálise.

Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2019), Freud apresenta os primeiros comentários sobre sonhos edípicos que geram indignação. Essa relação entre amor à mãe e ódio ao pai é uma construção psíquica da infância que é apontada pelo psicanalista como uma relação ao mito do Édipo.

Segundo minhas experiências já numerosas, os pais exercem o papel principal na vida psíquica de todas as crianças que, mais tarde, desenvolvem uma psicose, e a paixão por um e o ódio pelo outro dos pais são elementos do acervo imutável do material de impulsos psíquicos [...]. É muito mais provável, e isso é apoiado por observações ocasionais em crianças normais, que esses desejos afetuosos ou hostis em relação aos pais

nos mostrem apenas de modo ampliado algo que ocorre com nitidez e intensidade menores na psique da maioria das crianças. Para apoiar essa descoberta, a Antiguidade nos deixou uma lenda [Édipo] cuja eficácia penetrante e universal só se torna compreensível se admitirmos uma universalidade semelhante da precondição da psicologia infantil acima discutida (Freud, 1900/2019, p. 301-302).

Todo sonho, segundo Freud, é a realização de um desejo. Portanto, esse conteúdo recalçado, infantil, como o desejo pela mãe e o ciúme do pai pode se manifestar de forma disfarçada em sonhos. Moreira (2004) aponta que a ideia edípica de Freud “[...] da universalidade, na infância, da paixão pela mãe e do ciúme em relação ao pai” (Moreira, 2004, p. 220) reforça o caráter estrutural desse fenômeno nas relações familiares e no desenvolvimento psíquico infantil. Essa universalidade é evidenciada por Freud quando ele afirma:

Todos éramos talvez predestinados a voltar nosso primeiro impulso sexual para a nossa mãe e nosso primeiro ódio e desejo violento contra o pai; nossos sonhos nos convencem disso. O Édipo rei, que matou seu pai, Laíó, e se casou com sua mãe, Jocasta, é apenas a realização do desejo de nossa infância. Desde então, porém, contanto que não tenhamos nos tornado psiconeuróticos, temos sido mais felizes em desprender nossos impulsos sexuais da nossa mãe e em esquecer nosso ciúme do nosso pai. Estremecidos, recuamos da pessoa na qual se realizou aquele desejo infantil primordial, e o fazemos com todo o peso da repressão que esses desejos têm sofrido desde então em nosso íntimo. O poeta, ao revelar a culpa de Édipo, nos obriga ao conhecimento de nosso próprio interior, no qual aqueles impulsos, mesmo que reprimidos, continuam a existir (Freud, 1900/2019, p. 303-304).

A reinterpretação lacaniana do complexo de Édipo enfatiza que o pai não se limita ao papel de proibição, mas exerce a função simbólica de instaurar uma lei que organiza o campo do desejo e das relações entre os sujeitos. O Outro possui um papel central, pois é a partir dele que o sujeito se constitui, ou seja, é nessa interação desde a infância que molda a identidade e a subjetividade. Lacan afirma: “[...] o Nome-do-Pai está ligado à proibição do incesto, mas ninguém jamais pensou em colocar no primeiro plano do complexo de castração o fato de o pai promulgar efetivamente a lei da proibição do incesto.” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 194).

Ainda que, em Freud, o complexo de Édipo revele a relação triangular entre criança, mãe e pai, indicando a presença de uma alteridade, essa noção não é plenamente desenvolvida, pois Freud centraliza seu estudo no "eu". Nas palavras de Moreira (2004): “No primeiro movimento de teorização do Édipo, o problema da alteridade aparece, implicitamente, como condição lógica da cena triangular, mas não contemplado na sua totalidade, pois a cena, nesse momento, centra-se no eu.” (Moreira, 2004, p. 221). Mesmo

considerando o avanço, sob esse aspecto, nas formulações de Freud, é Lacan quem realmente desenvolve a ideia de alteridade, ou seja, que o sujeito só se constitui em relação ao Outro. Para Lacan, é essa relação com o Outro, mediada pela função da linguagem, que fundamenta a existência e a estruturação do sujeito. Não se trata de uma rejeição, por parte de Lacan, ao Complexo de Édipo freudiano, mas de um salto que desloca a perspectiva para uma abordagem cultural e simbólica. Nas palavras de Lacan:

Muitas vezes me posicionei contra a maneira arriscada como Freud interpretava sociologicamente a descoberta, capital para o espírito humano, que lhe devemos nisso. Penso que o complexo de Édipo não surgiu com a origem do homem (se é que não é insensato tentar escrever sua história), mas no alvorecer da história, da história "histórica", no limite das culturas "etnográficas". Ele só pode surgir, evidentemente, na forma patriarcal da instituição familiar, mas nem por isso deixa de ter um valor liminar incontestável; estou convencido de que, nas culturas que o excluam, sua função devia ser exercida por experiências iniciáticas, como aliás a etnologia nos permite ver ainda hoje, e seu valor de fechamento de um ciclo psíquico decorre de ele representar a situação familiar, na medida em que, por sua instituição, esta marca no cultural o recorte do biológico e do social (Lacan, 1946/1998, p. 185).

O simbólico possui como características centrais, portanto, a primazia da linguagem, a estruturação do sujeito mediante a articulação linguística promovida pela instauração de uma lei paterna e, principalmente, a estruturação do inconsciente. Contudo, não há como retomar aqui o Simbólico sem retomarmos o real, pois há um limite na linguagem, há algo que escapa à simbolização e é nesse hiato que se encontra o campo do real. Segundo o *Dicionário de Psicanálise* (1998) o termo Real em Lacan designa “[...] uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar.” (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 645).

O que não pode ser simbolizado emerge no real, um campo marcado pelos cortes, pois é nos intervalos onde a linguagem falha que ele se manifesta. Assim, na ideia lacaniana de divisão do sujeito, em que há o que é simbolizado e o que escapa à simbolização, podemos afirmar que é no Real que se localiza essa constituição faltosa do sujeito.<sup>37</sup>

Diante da tese de que aquilo que é excluído do Simbólico se manifesta no Real, Lacan, ao refletir sobre o Real e o sonho, aponta que o conteúdo que não consegue se expressar por não possuir significantes, mesmo que o deslizamento do significante sobre o significado possa propor uma “representação transformada”, ou seja, por metáforas desse conteúdo, não pode ser simbolizado. Assim, ainda que o Real se manifeste por meio de alucinações ou sonhos,

<sup>37</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre o Real, ver seção 3.4.4, no capítulo anterior.

não é possível afirmar, com base na psicanálise lacaniana, que o conteúdo do Real é efetivamente representado. Portanto, ao pensarmos no desejo — que é precisamente essa falta, esse hiato na linguagem —, concluímos que ele não pode ser propriamente expressado pelo sonho. Isso porque, no Real, Lacan situou “a realidade psíquica, isto é, o desejo inconsciente e as fantasias que lhe estão ligadas, bem como um 'resto': uma realidade desejante, inacessível a qualquer pensamento subjetivo” (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 645, *italico meu*).

Freud afirma que todo sonho é a realização de um desejo recalcado, pois é no estado do sono que a barreira da censura se enfraquece, permitindo que esse conteúdo recalcado alcance a consciência, ainda que de forma disfarçada. Do mesmo modo, podemos identificar a presença do desejo no sonho para Lacan. No entanto, para ele, o sonho é um discurso do inconsciente, estruturado pelo campo Simbólico, ou seja, sua forma é a da linguagem. O Real, embora presente no sonho como uma lacuna ou por meio de metáforas, representa um hiato da linguagem; não há, portanto, uma simbolização completa do desejo no sonho. Assim, não é possível afirmar que Lacan concebe o sonho como uma realização do desejo recalcado, nos mesmos termos propostos por Freud.

Eis, portanto, uma coisa que deve sempre lembrar-nos que, se é verdade que podemos abordar o princípio de prazer sob o ângulo da satisfação fundamentalmente irreal do desejo, o que caracteriza a satisfação alucinatória do desejo é que ela se propõe no campo do significante e implica, como tal, um certo lugar do Outro. Aliás, não se trata forçosamente de um Outro, mas de um certo lugar do Outro, na medida em que ele é exigido pela proposição da instância do significante. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 229).

O sonho, sendo uma forma de alucinação, é destacado por Lacan como mediado pelo campo Simbólico e pela linguagem. O desejo, por sua vez, sendo um conteúdo que escapa à simbolização, não pode ser plenamente realizado. Ainda que a metáfora tente apresentá-lo no sonho, ele permanece incompleto. Dessa forma, a satisfação do desejo é impossível, pois o desejo, enquanto falta, não se inscreve no campo Simbólico de maneira total.

Diante das informações fornecidas nessa seção, podemos concluir que Freud concebe o inconsciente como um lugar psíquico onde conteúdos recalcados são armazenados após perderem o investimento da consciência, sendo retirados de seu alcance, assim como os conteúdos que nunca alcançaram a consciência. Em Lacan, entretanto, o inconsciente não é um lugar psíquico, mas um campo estruturado como uma linguagem, no qual o sujeito se constitui a partir da relação com o Outro e da inserção na linguagem e nas relações sociais. Palma e Jorge apontam que a ideia de que a existência da linguagem implica o inconsciente

permite afirmar que “a estrutura inconsciente advenha no processo que introduz o *infans* ao universo simbólico. É a inscrição do significante no ser vivente que o faz ser marcado, dividido e subvertido pela linguagem, e, por isso, assujeitado ao inconsciente.” (Palma e Jorge, 2021, p. 167).

Para Lacan, o que não se traduz no campo da linguagem, aquilo que escapa à simbolização, é o que marca a falta – uma impossibilidade de tradução completa. O inconsciente lacaniano estrutura-se no significante, na própria estrutura da linguagem, e essa falta, embora não seja o inconsciente em si, relaciona-se diretamente com o campo do inconsciente, pois é a partir dessa ausência, desse hiato na linguagem, que o desejo se manifesta e o sujeito se constitui. Esse ponto pode ser associado à noção freudiana de inconsciente como o conteúdo que não chega à consciência, mas que para Lacan é aquilo que não atravessa o “muro” da linguagem.

Assim, embora o desejo em ambos seja inconsciente, as concepções de inconsciente em Freud e Lacan divergem significativamente. Dessa diferença decorre que o desejo é desenvolvido e compreendido de modo distinto em cada leitura: para Freud, o desejo está ligado à experiência de satisfação e à estrutura psíquica; para Lacan, ele emerge das falhas na linguagem e se relaciona com a estrutura simbólica do sujeito. Palma e Jorge (2021) destacam que “Ser constituído pelo significante e, por conseguinte, fazer uso desse artifício simbólico é não apenas transformar o que era do campo do vivo em sujeito da linguagem, como também alterar o que era do plano da necessidade em desejo.” (Palma e Jorge, 2021, p. 168). Então, na concepção lacaniana, o desejo só pode ser compreendido a partir da entrada na linguagem, que ocorre por meio do Outro, instaurando-se a falta na qual o desejo se estabelece.

#### **4.2 Necessidade, demanda e desejo: Da perspectiva freudiana ao avanço lacaniano**

Para seguirmos pontuando os passos que levaram Lacan a constituir uma nova concepção de desejo, é necessário retomar o estudo sobre necessidade, demanda e desejo. Inicialmente, analisaremos o desenvolvimento de Freud acerca dos termos necessidade e desejo para, em seguida, compreendermos a visão lacaniana sobre necessidade e desejo, explorando o que o levou a introduzir a noção de demanda e o impacto da linguagem em todo esse processo.

Freud, em sua primeira teoria do aparelho psíquico, aborda dois conceitos que estão intimamente relacionados: necessidade e desejo. O conceito de necessidade é utilizado pelo psicanalista para designar carências biológicas, como sede, fome, sono, entre outras. O desejo é o componente que origina todos os processos psíquicos na busca de reviver a experiência de satisfação.

Como vimos no capítulo um, para entendermos a relação entre necessidade e desejo é preciso retomar aqui a ideia central sobre a primeira experiência de satisfação. Freud, em *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950[1895]/1980) e, posteriormente, em *A interpretação dos sonhos* (1900/2019), desenvolve a ideia de que, para que a primeira experiência de satisfação ocorra, é preciso que a percepção de alimento se conecte à necessidade, ou seja, que o alimento se associe à fome. Freud explica essa dinâmica por meio da relação do bebê com o seio materno. A fome (necessidade) do bebê é atendida pela mãe, que oferece o seio, criando uma percepção associada à satisfação. Dessa forma, ao sentir fome em outra ocasião, o bebê já reconhece e estabelece essa relação como um caminho para alcançar a satisfação de sua necessidade.

A excitação trazida pela necessidade interior buscou desafogo na motilidade, que podemos designar como "modificação interna" ou "expressão de emoção". A criança faminta grita ou se agita desamparada. Mas a situação permanece inalterada, pois a excitação que parte de uma necessidade interna não corresponde a uma força que impele momentaneamente, mas que age de forma contínua. Uma mudança só pode ocorrer quando, de algum modo, por meio de uma ajuda vinda de fora, a criança tem a vivência da satisfação, que anula o estímulo interior (Freud, 1900/2019. p. 617).

Freud, ao introduzir os conceitos de processo primário e secundário, explica que, no processo primário, o objeto é buscado de forma alucinatória, sendo carregado pelo investimento de lembranças de satisfação. Nesse caso, o objeto não é real, mas formado por traços de memória intensamente investidos, permitindo que o desejo seja realizado, ainda que a necessidade permaneça insatisfeita. Já no processo secundário, o objeto é percebido de maneira concreta, possibilitando a efetiva satisfação da necessidade.

Ao analisar a experiência de satisfação, percebe-se que a necessidade e o desejo se relacionam entre si e, em certa medida, se conectam na teoria freudiana, conforme o desejo se realiza no processo primário a partir de uma alucinação de uma necessidade sendo satisfeita, uma necessidade que, quando inicialmente suprida, gera prazer. Essa busca de reviver a experiência de satisfação é eterna na medida em que ela nunca se repetirá. Portanto, o desejo é a busca eterna para que essa vivência se repita, o que é impossível.

É nesse sentido que Freud estuda e interpreta o desejo no sonho, pois, como ele afirma: “Todo o pensamento é apenas um rodeio, da lembrança da satisfação” (Freud, 1900/2019, p. 656). O desejo inconsciente recalçado, originado a partir da experiência de satisfação que busca se repetir, está presente em todos os processos psíquicos. É justamente esse desejo de reviver a experiência de satisfação que impulsiona o funcionamento psíquico. Assim, o sonho se apresenta como um espaço privilegiado para a busca da realização desse desejo. Sobre essa relação entre a experiência de satisfação e o desejo, lemos no *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*: “Em *A interpretação dos sonhos*, é a satisfação do desejo que é levada em conta – implicando, com a repetição alucinatória da satisfação originária, a da presença gratificadora.” (Kaufmann, 1993/1996, p. 216-217).

Freud conceitua a necessidade como uma carência biológica, enquanto o desejo se relaciona à busca por reviver a experiência de satisfação, sendo esse o motor que impulsiona a atividade psíquica. Para embasar essa teoria, ele utiliza a dinâmica entre o bebê e o seio materno, na qual a associação entre fome e alívio estabelece a busca por prazer. No processo primário, o desejo opera de forma alucinatória, enquanto a necessidade só é satisfeita no processo secundário, quando o objeto é encontrado e o indivíduo dele se apropria na realidade externa. Já no sonho, Freud identifica a realização de desejos recalçados, reforçando o papel central do desejo na estruturação do psíquico.

Lacan não rejeita a compreensão freudiana da necessidade, mas sim avança na psicanálise ao estabelecer distinções mais específicas entre necessidade e desejo, conceitos que em Freud aparecem mais entrelaçados. Em Lacan, o desejo ganha uma nova definição, distinta daquela que possui na teoria freudiana. Além disso, Lacan introduz o conceito de demanda, que media a relação entre necessidade e desejo ao implicar a linguagem e o Outro. Essa reformulação lacaniana marca uma diferença significativa em relação ao pensamento freudiano. Sobre esses três conceitos, Roudinesco e Plon (1997/1998) afirmam que Lacan:

[...] estabeleceu um elo entre o desejo baseado no reconhecimento (ou desejo do desejo do outro) e o desejo inconsciente (realização no sentido freudiano). Com isso, ele diferenciou o desejo da necessidade mais do que fizera Freud. Através da idéia hegeliana de reconhecimento, Lacan introduziu, entre 1953 e 1957, um terceiro termo, ao qual deu o nome de demanda. Esta é endereçada a outrem e, aparentemente, incide sobre um objeto. (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 147).

A necessidade, assim como em Freud, é concebida por Lacan como uma condição biológica, como a fome, que é satisfeita pelo alimento, ou o cansaço, que é resolvido pelo ato

de dormir. “Em outras palavras, na terminologia lacaniana, a necessidade, de natureza biológica, satisfaz-se com um objeto real (o alimento) [...]” (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 147). É importante destacar que Lacan enfatiza que essa necessidade pertence à fase infantil, anterior à entrada no campo Simbólico<sup>38</sup>. A partir dessa entrada, Lacan introduz uma inovação teórica com a inserção do conceito de demanda.

Lacan destaca que, junto à satisfação da necessidade, o cuidado do outro para com a criança, como o carinho e a atenção, também são aspectos importantes a serem analisados. Em Freud, o foco recai sobre a satisfação da necessidade ao descrever a primeira experiência de satisfação, sem dar o mesmo destaque a esses cuidados adicionais, como faz Lacan. Isso ocorre porque o conceito de demanda não é abordado na metapsicologia freudiana, sendo algo introduzido por Lacan na psicanálise.

Com a entrada no campo Simbólico, o sujeito estabelece sua relação com o outro por meio de significantes, conforme destacado por Lacan. Assim, em um meio social mediado pela linguagem, o sujeito expressa sua necessidade através dela. Esse processo de tradução da necessidade pela linguagem é o que Lacan denomina demanda. Laplanche e Pontalis (1982/2001) apontam que “A necessidade visa um objeto específico e satisfaz-se com ele. A demanda é formada e dirige-se a outrem. Embora incida ainda sobre um objeto, este não é essencial para ela, pois a demanda articulada é, no fundo, demanda de amor.” (Laplanche e Pontalis, 1982/2001, p. 114). Essa transformação da necessidade em demanda, endereçada ao Outro e acompanhada de uma expectativa de resposta, é marcada pela demanda de amor. Lacan a denomina dessa forma porque, como mencionado, junto à satisfação da necessidade, há também o gesto de carinho e atenção do Outro para com a criança. Após a entrada no campo Simbólico, o sujeito passa a buscar esse mesmo carinho em todas as suas demandas, ou seja, em todos os seus pedidos direcionados ao Outro, assim como ocorria ao ter suas necessidades atendidas na fase anterior à sua entrada no Simbólico. Nas palavras de Lacan:

A demanda está ligada, antes de mais nada, a algo que está nas próprias premissas da linguagem, isto é, à existência de uma invocação, que ao mesmo tempo é princípio da presença e termo que permite repeli-la, jogo da presença e da ausência. O objeto chamado pela primeira articulação já não é mais um objeto puro e simples, mas um objeto símbolo - transforma-se naquilo que o desejo da presença faz dele. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 342)

---

<sup>38</sup> Embora o sujeito esteja desde sempre no simbólico, como já observamos, há um processo pelo qual ele entra no simbólico, processo a partir do qual ele se torna, propriamente, sujeito.

A demanda pode ser observada na teoria freudiana, ainda que esse termo não seja nela abordado, como uma característica do desejo, conforme ela se apresenta como uma tentativa de expressão do objeto de desejo que foi perdido. Também podemos ver algumas características da demanda na necessidade, pois ambas buscam um objeto na direção da satisfação; contudo, a necessidade mira no objeto para manutenção da vida, já a demanda possui outro endereçamento. No entanto, Lacan, ao inserir a linguagem como eixo central no campo psicanalítico, traz um novo conceito para essa demanda e a separa do conceito de desejo, conforme ela se apresenta como a tradução da necessidade pelo campo da linguagem. Ainda que a demanda tenha vínculo com o desejo, não se trata, entre ambos, de um mesmo conceito.

Quando o sujeito formula sua demanda ao Outro por meio da linguagem, ou seja, através dos significantes, algo inevitavelmente escapa, algo falta. Isso ocorre porque a intenção do sujeito nunca pode ser completamente traduzida pelos significantes, e o amor incondicional que ele busca não pode ser plenamente atendido pelo Outro. Em outras palavras, há uma diferença essencial entre aquilo de que se necessita e o que é demandado: a falta – aquilo que não possui significantes e que permanece intrínseco ao sujeito – é o que resta da relação entre necessidade e demanda.

Assim, no processo de tradução da necessidade em demanda, é essa falta que emerge, constituindo o desejo do sujeito. Portanto, o desejo é a expressão dessa falta, resultante do que não pode ser capturado ou representado na passagem da necessidade à linguagem. Sobre essa tradução da necessidade em demanda que resulta na falta, a saber, o desejo, vejamos esta passagem do *Seminário 5* (1957-1958/1999): “(...) o fato de o desejo ser determinado por um ato de significação não fornece todo o seu sentido, em absoluto, de maneira acabada. É possível que o desejo seja um subproduto, se assim me posso exprimir, desse ato de significação.” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 348-349).

Lacan enfatiza a importância de esclarecer o conceito de demanda, pois é através dela que podemos compreender mais profundamente o sujeito desejante. A subjetividade do sujeito é moldada na relação com o Outro, especificamente no espaço entre a demanda e a busca de reconhecimento. São as formas como as demandas são articuladas e respondidas pelo Outro que contribuem para a constituição do sujeito. Assim, a demanda, segundo Lacan, desempenha um papel na compreensão do sujeito como um ser que se constrói na linguagem e na relação com o desejo do Outro. Nas palavras de Lacan:

Desde seu surgimento, na sua origem, o desejo (...) se manifesta no intervalo, na hiância que separa a pura e simples articulação linguageira da fala daquilo que marca que o sujeito aí realiza algo dele mesmo, algo que não tem alcance, que só tem sentido em relação a essa emissão da fala, algo que é seu ser- o que a linguagem chama com esse nome.

É, por um lado, entre os avatares de sua demanda e o que esses avatares fizeram ele se tornar e, por outro, essa exigência de reconhecimento pelo Outro que, no caso, podemos chamar de exigência de amor, que se situa para o sujeito um horizonte de ser, e trata-se de saber se ele pode ou não alcançá-lo. É nesse intervalo, nessa hiância que se situa a experiência do desejo. Ela é inicialmente apreendida como sendo a do desejo do Outro, e é dentro dela que o sujeito tem de situar seu próprio desejo, o qual não pode situar-se em outro espaço que não esse (Lacan, 1901-1981/2016, p. 26).

O psicanalista argumenta que é a linguagem que revela tanto a falta no Outro quanto a falta que constitui o desejo. Segundo Lacan, Freud, ao tratar do desejo, não dá a devida atenção à localização do sujeito na linguagem, o que possibilita uma reflexão mais ampla sobre o desejo. Assim, Freud acaba por apresentar o desejo de maneira mais rígida e definida, ignorando a fluidez que a linguagem e a estrutura do inconsciente impõem à experiência desejanter. Nas palavras de Lacan:

Na mediana de minhas três fórmulas, portanto, isolo aqui a função da demanda. Correlativamente, diremos, em função dessa posição de base, a coisa de que se trata é, essencialmente, do interesse assumido pelo sujeito numa situação de crise.

Freud comete aqui apenas um erro, por assim dizer, que é o de ser como que levado pela necessidade da linguagem e orientar o sujeito de maneira prematura, a implicá-lo de maneira definida demais nessa situação desejanter (Lacan, 1957-1958/1999, p. 337).

O desejo lacaniano traz como ponto chave a sua característica de vazio, intervalo, o que significa que, para sua realização, nunca existiu e nem existirá objeto. Ao contrário do desejo freudiano – que se dá na busca do objeto que certa vez causou satisfação, ou seja, a busca de vivenciar novamente a experiência de satisfação –, o desejo apresentado por Lacan não é uma busca por uma vivência de satisfação, mas sim, o registro de uma falta originária, na medida em que ele é o resultado da relação entre necessidade e demanda. Como conceituado no *Dicionário de Psicanálise* (1998), “o desejo (*Begierde* inconsciente) nasce da distância entre a demanda e a necessidade. Ele incide sobre uma fantasia, isto é, sobre um outro Imaginário. Portanto, é desejo do desejo do outro, na medida em que busca ser reconhecido em caráter absoluto por ele.” (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p.147).

Portanto, é na relação entre necessidade e demanda que o desejo se constitui. Como visto anteriormente, a criança anterior à entrada no campo Simbólico, possui seu desejo

estabelecido pelo desejo do Outro, ou seja, ela quer ser aquilo que falta no Outro (falo). Diante da função paterna – estabelecendo o campo Simbólico –, a qual podemos aqui relacionar com a demanda, pois ambas ditam sobre essa entrada linguística, o sujeito transforma a necessidade em demanda, colocando-a como um pedido através da linguagem. Então, como já visto, Lacan aponta como resultado dessa função paterna o corte entre a mãe e a criança, pois não há como ele ser aquilo que completa a mãe, uma vez que esse preenchimento é impossível e que nela há também essa falta, como também a impossibilidade de se traduzir tudo, pois há a falta significante. Dito isso, o desejo lacaniano é uma falta estrutural que não pode ser simbolizada, pois ela não possui significantes. O sujeito busca, ao demandar, que o Outro possa preencher esse desejo, mas esse preenchimento é impossível pois não há significantes para tal e no Outro também há falta, não sendo possível que ele preencha aquilo que em si também não existe.

Quando a mãe não dá, ela frustra a criança do objeto imaginário. Lacan retoma a teorização da frustração, comparando-a com a privação (falta de um objeto real) e à castração (dívida simbólica). Mostra os limites da função da frustração na teoria do complexo de Édipo, observando que, em Freud (desde o "Projeto para uma psicologia científica"), o objeto da tendência foi originalmente perdido e não poderia ser encontrado tal qual: desde as primeiras vocalizações, a demanda se exprime pela fala e, ao passar pelos desfiladeiros do significante, o objeto original da necessidade "perde sua particularidade de ser o objeto daquela vez": enquanto tal, é 'um nada de objeto', e se for proporcionado a criança só pode nele "esmagar sua insatisfação fundamental". Em razão da dialética da demanda e do desejo, o objeto não poderia saciar o desejo que está aquém ou além da demanda e somos levados a constatar que "o que é desejado é muito precisamente o impossível" (Kaufmann, 1993/1996, p. 335).

Assim, é importante destacar as diferenças entre os pensamentos de Freud e de Lacan no que tange aos conceitos de necessidade e desejo, além da inclusão do termo demanda pelo segundo autor. A necessidade em Freud e Lacan começa no mesmo ponto: como uma pressão biológica que busca satisfação. Contudo, Lacan sustenta que essa necessidade se insere em uma rede simbólica, mostrando como, ao entrar no campo da linguagem e na relação com o Outro, a necessidade pura deixa de existir como tal. Ela sempre aparece como demanda (um pedido ao Outro) e está entrelaçada com o desejo, que jamais pode ser plenamente satisfeito. Em outras palavras, enquanto Freud associa o desejo à tentativa de reviver a experiência de satisfação, inaugurada pela necessidade fisiológica, Lacan introduz a linguagem na psicanálise, trazendo a referência ao campo Simbólico, que reverbera na noção de desejo. Ele também introduz o conceito de demanda, que é a tradução da necessidade para o campo da linguagem, revelando a falta inerente a essa tradução — ou seja, o desejo, que não se trata de

uma busca para reviver a experiência de satisfação, mas sim de uma falta originária, um hiato que se instaura na relação entre necessidade e demanda.

Dadas as considerações sobre o desejo em Lacan, que deslocam o conceito para além da visão freudiana ao enfatizar o papel estruturante da linguagem e do campo Simbólico, a fantasia aparece como um elemento central na compreensão do desejo. Enquanto a demanda traduz a necessidade para o campo da linguagem e revela a falta estrutural que caracteriza o desejo, a fantasia se apresenta como o meio pelo qual o sujeito organiza e ‘dá sentido’ a essa falta.

### **4.3 O papel da fantasia no desejo segundo Lacan**

O desejo lacaniano, como descrito na seção anterior, é pura negatividade, sem se dirigir a um objeto específico ou necessitar ser preenchido; trata-se de uma falta essencial. Além disso, por meio da linguagem e seus mecanismos, a tradução da necessidade em demanda fornece o horizonte para compreender o desejo na perspectiva lacaniana.

A única maneira de integrar, no âmbito Simbólico, o conteúdo não simbolizável do campo do Real – neste caso, o desejo – é por meio da fantasia. Para Lacan, a fantasia opera como um mecanismo de defesa que mascara a angústia provocada pela castração e pela falta constitutiva do desejo, que jamais pode ser plenamente preenchida. Dessa forma, é a fantasia que organiza os objetos em torno da ilusão de uma possível completude do desejo. Segundo Palma e Jorge (2021):

O tecido fantasístico faz borda em torno do vazio, de forma que o sujeito se vê circundado por uma infinidade de objetos que se deslocam metonimicamente pela cadeia. Mas todos os objetos de interesse para o sujeito, os quais adquirem um atrativo fálico, remetem ao furo, à falta inerente a todos eles, o que denota a ex-sistência de um objeto de satisfação total ao registro simbólico, e a parcialidade da pulsão, que jamais totaliza a sua satisfação. Desse modo, alienar-se no Outro é a forma de recobrir-se pelo sentido e, com isso, ocultar o fato de que o objeto de gozo, de satisfação plena, está perdido, é fazer encobrir a castração. (Palma e Jorge, 2021, p. 172).

Esse movimento é denominado metonímia do desejo, que consiste no deslocamento contínuo por diversos significantes ou, em outras palavras, na substituição de múltiplos objetos na tentativa de encobrir a falta inerente ao desejo. Trata-se de um processo infinito, uma vez que o desejo não possui um objeto específico de busca e, portanto, não pode ser

preenchido. Vejamos a abordagem da relação entre metonímia e desejo em dois dicionários psicanalíticos :

A metonímia está fundamentalmente articulada com o desejo. De fato, por meio da metáfora paterna e o acesso do falo ao estatuto de significante, o desejo do sujeito passa pela mediação da linguagem. A plenitude é impossível em razão do próprio processo metafórico; no mesmo ato o sujeito é engajado por seu desejo numa busca de objetos substitutivos que o mobilizam em lugar do objeto inicial, a mãe (Kaufmann, 1993/1996, p. 342).

[...] a fórmula da metonímia traduz a função de conexão dos significantes entre si, com a elisão do significado remetendo ao objeto do desejo que falta na cadeia (significante) (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 711).

No campo Simbólico, o desejo do sujeito é marcado pela busca incessante por um objeto perdido, o objeto *a*, que jamais pode ser recuperado em sua totalidade. Essa busca, mediada pela fantasia, funciona como uma tentativa de mascarar a falta estrutural inerente ao desejo, ao mesmo tempo em que encobre a impossibilidade de satisfação plena. O objeto *a* não é um objeto empírico, mas um resíduo, associado ao desejo do Outro. Como Lacan destaca no *Seminário 6* (1901-1981/2016), o desejo é sustentado por essa dinâmica, movendo-se em direção a um reconhecimento que permanece inalcançável. Quanto ao objeto *a*, sua natureza é ser um resíduo, um resto — “nomeadamente o resíduo deixado pelo ser com que o sujeito falante se confronta, o resto de toda demanda possível” (Lacan, 1901-1981/2016, p. 512). Assim, a alienação no Outro surge como estratégia para lidar com essa falta essencial, enquanto a fantasia organiza e dá sentido a essa busca interminável, cumprindo o papel de preencher simbolicamente a ausência do objeto *a*.

O falo nada mais é que o significante do desejo do desejo. O desejo não tem outro objeto além do significante de seu reconhecimento. É o que nos permite deixar de ser incautos na troca que ocorre no nível do desejo, quando nos damos conta de que o sujeito passou para o outro lado da relação sujeito-objeto, que passou para *a*. Convém justamente entender que, nesse último termo, o sujeito não é mais que o significante do reconhecimento do desejo, não é mais que o significante do desejo do desejo. (Lacan, 1901-1981/2016, p. 512)

O objeto *a* pode ser compreendido, portanto, como o resto resultante da busca pelo reconhecimento, e essa ideia, segundo Lacan, nos diz sobre a relação entre o sujeito e o desejo. Essa busca não se limita a uma validação por parte do Outro, mas está ligada à tentativa do sujeito de encontrar, no Outro, significantes que permitam seu reconhecimento como sujeito desejante. Não se trata, então, de um objeto empírico, mas de uma busca subjetiva: a busca no Outro — entendido como o lugar da linguagem, da cultura e do social — por elementos que sustentem a constituição do sujeito e sua posição de desejo.

O objeto *a*, como resíduo ou resto deixado pela entrada do sujeito no campo Simbólico – ao traduzir necessidade em demanda –, constitui o que impulsiona o desejo, estruturado pelo hiato. Essa relação com o objeto *a* é mediada pela fantasia, a qual dá forma ao desejo no campo Simbólico, ao mesmo tempo em que funciona como uma defesa contra a angústia gerada pela falta estrutural. Na fantasia, o desejo é articulado em uma *mise-en-scène*, uma espécie de encenação psíquica que permite ao sujeito lidar com as proibições e limites que se estabelecem a partir da castração. Assim, a fantasia atua como um cenário Simbólico onde o desejo pode se expressar, mas sem nunca alcançar sua realização plena. Como destacam Laplanche e Pontalis (1982/2001):

Na medida em que o desejo está assim articulado na fantasia, este é igualmente lugar de operações defensivas; dá oportunidade aos processos de defesa mais primitivos, tais como o retorno sobre a própria pessoa, a inversão (de uma pulsão) em seu contrário, a negação, a projeção; Essas defesas estão, por sua vez, indissolavelmente ligadas à função primeira da fantasia — a *mise-en-scène* do desejo —, *mise-en-scène* onde a interdição está sempre presente na própria posição do desejo (Laplanche e Pontalis, 1982/2001, p. 173).

Para esclarecer brevemente o que Lacan herda da noção de fantasia em Freud e como a leitura lacaniana a ressignifica, exponho aqui as principais características da fantasia segundo Freud. Assim como os sonhos, as fantasias são realizações de desejos infantis recalçados que se aproveitam da queda das resistências para se manifestarem. Roudinesco e Plon (1997/1998) comentam sobre o sonho e a fantasia: “(...) é no sonho que reside a definição freudiana do desejo: o sonho é a realização de um desejo recalçado e a fantasia é a realização alucinatória do desejo em si.” (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 147). Freud entende a fantasia como um mecanismo de disfarce, uma forma de ocultar o desejo para que ele não se realize de maneira explícita. Esse disfarce projeta o desejo em outro objeto, evitando sua expressão direta. Além disso, Freud destaca que, nos sintomas, um de seus diversos significados é a representação de uma fantasia sexual. A fantasia, portanto, funciona como uma estratégia de evitar o confronto com o objeto de desejo recalçado, pois, caso esse desejo emergisse à consciência, poderia causar repulsa. Por isso, podemos atribuir à fantasia freudiana uma face negativa, entendendo-a como um meio de encobrir o desejo real, impedindo-o de surgir plenamente à consciência. De acordo com Soria, Freud “(...) mostra-nos como a interpretação de elementos oníricos é inserida na arte psicanalítica, ou como podemos trabalhar a fantasia em análise (uma vez que fantasia e sonho encontram-se lado a lado). Para isso, tem-se de trazer à luz o desejo infantil recalçado.” (2008, p. 90).

Lacan, assim como Freud, aponta a fantasia como um meio de expressão do desejo. No entanto, o desejo fantasístico, segundo Lacan, é metonímico, pois busca se expressar pela linguagem, deslocando-se por diversos objetos na tentativa de preencher a falta inerente ao desejo, mesmo que essa falta seja estrutural e insuperável. Dessa forma, a fantasia não deve ser entendida como um disfarce para realizar o desejo ou uma forma de proteger o sujeito dele, mas como um modo de lidar com a angústia causada pela falta do desejo.

A fantasia é o suporte do desejo – enuncia Lacan inúmeras vezes e de diferentes formas –, ela indica para onde o desejo deve se direcionar e com qual objeto o sujeito deve se ligar. Ela se defende do desejo em seu caráter real, não significável, e que alude à castração, e constitui agora um desejo contextualizado por sua tela fantasmática, um desejo que agora tem, ilusoriamente, objetos com os quais se ligar (Palma e Jorge, 2021, p. 171-172).

Assim, Lacan oferece uma visão positiva da fantasia, considerando-a um mecanismo que permite ao sujeito escapar da angústia da falta, ao possibilitar o uso de outros objetos que sirvam ao movimento metonímico do desejo. Kaufmann (1993/1996) escreve:

Mas temos de considerar agora a face positiva do vínculo eventual entre a fantasia e o desejo. Na perspectiva lacaniana, trata-se da função de "causa do desejo", a que podem servir a fantasia e seu objeto. [...] O que, para um sujeito, o acesso à fantasia permite como "estratégia" em relação ao desejo passa pela utilização da causa do desejo assim entendida. Essa noção de causa do desejo supõe, a nosso ver, ligação, relacionamento entre o desejo e o objeto (Kaufmann, 1993/1996, p. 199).

Lacan ressignifica a noção freudiana de fantasia e a forma como ela se articula ao desejo. Enquanto Freud entende a fantasia como uma realização alucinatória ou um disfarce do desejo recalçado, Lacan propõe uma visão mais ampla e positiva, destacando a fantasia como essencial na relação com a falta estrutural do desejo. Na perspectiva lacaniana, a fantasia não apenas encobre a angústia da falta, mas organiza os objetos de desejo, possibilitando ao sujeito lidar com o vazio central que o constitui.

O desejo na fantasia, como vimos, é metonímico: desloca-se continuamente por uma cadeia de objetos substitutivos, sem nunca alcançar uma satisfação plena. Nesse movimento, a fantasia tem o papel de estruturar essa busca interminável, ao mesmo tempo em que permite ao sujeito escapar da angústia gerada pela falta do objeto *a* — esse resto inalcançável que dá forma ao desejo.

Lacan destaca que a fantasia é o lugar onde o sujeito articula seu desejo, e é nela que o objeto *a* aparece como causa de desejo. A próxima seção, portanto, se dedicará a pensar sobre esse objeto causa de desejo e sua relação com *das Ding*.

#### 4.4 Relações entre *das Ding* e desejo em Lacan

A relação entre o desejo e seus objetos ganha destaque na teoria lacaniana, pois é a partir dessa articulação que emerge a noção do objeto *a* como causa do desejo. Diferentemente da ideia de que o desejo seria definido por um objeto específico, Lacan propõe que o desejo é estruturado pela falta e sustentado pelo objeto causa, um elemento que não é empírico, mas opera como motor do desejo. Essa concepção desloca a busca pelo "preenchimento" para um registro que é, essencialmente, marcado pela impossibilidade. Assim, ao analisarmos o objeto causa de desejo, aprofundamos a compreensão do desejo metonímico, da fantasia e da forma como o sujeito organiza sua relação com o Outro, sempre em torno da ausência.

Podemos destacar, aqui, a leitura de Bernard Baas, em *O desejo puro* (1992/2001), sobre o desejo metonímico, elaborado por Lacan como esse constante deslocamento do sujeito entre vários objetos, em busca de uma satisfação que nunca é plenamente alcançada. Para se referir a esses objetos desejados, o autor utiliza o termo grego *epitúmenos* (desejo, anseio). Esse movimento de busca pela origem do desejo frequentemente leva à criação de fantasias míticas, como o "corpo da mãe", que tentam dar sentido à origem do desejo. Contudo, como já abordado neste capítulo, o desejo metonímico ou fantasístico não corresponde ao desejo em sua essência (*das Ding*)<sup>39</sup>, mas é apenas uma tentativa de lidar com a falta estruturante que o define.

Na ordem do desejo, tal como o analisa Lacan, a faculdade de desejar se aplica aos objetos do desejo. É, a propósito destes objetos do desejo, destes *epitúmenos*, que se dá o desvio substitutivo ou cadeia metonímica do desejo. Remonta-se esta cadeia - o que se chama, na terminologia clínica da psicanálise, a regressão -, arrisca-se muito a não chegar a parte alguma (só a construir o mito do corpo da mãe ou outro grito primal). É por isso que, explica Lacan (ao menos segundo a leitura que me parece se impor), acima da faculdade de desejar, que faz do objeto sensível um objeto desejado (que

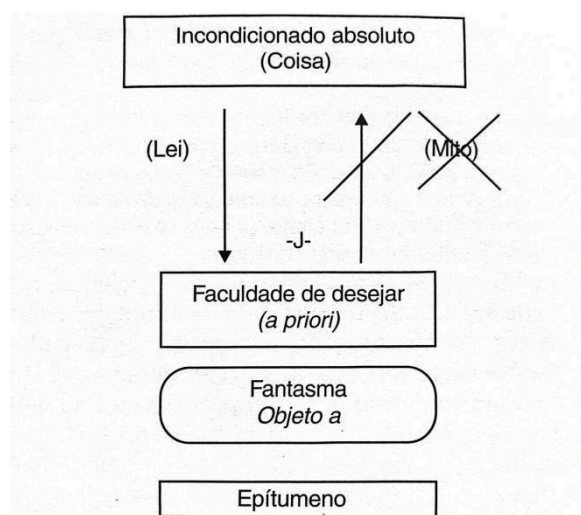
<sup>39</sup> "Sensível ao vínculo postulado por Freud entre a repetição e o inconsciente, Lacan observou que a repetição inconsciente nunca é uma repetição no sentido habitual de reprodução do idêntico: a repetição é o movimento, ou melhor, a pulsação que subjaz à busca de um objeto, de uma coisa (*das Ding*) sempre situada além desta ou daquela coisa particular e, por isso mesmo, impossível de atingir." (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 658).

se relaciona ao *epitúmeno*), há a Coisa, isto é a pura falta, que não é o substituto ou a metonímia de nada antes dele, é o incondicionado (Baas, 1992/2001 p. 35-36).

A Coisa (*das Ding*) não diz respeito aos *epitúmenos* — os objetos do desejo —, mas sim ao hiato, àquilo que não pode ser dito e que é insubstituível. Trata-se do que dá forma ao desejo, o motor da busca desejante, mas que permanece inalcançável. Por sua própria natureza, é impossível conceber a Coisa como algo representável, pois isso a reduziria a uma fantasia que buscaria preenchê-la, transformando-a em um mito ilusório. Nesse sentido, Bernard Baas (1992/2001) ressalta que

A Coisa – pode-se dizer – é o 'focus imaginarius' do desejo, de maneira que não seria questão constituir a Coisa em epitúmeno. Transgredir esta proibição [...] só pode se fazer elaborando um mito [...], mito que vem dar uma figura necessariamente ilusória a esta Coisa estritamente não-figurável (Baas, 1992/2001, p. 38).

Para ilustrar melhor a relação entre a Coisa, os *epitúmenos*, o desejo metonímico, o mito, a Lei simbólica e o objeto *a*, Bernard Baas apresenta um diagrama que sintetiza visualmente essa articulação teórica. A imagem será incluída a seguir, permitindo uma compreensão mais clara do que acabamos de discutir, especialmente no que diz respeito à posição da Coisa como algo inalcançável e não representável, em contraste com os objetos de desejo.



(Baas, 1992/2001, p. 48)

Coutinho Jorge (2005) destaca as diferenças fundamentais entre *das Ding* e o objeto *a* na teoria de Lacan. A Coisa é uma estrutura universal, ligada ao campo do Real, que aponta para a impossibilidade de simbolização. Trata-se de uma falta estrutural que afeta todo sujeito, marcada pela entrada na linguagem e pela ausência inerente a ela. Por outro lado, o objeto *a*,

enquanto causa do desejo, manifesta-se no campo do Simbólico e do Imaginário, ou seja, o objeto de “desejo tal como aparece em nossa formulação da fantasia” (Lacan, 2016, p. 374). Ainda que ele se apresente por meio de objetos que, de certa forma, oferecem satisfação ao sujeito, essa satisfação nunca é plena. Isso ocorre porque, em última instância, o sujeito sempre se confronta com a falta constitutiva que atravessa o desejo. Nas palavras do autor:

Com a ênfase posta sobre o objeto perdido do desejo enquanto Coisa, *das Ding*, e a nomeação do objeto causa do desejo como objeto *a*, uma importante distinção veio a ser introduzida por Lacan no que diz respeito à possibilidade de diferenciar o objeto perdido da espécie humana e o objeto perdido da história de cada sujeito. O objeto perdido da história de cada sujeito, objeto *a* pode ser re-encontrado nos sucessivos substitutos que o sujeito organiza para si em seus deslocamentos simbólicos e investimentos libidinais imaginários. Mas nesses reencontros, por trás dos objetos privilegiados de seu desejo, o sujeito irá sempre se deparar de forma inarredável com a Coisa perdida da espécie humana; o que significa que trata-se sempre, nos reencontros com o objeto, da repetição de um encontro faltoso com o Real (...). (Coutinho Jorge, 2005, p. 142)

Pensando na relação entre *das Ding* e objeto materno, Coutinho Jorge aponta que a confusão entre ambos é compreensível, especialmente quando analisada sob a perspectiva das teorias de relação de objeto<sup>40</sup>. As duas noções estão intimamente ligadas à falta e ao processo de constituição subjetiva, mas a distinção entre elas é fundamental, como o autor afirma:

A confusão entre *das Ding* e o objeto materno não é desprovida de razões, uma vez que o objeto materno apresenta o poder de funcionar para o sujeito como se fosse o objeto perdido da estrutura, comparecendo como o primeiro objeto que vem ocupar o lugar deste. O próprio Freud sublinhou o quanto o objeto materno se apresenta como podendo ocupar o lugar do objeto perdido da estrutura, devido a seu elevado poder de satisfação, não só para o bebê como também para a própria mãe [...]. No entanto, confundir *das Ding* com o objeto materno significa substituir o âmbito do impossível pelo do proibido. (Coutinho Jorge, 2005, p. 143).

Nas teorias da relação de objeto, a mãe é relacionada à ideia de um objeto a que o sujeito deve renunciar, pontuando o momento em que a castração promove essa separação. A mãe, antes da castração, representa para o sujeito a ideia de uma satisfação completa, ao suprir a necessidade fisiológica, como também o carinho, a atenção, o zelo, fortalecendo a ilusão de completude.

No entanto, Coutinho Jorge (2005) destaca uma diferença essencial entre *das Ding* e o objeto materno. *Das Ding* pertence ao campo do impossível: é o objeto radicalmente perdido,

---

<sup>40</sup> As teorias das relações de objeto enfatizam como as primeiras relações e interações com o meio externo são fundamentais para a constituição do sujeito.

faltoso, algo que nunca foi e nunca poderá ser simbolizado. Ele é uma estrutura universal que opera como um vazio central no desejo, vazio impossível de ser preenchido ou representado.

Por outro lado, o objeto materno situa-se no campo do proibido, já que, após a entrada no Simbólico, com a castração, há um corte na relação com a mãe. Essa proibição, no entanto, não implica impossibilidade. O objeto materno é possível de se acessar no campo da fantasia, que organiza o desejo ao redor da mãe enquanto um objeto Simbólico, ainda que proibido.

Quando relacionamos o desejo lacaniano caracterizado com esse hiato e não simbolizado, o objeto de desejo perdido nos remete ao objeto de desejo perdido que Freud nos apresenta durante a sua explicação sobre a experiência de satisfação. Isso não nos é novidade, pois já destacamos tanto a semelhança, quanto a diferença entre o desejo em Freud e Lacan durante os capítulos deste trabalho.

Para lembrarmos, em poucas linhas, o desejo, entre os dois psicanalistas, se aproxima na ideia de que ambos buscam compreender esse impulso que nos leva a buscar aquilo que nos falta, aquilo que foi perdido. Freud baseia-se na experiência de satisfação, em uma busca por reviver uma lembrança, um objeto que existiu, mas que se perdeu, e podemos considerar a teoria de Lacan nos apontando que sim, podemos pensar em um objeto perdido. No entanto, para ele, esse desejo é metonímico, pois houve simbolização. O desejo puro, primordial, que rege o sujeito como desejante, encontra-se na fenda, naquele vazio que nunca será preenchido. Baas (1992/2001) ressalta a relação entre o desejo e o objeto perdido em Freud, destacando o problema que surge ao aplicarmos essa perspectiva ao conceito de *das Ding*:

Além do desejo enquanto desejo articulado a um objeto desejado (o que eu chamo *epitúmeno*), há a Coisa, *das Ding*. Esclareçamos: enquanto objeto perdido, *das Ding* reenvia ao conceito freudiano de "experiência de satisfação", entendido como experiência originária. Mas, justamente, é este originário que faz problema aqui. Para Freud, há experiência originária, onde os traços mnêmicos constituem uma espécie de imagem desfeita do objeto satisfatório, tal qual ela determina a elaboração do desejo do sujeito e o compele a procurar o que foi perdido, segundo uma lógica da identidade (identidade de percepção e/ou identidade de pensamento) (Baas, 1992/2001, p. 31).

O estudo de Lacan sobre *das Ding* aprofunda o entendimento do desejo ao desvincular o desejo metonímico do desejo da falta. Em Freud, “o desejo está ligado a traços mnêmicos, a lembranças” (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 147), enquanto, para Lacan, o desejo emerge

como um escape na linguagem, ocorrendo no momento em que a necessidade se traduz em demanda.

Assim, o estudo de Lacan sobre *das Ding* nos leva a uma maior caracterização do desejo como algo estruturado pela impossibilidade, distante de qualquer tentativa de preenchimento ou simbolização plena. Ao diferenciar *das Ding* do objeto materno e do objeto causa do desejo (objeto *a*), Lacan nos apresenta uma teoria que vai além do campo do proibido e adentra o âmbito do impossível. Isso nos permite pensar o desejo não apenas como resultado de experiência de satisfação ou como uma relação com a fantasia, mas sim como algo estruturado por uma falta essencial e que é constitutiva do sujeito.

#### 4.5 Além de Freud, o desejo com Lacan

Ao longo deste capítulo, foi possível percorrer os principais caminhos que Lacan traça para reformular o conceito de desejo, promovendo um salto significativo em relação à teoria freudiana. Freud posiciona o desejo como algo ligado à experiência de satisfação primária, em que a busca por reviver o que foi perdido configura um movimento central. Essa dinâmica se baseia na relação com traços mnêmicos que guardam a lembrança de uma satisfação anterior, projetando o desejo na tentativa de reviver aquele momento. Lacan, por sua vez, desloca essa perspectiva ao introduzir a linguagem como elemento estruturante do desejo, retirando-o da relação direta com um objeto empírico e definindo seu lugar no furo linguístico.

O avanço sobre a ideia de desejo se dá a partir de uma série de conceitos centrais na teoria lacaniana, como a relação entre necessidade, demanda e desejo, a castração simbólica, o objeto *a* e a ideia da Coisa (*das Ding*). Ao integrar em seus estudos esses novos conceitos – e reinterpretar aqueles que já haviam sido desenvolvidos por Freud –, Lacan amplia a compreensão do desejo para além do que Freud propõe, evidenciando como o desejo é constituído a partir da falta. Enquanto Freud localiza o desejo na tentativa de reviver a experiência de satisfação, Lacan o estabelece como algo que surge no hiato entre a necessidade e a demanda, resultando de um processo em que a linguagem traz ao sujeito a relação com uma cadeia de significantes que é marcada pela impossibilidade de completude.

Lacan emprega esta palavra: "a Coisa", *das Ding*, precisamente porque *das Ding* não é dizível, ainda menos figurável, porque dar um conteúdo a esta Coisa, já é entrar no jogo dos significantes, já é confundir a coisa com o objeto desejado, a reduzir a um *epitúmeno*. Ora, a Coisa é além do jogo

significante pela qual se trama a função desejante do sujeito, mesmo se - ou antes porque que ela é a condição de possibilidade. Ela é, diz Lacan, o "fora-significado" (Baas, 1992/2001, p.32).

É preciso destacar a introdução do conceito de objeto *a*, causa do desejo. Esse objeto, está situado no campo Simbólico e é mediado pela fantasia, funcionando como um motor que impulsiona o desejo mas que não consegue preenchê-lo completamente. A partir dessa concepção, Lacan demonstra que o desejo, na fantasia, não é definido pela busca de um objeto específico, mas pelo deslocamento metonímico entre significantes, um movimento incessante e eterno de busca que reflete a impossibilidade de alcançar o que foi perdido.

Essa dinâmica entre a falta e o desejo também é mediada pela noção de castração simbólica. Lacan não rejeita o conceito freudiano de castração, mas o insere no campo da linguagem, destacando como ela promove a entrada do sujeito no Simbólico e, conseqüentemente, marca a impossibilidade de completude.

Outro ponto crucial no pensamento lacaniano é a forma como ele aborda a fantasia, oferecendo uma leitura amplificada em relação à proposta freudiana. Freud concebe a fantasia como um mecanismo de disfarce, uma forma de proteger o sujeito da realização consciente do desejo recalcado, projetando-o em objetos substitutivos. Lacan, no entanto, destaca o papel estruturante da fantasia na organização do desejo. Para ele, a fantasia não é apenas um disfarce, mas uma maneira do desejo se apresentar, ainda que metonimicamente, no Simbólico que permite ao sujeito lidar com a falta estrutural do desejo. Nesse sentido, a fantasia é positiva, pois oferece ao sujeito a possibilidade de se movimentar entre diferentes objetos e significantes, articulando o desejo de forma a mascarar a impossibilidade de preenchê-lo completamente.

Os avanços teóricos que Lacan promove à psicanálise, com foco no conceito de desejo, são conseqüências de sua nova definição de inconsciente. Diferentemente de Freud, Lacan concebe o inconsciente estruturado assim como a linguagem, um campo Simbólico onde o sujeito se constitui a partir de sua relação com o Outro e do entrelaçamento dos significantes. Essa nova perspectiva redefine o papel da subjetividade, ao vincular o desejo à falta estrutural gerada pela entrada do sujeito na linguagem, e interfere em todas as demais questões da teoria lacaniana, como a inovação do psicanalista ao instaurar os conceitos de demanda e de objeto *a*. Assim, é a centralidade da linguagem no inconsciente que proporciona as bases para a radical transformação que Lacan imprime à psicanálise.

Nesse contexto, o desejo, na teoria lacaniana, é fundamental para a constituição do sujeito. Como destaca Silveira (2022): “O desejo não é um evento recorrente na história do sujeito ou a expressão de um ciclo de comportamento [...]. Ao contrário, é ele a condição da existência do sujeito. Não há, a seu respeito, realização fenomênica mediante o objeto porque, em termos psicanalíticos, ele é a condição para o advento de qualquer fenômeno.” (Silveira, 2022, p. 257). Assim, o desejo emerge da subjetividade, reafirmando e avançando no papel central que ocupa na psicanálise e destacando sua importância como elemento que move o sujeito.

## 5 Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, buscamos responder à seguinte questão: por que a formulação do conceito de desejo em Lacan precisa distanciar-se do conceito estabelecido por Freud?. Portanto, o objetivo se concentrou na análise do movimento da psicanálise lacaniana, com foco na linguagem, ao reformular o conceito de desejo. Para isso, inicialmente, analisamos como Freud concebe o desejo a partir da experiência de satisfação e do funcionamento do inconsciente na primeira tópica, para seguirmos nos conceitos-chave de Lacan que o levam a reformular a ideia de inconsciente ao inseri-lo na estrutura da linguagem e reformular o conceito de desejo a partir da falta constitutiva do sujeito. Esse percurso teórico permitiu mostrar que, embora Lacan retome Freud, sua abordagem não se limita a uma releitura, mas traz uma inovação que destaca o lugar do sujeito diante do desejo.

Diante da inovação lacaniana ao conceber o inconsciente estruturado como uma linguagem, sendo esta a própria condição de sua existência, Roudinesco e Plon escrevem no *Dicionário de Psicanálise*:

A idéia lacaniana de uma primazia da linguagem — e, portanto, do significante — repousa no dado primordial de que o indivíduo não aprende a falar, mas é instituído (ou construído) como sujeito pela linguagem (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 378).

A resposta à questão diretriz desta pesquisa foi construída a partir da análise dos fundamentos do desejo em Freud e da reformulação proposta por Lacan. Para isso, no primeiro capítulo, investigamos a concepção freudiana do desejo na primeira teoria do aparelho psíquico, destacando a dinâmica entre os sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente. Vimos que, na experiência de satisfação, o primeiro atendimento da necessidade

cria uma associação entre os traços mnêmicos, e essa memória da satisfação será a primeira a ser ativada quando a emergência do desejo a impulsionar. Como destaca Garcia-Roza em *Introdução à metapsicologia freudiana: A interpretação dos sonhos*:

A partir da experiência de vivência de satisfação, estabelece-se uma ligação entre a imagem do objeto que proporcionou a satisfação e a imagem do movimento que permitiu a descarga. Com a repetição do estado de necessidade, surge imediatamente um impulso psíquico que procurará reinvestir a imagem-lembrança da percepção do objeto, reproduzindo a situação de satisfação original [...].

Primitivamente, portanto, o desejar estava ligado ao alucinar, o que a atividade desejanse visava era a identidade perceptiva, ou seja, repetir a percepção à qual estava ligada a satisfação da necessidade (Garcia-Roza, 2008, p. 183-184).

Contudo, a impossibilidade de reviver essa primeira experiência coloca o primeiro desejo em uma condição de irrealização. O desejo, então, se constitui como um movimento incessante, sempre orientado pela busca de uma satisfação que nunca poderá ser plenamente alcançada. Como escreve Garcia-Roza:

No entanto, esse reencontro é impossível. Melhor dizendo, é impossível o reencontro do mesmo. Há uma inevitável e essencial discrepância entre o objeto procurado e o objeto encontrado. A identidade perceptiva é impossível. Essa discordância entre o objeto buscado e o objeto encontrado funda a primeira dialética da teoria da sexualidade em Freud (Garcia-Roza, 2008, p. 38).

Além disso, a investigação de Freud sobre os sonhos revela que os desejos infantis recalçados são o motor dos sonhos, como também são o motor dos sintomas e se expressam na vida de vigília, como por exemplo nos atos falhos, evidenciando que é o desejo que nos move. O sonho, nesse sentido, apresenta-se como a realização de um desejo infantil recalçado.

Diante dessas informações principais sobre o desejo a partir da primeira tópica de Freud, avançamos nossos estudos nos conceitos investigados e trabalhados na teoria de Lacan para que pudéssemos compreender o desenvolvimento do psicanalista em relação ao desejo.

Vimos que Lacan fornece um salto à psicanálise ao afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. O psicanalista sustenta que o inconsciente opera segundo as leis da própria estrutura linguística. O jogo de significantes – regido por mecanismos como a metáfora e a metonímia – define o funcionamento do inconsciente. Essa concepção implica que o sujeito não domina a linguagem, mas é por ela constituído, sendo atravessado por uma rede de significantes que moldam sua subjetividade e estabelece, a partir de sua falta, o desejo. Assim, compreender o inconsciente exige decifrá-lo como um discurso, onde a fala

não é apenas comunicação, mas o caminho pelo qual o sujeito se inscreve no Simbólico. Essa perspectiva, ao dar primazia à linguagem, nos fornece a ideia lacaniana de que o sujeito se manifesta nas entrelinhas de seu discurso. É nessa direção que Lacan afirma, em *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998), que encontramos “toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente.” (p. 499)

Outro ponto essencial abordado, para entendermos a dinâmica do desejo, foi a relação entre os três registros da experiência propostos por Lacan: Imaginário, Simbólico e Real. O campo Imaginário se desenvolve a partir do estágio do espelho, momento em que a criança se vê refletida e passa a reconhecer sua imagem como completa, imagem que, no entanto, é ilusória. O desejo se dá a partir do Outro, o que significa, antes de mais nada, que o sujeito quer ser aquilo que falta no Outro (falo). Assim, a imagem idealizada a partir desse Outro fantasia a ideia de completude do eu, pois é essa estruturação espelhada que produz a ilusão de que a criança é o objeto do desejo do Outro (mãe).

O campo Simbólico é o registro da linguagem e das leis que estruturam o desejo e a subjetividade. Lacan o associa à entrada do sujeito na linguagem, que ocorre por meio da Lei do Pai e da castração simbólica. Esse processo se dá a partir do complexo de Édipo, que, em Lacan, é reformulado como um processo estruturado pela linguagem. Na primeira fase edípica, a criança busca ocupar o lugar do objeto do desejo materno. Na segunda, a intervenção do pai ou da função paterna introduz a castração simbólica, rompendo essa relação entre a criança e a mãe e inscrevendo o sujeito na ordem do Simbólico. Na terceira fase, a Lei do Pai se estabelece como reguladora do desejo, determinando a impossibilidade de completude e estruturando o sujeito desejante a partir da falta. Assim, a castração simbólica é fundamental para que o sujeito possa se situar no campo da linguagem e articular seu desejo na relação com o Outro. Ao ser inserido no campo da linguagem, o sujeito perde o acesso direto ao objeto de satisfação plena e passa a ser regulado pela falta e pelo desejo. No Simbólico, o desejo se articula na relação com o Outro, por meio dos significantes, e é sempre marcado pela impossibilidade de plena realização da tradução pela falta significante.

A criança, portanto, é sujeitada logo de saída a uma ordem terceira, a ordem simbólica, cujo esteio original é a metáfora do Nome-do-Pai. Por ser captada num universo significante, a criança começa a falar muito antes de saber conscientemente o que sua fala diz (Roudinesco e Plon, 1997/1998, p. 378)

Por fim, o campo do Real é descrito por Lacan como aquilo que escapa à simbolização. Trata-se de um registro que resiste à linguagem e se manifesta como impossível

de representar no discurso. O Real surge nos momentos em que o sujeito se depara com a falta simbólica, revelando uma fissura na estrutura da linguagem, do inconsciente. No que concerne ao desejo, o Real se relaciona à falta radical que jamais pode ser preenchida, pois remete a algo que nunca pode ser plenamente acessado.

Um ponto que nos foi fundamental para entendermos o desejo em Lacan é a relação entre necessidade, demanda e desejo. A explicação que o psicanalista oferece sobre esses conceitos nos dá um ponto central para compreendermos, diante da discussão sobre o inconsciente possuir uma estrutura como a da linguagem, de que modo o desejo se apresenta.

Conforme apresentado por Lacan, a necessidade, ligada às exigências biológicas, é satisfeita a partir da relação com o Outro. No entanto, essa relação vai além da mera satisfação da necessidade, pois todo o movimento que envolve esse momento é permeado por gestos de atenção e carinho.

A introdução do conceito de demanda nos ajuda a compreender que, com a entrada do sujeito no campo da linguagem, a mediação das necessidades pela linguagem não dispõe de significantes que comportem plenamente tudo o que é necessitado. Isso ocorre porque, além da exigência de satisfazer a necessidade biológica, a demanda também carrega o pedido pelo carinho que acompanhava a resposta do Outro.

Ou seja, ao demandar algo do Outro, o sujeito busca, para além da necessidade, o reconhecimento do Outro, carregando o pedido de amor que lhe era dado durante o atendimento da necessidade. Essa demanda não é apenas por um objeto, mas pelo desejo de ser desejado pelo Outro, algo que não pode ser plenamente traduzido pela linguagem, instaurando um hiato.

O desejo surge justamente nesse intervalo entre necessidade e demanda. Esse hiato ocorre porque os significantes não capturam totalmente a demanda e, da mesma forma, também há uma falta no Outro, pois ele igualmente está inserido na linguagem. Assim, o Outro não consegue responder de modo absoluto à demanda, o que configura uma falta estrutural. É essa característica que torna o desejo impossível de ser plenamente satisfeito, mantendo-o como um movimento contínuo em busca de algo sempre além.

Dadas as características que compõem o pensamento lacaniano, aprofundamos a discussão sobre o distanciamento teórico entre Freud e Lacan e percebemos que, enquanto Freud associa o desejo à tentativa de reviver a experiência de satisfação inaugurada pela

necessidade fisiológica, Lacan reformula essa noção ao inseri-la na estrutura da linguagem, ou seja, o psicanalista afasta a ideia de desejo dessa busca por uma vivência e o inscreve no campo Simbólico, onde ele não corresponde a reviver uma experiência passada, mas a uma falta estrutural imposta pela linguagem. O conceito de demanda, introduzido por Lacan, evidencia essa passagem da necessidade para o campo da linguagem, revelando a impossibilidade de uma tradução completa. O desejo, então, não é um impulso em busca de uma satisfação específica, mas um movimento contínuo, sempre marcado pela ausência e pela impossibilidade de completude. A diferenciação entre o conceito de desejo em Freud e Lacan é destacada por Kaufmann no *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*:

Na cultura psicanalítica, literária e filosófica de língua francesa, o termo *désir* (desejo) designa o campo de existência do sujeito humano sexuado, em oposição a toda abordagem teórica do humano que se limitaria ao biológico, aos comportamentos ou aos sistemas de relação. No desenho desse campo, a obra de Lacan, com a distinção que estabelece entre necessidade, demanda e desejo, é decisiva. [...] Em Freud, a noção de desejo não ocupa o mesmo lugar que em seu intérprete Lacan. No primeiro, não é a trilogia da necessidade, da demanda e do desejo que recorta o campo do sexual; é, por um lado, um termo no plural, os desejos [...] e, por outro, uma expressão característica da abordagem freudiana: *Wunscherfüllung* ou realização de desejo [...]. Tentemos [...] apreender a diferença entre uma teoria do desejo como falta de seu objeto e uma teoria do desejo como realização espontaneamente alucinatória de seu fim (Kaufmann, 1993/1996, p.114).

Outra diferença a se destacar está na forma como cada um compreende a estrutura do inconsciente. Freud descreve o inconsciente como um reservatório de conteúdos recalçados que buscam retorno, enquanto Lacan reformula essa ideia ao afirmar que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Se, em Freud, os sintomas são realizações de desejo recalçado, em Lacan, o desejo só pode ser pensado como uma falta estrutural, que tem lugar a partir da entrada do sujeito no Simbólico, e ele só se manifesta simbolicamente a partir da fantasia, relacionada ao objeto *a*. Assim, enquanto Freud analisa o desejo a partir do recalque e da realização disfarçada, Lacan o insere em uma lógica de falta e significação.

Como a linguagem nunca pode traduzir completamente a necessidade, o desejo se estrutura como uma busca incessante por um objeto que nunca se realiza plenamente. O objeto *a* representa essa falta estrutural e funciona como causa do desejo e, a partir da fantasia, se desloca de um objeto para outro sem jamais encontrar o objeto de realização do desejo, uma vez que ele não existe. Dessa forma, o desejo é sempre o desejo do Outro, pois o

sujeito deseja aquilo que acredita que falta ao Outro, sustentando uma dinâmica de desejo que nunca se realizará.

Portanto, todas essas informações sobre as diferenças entre Freud e Lacan são elementos da resposta à questão diretriz desta pesquisa: por que a formulação do conceito de desejo em Lacan precisa se distanciar da de Freud? Esse distanciamento se dá porque Lacan, ao centralizar a linguagem para a compreensão do inconsciente, se distancia, de certo modo, do inconsciente proposto por Freud, que se trata de uma instância psíquica a qual abarca, dentre outros conteúdos, o desejo.

O desejo em Lacan passa, então, do campo da necessidade e da vivência de satisfação proposto por Freud, para a estrutura da linguagem e da falta. Dito de outro modo, enquanto Freud compreende o desejo como uma tentativa de reviver uma experiência inaugural de satisfação, Lacan reformula essa noção ao demonstrar que o desejo se sustenta na impossibilidade de completude diante da falta significante durante a tradução de necessidade em demanda. Como aponta Safatle (2006): “Ora, para Lacan, a falta-a-ser do desejo não vem da falta do objeto materno.[...] Lacan se recusa a fenomenalizar a causa da falta própria ao desejo. Recusa que pode nos explicar como é possível perder algo que nunca tivemos”<sup>41</sup> (p. 84). Assim, não se trata mais da busca por um objeto perdido, mas da própria consequência da entrada do sujeito no Simbólico, onde o desejo se constitui como um movimento incessante e sempre mediado pelo Outro.

---

<sup>41</sup> Embora, nesta citação, Safatle se refira ao Seminário 7 *A ética da psicanálise*, que não é abordado diretamente aqui, é possível, a partir dos recortes feitos nesta pesquisa dos seminários anteriores, chegar a essa mesma ideia da falta inerente ao desejo.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. P. **O desejo na psicanálise: do objeto do desejo ao objeto causa de desejo.** 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- BAAS, Bernard. (1992) **O desejo puro.** Trad. Ana Lúcia Lutterbach Rodrigues Holk. Rio de Janeiro: Reinventer, 2001.
- BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa.** 2 ed. São Paulo: FTD, 2007.
- CARONE, André Medina. **A descoberta do inconsciente: guia de estudos: filosofia e psicanálise.** UFLA, Lavras, 2015.
- CAROPRESO, Fátima. Dor e desejo na teoria freudiana do aparelho psíquico e das neuroses. **Rev. Filos. Aurora**, v. 21, n. 29, p. 569-590. Curitiba: jul./dez. 2009.
- CAROPRESO, Fátima. Representação, atenção e consciência na primeira teoria freudiana do aparelho psíquico. **Nat. hum.**, v.10, n.1. São Paulo: jun. 2008.
- CHAVES, Wilson. C. O estatuto do real em Lacan: dos primeiros escritos ao seminário VII, a ética da psicanálise. **Paidéia: Ribeirão Preto**, v. 16, n. 34, p. 161–168, mai. 2006.
- COUTINHO JORGE, Marco A. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- DANZIATO, Leonardo Barreira. Considerações lacanianas sobre a Verneinung de Freud. **Contextos Clínic**, v. 5, n. 1, p. 37-44. São Leopoldo: jul. 2012.
- DOR, Joël. (1985) **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem.** Trad. Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- EVANS, D. **An introductory dictionary of lacanian psychoanalysis.** Londres e Nova York: Routledge. 1996.
- FERREIRA, Nádia. P. Jacques Lacan: apropriação e subversão da linguística. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 5, n. 1, p. 113–131, jan. 2002.
- FINGERMANN, Dominique. Desejo e Repetição. **Revista De Psicanálise Stylus**, (28), p. 67–77, 2014.

FREUD, Sigmund. (1950 [1895]) **Projeto para uma Psicologia Científica**. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. (1900) **A interpretação dos sonhos**. Trad. Paulo César de Souza. V. 4 São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. (1901-1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos**. Trad. Paulo César de Souza. 11 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. (1915) O inconsciente. In: **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Trad. Paulo César de Souza. V. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p . 75 - 112.

FREUD, Sigmund. (1920) **Além do princípio de prazer**. Trad. Renato Zwick. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2016.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente**. 7 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KAUFMANN, Pierre. (1993) **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan** . Trad. Vera Ribeiro. Maria Luiza X. de A. Borges: consultoria, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KOJÈVE, Alexandre. (1947) **Introdução à Leitura de Hegel**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto: EDUERJ, 2002.

LACAN, Jacques. (1932) **Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade**. Trad. Aluisio Menezes, Marco A. Coutinho Jorge e Potiguara Mendes Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

LACAN, Jacques. (1946) Formulações sobre a causalidade psíquica. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1948) A agressividade em psicanálise. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1949) O estágio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1957) A psicanálise e seu ensino. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1964) Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista (1964). In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1960a) Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade”. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1960b) Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1975) **O seminário. Livro I: Os escritos técnicos de Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, Jacques. (1978) **O seminário. Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. (1981) **O seminário. Livro 3: As psicoses**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. (1994) **O seminário. Livro 4: A relação de objeto**. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. (1998) **O seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. (2013) **O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação**. Trad. Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. (1982) **Vocabulário da psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. 4 ed. São Paulo : Martins Fontes, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1950) Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

LIMA, Katiane. J. P.; APEL, Nauana T.; OLIVEIRA, Ana Maria M. O inconsciente de Freud A Lacan. **AKRÓPOLIS - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, [S. l.], v. 24, n. 2, 2017.

LUCERO, Ariana. **Relação de objeto e constituição subjetiva: considerações sobre o objeto a em Jacques Lacan**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MOREIRA, Jacqueline O. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 2, p. 219–227, maio, 2004.

MORESCHI, Elizabeth M. **Lacan e o retorno a Freud: os caminhos da formalização da subversão do sujeito e da dialética do desejo**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

PALMA, Renato Jesus A. P.; JORGE, Marco Antonio C. A constituição subjetiva no grafo do desejo de Lacan. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 26, n. 1, p. 160-179, abr. 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. (1997) **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFATLE, V. **A paixão do negativo: Lacan e a dialética**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SCOTTI, Sérgio. Psicanálise: uma ética do desejo. **Revista de Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 56-60. Fortaleza: jul./dez. 2012.

SALES, Léa S. Psicanálise lacaniana e estruturalismo: a condução do desejo como função pura a um plano transcendental. **Psicologia USP**, v. 20, n. 4, p. 539–554, out. 2009.

SILVEIRA, Léa. **A travessia da estrutura em Jacques Lacan**. São Paulo: Blucher, 2022.

SILVEIRA, Léa. Linguagem no Discurso de Roma: programa de leitura da psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 1, p. 49–58, jan. 2004.

SILVEIRA, Léa. Para além do desejo de nada: o objeto *a* como resistência ao plano transcendental dos significantes na psicanálise lacaniana. **Estudos Lacanianos**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 295-310, jul./dez. 2008.

SIMANKE, Richard T. A universalização da falta: o risco normativo da psicanálise lacaniana. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 49-79, 2012.

SIMANKE, Richard T. **Composição e estilo da metapsicologia lacaniana**: os anos de formação (1932-1953). Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SIMANKE, Richard T. Metapsicologia lacaniana: os anos de formação. São Paulo: **Discurso Editorial**; Curitiba: Editora UFPR, 2002.

SIMANKE, Richard; CAROPRESO, Fátima. O conceito de consciência no Projeto de uma psicologia de Freud e suas implicações metapsicológicas. **Trans/Form/Ação**, v. 28, n. 1, p. 85–108, 2005.

SORIA, Ana Carolina S. O “caso Dora”: algumas considerações acerca da sua redação. **Cadernos De Filosofia Alemã: Crítica E Modernidade**, 11, 83-98, 2008.